

MORRIS WEST

Autor de *Ponto de fuga*



Do Alto da Montanha
O TESTEMUNHO DE UM PEREGRINO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MORRIS
WEST

Do alto da Montanha

O TESTEMUNHO DE UM PEREGRINO

Tradução de
JAIME RODRIGUES



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Sinopse

Do alto da montanha: testemunho de um peregrino é uma narrativa lírica e profunda da vida, das paixões e, sobretudo, das crenças de Morris West, um dos maiores romancistas deste século.

Aos oitenta anos, o escritor australiano decidiu atender aos apelos que escutou durante muitos anos para transpor para as páginas a história da sua vida. E é justamente aí que reside a característica mais marcante do livro: West optou por evitar a autobiografia convencional. Com o mesmo estilo e domínio da narrativa que o notabilizou, ele fala de suas experiências como quem relata uma aventura, na qual aparece como protagonista. Cada capítulo revela importantes detalhes da vida do autor, como sua oposição à guerra do Vietnã, em 1965, quando foi alvo de uma campanha pública movida pelo primeiro-ministro australiano. Sua admiração pelo filósofo italiano Giordano Bruno, queimado como herege no século XVI, também é abertamente assumida. Mas é às jornadas como peregrino cristão que Morris West dedica maior ênfase. O autor conta como sua fé foi sendo duramente conquistada até a definitiva aceitação de Deus — um relato comovente, que faz de Do alto da montanha: o testemunho de um peregrino uma obra atemporal e cheia de espiritualidade. West é autor de vários sucessos literários, com destaque para Ponto de fuga, O advogado do diabo e a bem-sucedida trilogia do Vaticano – que inclui os livros As sandálias do pescador (com mais de milhões de exemplares vendidos em todo o mundo), Os fantoches de Deus e O milagre de Lázaro.

Obras do autor

O Advogado do Diabo

Os Amantes

Arlequim

A Concubina

Os Fantoches de Deus

A Filha do Silêncio

Fora de Série

Kundu

O Mestre-de-cerimônias

O Milagre de Lázaro

Um Mundo Transparente

O Navegante

Ponto de Fuga

O Preço da Honra

Proteu

A Salamandra

As Sandálias do Pescador

O Verão do Lobo Vermelho

Digitalização, revisão e formatação:
LAVRo – Luis Antonio Vergara Rojas

*Para Julie e Elizabeth, que fizeram parte da história
que não foi contada*

Pois Nele vivemos, nos movemos e existimos

Atos dos Apóstolos, 17,28

Prólogo

Fui solicitado, muitas vezes a escrever a história da minha vida. E sempre me recusei. Os registros de minha existência e obras já foram apresentados sob os respeitáveis véus da ficção. O que exponho aqui, em vez disso, é um ato de fé: o testemunho de um peregrino com uma concha de ameijoas no chapéu, um cajado na mão, com oitenta anos de vividas recordações na mente e em suas doloridas juntas. É também uma celebração da sobrevivência e o reconhecimento dos imerecidos dons que a tornaram possível.

Quando comecei a escrever senti-me como um alpinista que, após longa e árdua ascensão, atingira o ponto mais elevado da cordilheira e, assim sendo, pára a fim de respirar e reunir coragem para o último estágio da jornada.

Ao olhar para trás, vejo um longo e gradual declive com todos os seus lineamentos visíveis: as sombrias florestas, as verdes campinas, os afloramentos rochosos, as torrentes rutilantes, os brejos, os perigosos desfiladeiros, as agências dos correios, os locais de emboscadas. A paisagem é silenciosa e deserta, como um mapa em relevo preparado para um combate simulado, mas outrora, na verdade, fora um campo de batalha, ruidoso devido ao fragor da refrega. Apresento as minhas saudações aos que tombaram. E me pergunto o que teria acontecido aos demais sobreviventes. Eu me interrogo, também, por que fui tratado com indulgência e mantido nesta posição tão elevada onde contemplo meu passado.

Sinto-me surpreso porque esse indeterminado espaço de tempo é tão calmo. A seguir, recordo-me que o que vejo é, todo ele, terreno conquistado. Não poderá ser disputado novamente, jamais, e nem eu, nunca, poderei a ele retornar. Sequer posso permanecer aqui, na transitória e estática calma deste elevado ponto. A peregrinação ainda não terminou.

Diante de mim o terreno precipita-se abruptamente em um vale sombrio, além do qual vejo — ou suponho ver — as luzes da cidade que é o objetivo da minha peregrinação. Segundo qualquer

mensuração de tempo, espaço ou probabilidade, não estou muito distante dela, mas me ponho a indagar, como sempre, e muitas vezes antes o fiz, se a cidade não é uma ilusão, se as luzes não são fogos-fátuos, santelmos. No entanto, sempre soube que, algum dia, teria de descer, sozinho, para o ensombrado vale e descobrir por mim mesmo o que existe do outro lado.

Por estranho que possa parecer, não sinto medo.

Aceitara, há muito, que uma profissão de fé é uma confissão de não ter conhecimento de nada. Aceitei a verdade de que a cidade existe, de que as luzes são reais e o que espera o peregrino é a volta ao lar.

Não posso prová-lo. Não sei se a mereço. Se a minha verdade for provada loucura, então que assim seja. A vida me serviu assim como serve a toda a gente, por vezes bem, às vezes mal, mas aprendi a ser grato às suas dádivas face ao amor que a iniciou e diante das posteriores afeições com que fui tão ricamente agraciado. Isto — permitam-me que o diga abertamente — não é mais do que o sincero reconhecimento da essência da minha boa fortuna.

Também estou familiarizado com as lágrimas e os terrores da vida humana. Ocasionalmente tenho a impressão de que as severas sanções aplicadas à vida humana são tão horrendas que é loucura relacioná-las a qualquer gênero de desígnio divino.

Somos concebidos sem consentimento, violentamente arrojados, a chorar, em um universo hostil, com a nossa sentença de morte já gravada nas palmas de nossas desamparadas mãos: um câncer corroerá as nossas entranhas, um fanático de espada à mão decepará as nossas cabeças, um idiota embriagado matará a muitos com um automóvel. Uma vez passada em julgado a sentença, poderá haver adiamento, mas não haverá lenitivo, comutação, anistia.

Se nada mais entendi das narrativas evangélicas, sempre compreendi a tragédia das últimas horas de Cristo no monte das Oliveiras e seu brado de absoluta, profunda mágoa pouco antes do fim: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" É isso que nos impulsiona rumo ao desespero: a completa indiferença do universo, a aloucada aparência de um cosmos sem início conhecido,

nenhum fim compreensível e nenhum aparente significado em sua brutal dinâmica. Acredito que é este desespero que alimenta as crueldades que praticamos uns com os outros. A maldade é destrutiva monotonia em nossas vidas. Podemos nos tornar tão endurecidos à sua obscenidade que ela não mais nos comove. Por outro lado, à medida que envelheço, mais se confirma a minha convicção de que todas as graças redentoras em nossas vidas atingem-nos em momentos aleatórios de absoluta revelação: o sorriso de uma criança adormecida, a face crestada de uma anciã dormitando ao sol.

O fato é que somente poderemos vir a sobreviver em comunhão, com o nosso presente, o nosso passado e com os empoeirados, doloridos pés dos nossos iguais pelos caminhos. Somos todos perseguidos pela poesia do viver:

canções de ninar parcialmente lembradas, o som de trens a apitar durante a noite, a fragrância da lavanda em um jardim estival. Somos perseguidos, também, pelo terror e pela aflição, por recordações de impensadas crueldades e pela macabra decomposição do tempo.

Tenho certeza, entretanto, que é neste domínio de nossa experiência cotidiana que o Criador estabelece comunhão conosco. É quando o essencial mistério da Encarnação se reproduz em si mesmo: o Deus vivo, tornado carne e morada, atraindo-nos em nossa própria língua e através dos símbolos de nossa vida cotidiana.

Isto, no que firmemente creio, é como mais comumente a revelação se apresenta a nós. A experiência humana sempre sobrepuja nossa capacidade em comunicá-la. Os mais comuns dos símbolos expressam diferentes significados em diferentes culturas. Nossas crenças exprimem-se em palavras que pertencem a outras eras, outros estágios de conhecimento, outras atmosferas de experiência. Você se recorda como, no Livro dos Juízes, os homens de Galaad pediam ao homem de Efraim para se identificar? Pediram-lhe que dissesse uma só palavra, "Chibolet". Ele a pronunciou "Cibolet".

Então eles o agarraram e o mataram nos vaus do Jordão.

Escrevo, portanto, sob o constante risco do mal-entendido.

Aceito os riscos; peço sua paciência e tolerância. Não procurarei impor-lhe minhas opiniões.

Deus o proíbe! Procurarei, simplesmente, partilhar minhas reflexões de cristão neste decênio milenário, antes que desça até o silêncio do vale ensombrado.

Não tenho verdades a lhe revelar. Vivo tal como você, envolto em antigos mistérios. Ocupo meu lugar na igreja, no domingo, e recito em clara e alta voz o venerável preceito de fé: "Acreditamos em um só Deus, o Pai, o Todo-Poderoso, criador do céu e da terra... em um só Senhor, Jesus Cristo, o único Filho de Deus... no Espírito Santo, o Senhor, dador da vida, que provém do Pai e do Filho..." Não sei como esta divina trindade se dá a conhecer, ou é entendida pela mulher de pé ao meu lado.

Juntos expressamos a afirmação que é mais antiga do que a crença em si mesma: "Cristo morreu. Cristo renasceu. Cristo retornará." A morte é historial. A ressurreição é notícia oriunda de testemunhas há muito desaparecidas. O advento é uma promessa há longo tempo diferida. Nós o afirmamos como uma das premissas básicas da nossa fé, embora não o possamos explicar. Certamente não poderemos comprová-la conforme quaisquer regras provativas; mais de metade da raça humana a repudia como superstição.

Os antigos sacerdotes falavam sobre a dádiva da fé.

Parece-me que havia uma dádiva primeva: um desejo, uma generosidade para receber a luz quando e se nos fosse oferecida. Essa generosidade é um atributo da percepção, como a poesia ou a divinação ou a maravilhosa imaginação de uma criança feliz.

Se você não recebeu a graça divina — ou se a perdeu ou se se desencaminhou —, será impelido de volta à razão, a mais nobre das capacidades, conforme os antigos gregos, porém jamais a explicação do mistério, do paradoxo e da tragédia da condição humana. Pelo contrário, a razão poderá tornar-se um cutelo de carrasco ou um disparador atômico, a menos que as razões do coração falem para protestar frente ao trágico contra-senso dos silogismos humanos.

O que nos foi legado? A mão do Criador gravada em cada pedra, fragmento ou tecido vivo sobre o planeta; a simplicidade da

reiterada mensagem de Jesus: "Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros"; finalmente, a promessa da continuidade do Espírito, o iluminante, o confortador, o qual, assim como o vento sopra onde quer, ondulando à semelhança dos trigais nos campos, e que, em nossa arrogância tribal, por vezes denominamos de trigo estrangeiro.

O que você deve esperar de mim, neste livro, é uma narrativa formal, uma argumentação conexa a respeito do que acredito e não acredito. Não tenho tempo nem gosto por polêmicas. Os detalhes de uma existência tão longa quanto a minha tornam-se indefiníveis. A dimensão do tempo adquire fluidez. Passado, presente e futuro fundem-se entre si tal como as correntes d'água que, todos os dias, vejo da janela do meu estúdio. A cada vez que tento registrá-las com a pena ou o pincel, elas se transmudaram antes que eu pudesse traçar a primeira linha.

Não há confusão nisso. Existe, apenas, senso de unidade, continuidade, mágica variedade — e essa é uma das recompensas da idade, as quais gostaria de partilhar com você.

Tive uma vida estranha, todavia rica e gratificante.

Sou naturalmente otimista. Pela educação sou inclinado à crença religiosa. Isso não me concede nenhum mérito especial, entretanto paguei elevado preço por todas as dádivas que vieram junto com ela.

Nasci em uma família católica de origem irlandesa e australiana, em uma época em que os irlandeses mantinham, ainda vívida na memória, recordações das perseguições, quando os cartazes à procura de trabalhadores ainda portavam a frase: "Nem católicos, nem judeus, nem irlandeses precisam se candidatar." Fui educado por professores que valorizavam o ensino porque seus antepassados foram instruídos nas restritas escolas da Irlanda.

Nossos pastores foram homens que deixaram a terra natal para manter viva a fé em uma distante e estranha terra, fundada como colônia penal. Éramos uma comunidade excludente e excluída. Aprendemos, pelo menos, o fundamental da caridade porque dela tínhamos recíproca necessidade. Conhecemos as asperezas da política porque precisávamos lutar com unhas e dentes para exercer

alguma influência em uma comunidade ainda dominada pelo império britânico.

Quando eu era muito jovem, antes dos quatorze anos, ingressei, como postulante, na Congregação dos Frades Irlandeses, meus antigos professores. Minha vida familiar não era feliz; meus pais estavam separados. Não obstante, não posso lamentar carência de amor porquanto o tive, em larga escala, em minha extensa família irlandesa. Quanto a mim, a decisão de juntar-me à congregação foi um ato de fuga. Porque a congregação era parte de um programa intitulado "estímulo às vocações", mas, na realidade, que, conforme o vejo agora, era uma forma de sedução dos jovens e imaturos para uma escolha que não estavam preparados para assumir.

Minha permanência na congregação durou doze anos e terminou na véspera de meus votos finais juntamente com a agoniada decisão de retornar a um mundo em relação ao qual era quase que totalmente ignorante. Em minha vida religiosa encontrei uns poucos santos, um certo número de aleijões emocionais, alguns brilhantes eruditos, uma larga quantidade de homens comuns, tais como eu, e um punhado de indivíduos maliciosos de quem, ainda hoje, não me posso recordar sem uma ponta de ressentimento. Eu mesmo não nasci para monge. Eu era impaciente, insatisfeito, enfasiado diante da obediência e do celibato; todavia, servi honrosamente durante o período dos votos que havia feito. A anotação de minha renúncia é clara: desisti de continuar.

A teologia que nos era transmitida era a da antiga fórmula tridentina: Escrituras e Tradição. O único e autêntico repositório da tradição, o único árbitro da fé e da moral era a Igreja — Santa, Romana, Católica e Apostólica. Os modernistas eram execrados, juntamente com os luteranos, os anabatistas e os antigos donatistas.

Quando os católicos eram perseguidos transformavam-se em mártires. Quando Simon de Montfort massacrou os albigenses, entenderam-no como um devoto cavaleiro extirpando abominável heresia.

Embora estivesse profundamente condicionado à época, não poderia vir a admitir posições tão contraditórias, inefáveis; à minha

inquietação emocional foi acrescentado um componente de incerteza intelectual.

O que é relevante a esta narrativa é que, na congregação, sofri minha primeira experiência das técnicas desenvolvidas para a lavagem do cérebro humano e para a sujeição do espírito humano. Eram praticadas pelo meu superior de noviços a quem, embora há longo tempo falecido, ainda encaro como um homem ignorante e rústico, psicologicamente deformado, anti-intelectual, espiritualmente obliterado, e que provocou graves e, por vezes, irreparáveis danos a muitos dos jovens postos sob seus cuidados.

Ele os humilhava com brutais penitências: raspava-lhes as cabeças, sentenciava-os a trabalhos extraordinários nos campos, fazendo com que ingerissem as refeições de joelhos. Ele os ofendia durante as aulas.

Tiranzava-os com terrores espirituais: danação em virtude de qualquer pensamento sexual, dupla danação devido a cada impulso de orgulho ou de revolta. Sentia repugnância por ele. Agora eu o perdôo. No entanto, sempre que amoleço em demasia, relembro um ou outro jovem pálido e compassivo em espasmos musculares, falando de forma inarticulada em uma subaguda forma de psicose, o que o nosso mentor depreciava como —apenas outro caso de dúvida de consciência". Ele foi o primeiro intimidador oficial com que me defrontei. Odiei a raça desde então, fossem eles marxistas, fascistas, burocratas ou grosseirões sargentos do exército.

Aprendi muito com ele, no entanto. Aprendi a silenciar e a esperar. Aprendi quão inútil é discutir com surdos. Aprendi a jamais confundir a verdade com a pessoa que a pregava ou a pervertia, sempre a suspeitar do desvairado evangelista que bradava: "Este é o caminho do céu. Sigam-me e eu os levarei até ele." Meu ofício é a palavra e, cedo, descobri quantas contradições podem ser lidas em um só texto.

Houve mais outra severa lição. Meu superior de noviços era um homem sem amor. Jamais havia conhecido o amor e, em consequência, não poderia dá-lo.

Ele pautava sua vida pela rotina, pelo ritual e pela palavra bíblica. Às mulheres, embora fosse um homem atlético, temia-as

tanto que se afastava a passo rápido quando elas se aproximavam. Rezava para que nunca fosse como ele. Eu sabia que jamais poderia acreditar no Deus que ele proclamava. Para alcançar a calma de que, graças a Deus, eu agora desfruto, tive de aprender a perdoá-lo.

O que não posso perdoar, e que jamais perdoarei, é a crueldade impessoal que as instituições — a minha própria igreja entre elas — praticam com seus membros e justificam com milhares de argumentos, nenhum dos quais considero aceitáveis. Dei combate a essa crueldade ao longo de toda a minha vida. Apego-me firmemente à mensagem do evangelho de que a autoridade é obtida através dos serviços prestados e não pelo exercício do poder. A magistralidade é própria do clero, e qualquer outro uso que se faça dela é perversão.

Acredito eu em Deus? Sim, acredito, embora não possa apresentar provas de sua existência, apesar de não acreditar em tudo o que está escrito ou aprovar tudo o que é feito em nome de Deus. Acredito que toda a criação é a imagem de Deus e que as mais diversas crenças englobam uma verdade essencial.

Em que acredito quanto ao gênero humano? Que somos animais maliciosos e, algumas vezes, loucos. Que o nosso gênero é passível de ser melhorado, todavia jamais, nunca perfectível. Essa brutalidade irá degradar-nos e apenas o amor, o respeito, a capacidade de perdoar poderão nos enobrecer.

Não acredito na sujeição disciplinar baseada no medo. Surpreendo-me, constantemente, face a muitas pessoas que a consideram aceitável. Elas me assustam como os espectros dos carcereiros de Belsen. A existência humana perigosa e áspera e inexistem respostas fáceis aos seus dilemas. Deus não está em toda parte, invariavelmente, como testemunho da criação. É essa aparente ausência que é o mais difícil teste de fé, esperança e amor.

Nenhuma crença define Deus. Nenhuma crença pode definir Deus. Nenhum conjunto de leis, nenhum sistema moral pode conter ou controlar as massas de animais humanos disseminadas pelo planeta, impelidas por primitivo instinto de sobrevivência. O mistério é que os seres humanos procuram Deus, assim como uma semente, semeada na terra escura, impele a brotação para cima a fim de se

expor ao sol. É esta instintiva procura pela energia da vida, este ato de voltar-se para a fonte do ser que constitui a natureza da experiência humana. É isto que torna o nascimento importante e a morte uma apropriada conclusão da vida.

Nosso Senhor não inventou a tábula do direito canônico. Ele não ditou a Summa de São Tomás de Aquino. Ele sentou-se ao pé de uma encosta, equilibrou-se em um barco balouçante afastado da praia. Falou em sinagogas e nas casas de gente do povo. As imagens que usou eram as mais simples dentre aquelas da vida rural:

flores e carneiros; cereais e ervas daninhas crescendo em meio ao trigo. Ele ensinou os seus seguidores a reconhecer o Deus desconhecido como "Pai". Percebi, várias vezes, que nós, cristãos, nos dividimos porque tentamos elaborar excessivamente a partir da majestosa simplicidade da mensagem que ele nos passou. Através de um conjunto de leis negamos a nós mesmos o privilégio de sermos filhos de Deus. Alienamo-nos uns dos outros, tal como os construtores da torre de Babel, posto que não identificamos as ideias que poderiam contribuir para nossa paz.

Precisamos admitir, inicialmente para nós mesmos, e a seguir, muito humildemente, para o outro, que vivemos no âmago de um mistério obscuro, o qual só podemos descrever, até agora, por meio de alegorias e lendas ou mediante estéreis e incompletas fórmulas da ciência natural.

O ato de fé não é um salto da escuridão para a luz. É uma afirmação de que a luz existe para além da escuridão, de que o caos e as desumanidades da existência fazem, ao fim e ao cabo, algum sentido, e que o ato criativo primordial, com tudo o que se seguiu a ele, foi um ato de amor.

A mais forte compulsão para acreditar não é a razão, mas a necessidade. Não suportamos viver em um universo enlouquecido. Somos compelidos, tendo em vista nossa própria sanidade, a dar algum sentido a isso.

Mais cedo ou mais tarde seremos forçados ou a blasfemar ou a peregrinar em busca da fonte da luz — o relicário onde o amor habita.

Esta abertura do Eu ao Outro, da Criatura ao Criador é o primeiro passo pela sinuosa estrada, o primeiro requisito para a prometida dádiva: "Procurem e encontrarão! Batam e abrirão a porta para vocês..."

Os Templos dos Estrangeiros

Uma das primeiras perguntas que se manifestaram em minha jovem mente foi a da preferência. Por que Deus escolheu o povo judeu como o único recipiente da revelação divina e da promessa messiânica? Mediante qual capricho criativo Deus teria excluído todos os demais? No decorrer do tempo a questão tornou-se mais específica. Por que estava eu entre aqueles escolhidos, não apenas para receber uma nova revelação de fé cristã, mas para disseminá-la como evangelista, desta maneira ocupando completamente os vazios com excêntricos desígnios? Eu ainda não era suficientemente cínico para indagar com que direito meus pais prometeram minha subordinação a um deus ou a uma instituição quando eu tinha somente uma semana de idade. No início, portanto, aceitei de boa-fé a resposta que me deram: que, em sua infinita sabedoria, o Todo-Poderoso assim o havia determinado.

O primórdio da minha educação, em consequência, inculcou-me preconceitos, o que significa prejulgamento, certezas sem meditação. Meu posterior treinamento como noviço foi — permita-me que o diga de forma clara — um exercício em intolerância. Todos os não-cristãos eram pagãos ou infiéis. Cristãos que não estivessem em consonância com Roma eram, de modo conveniente, ainda que incorretamente, qualificados como heréticos ou cismáticos. Casamentos mistos não eram vistos com bons olhos, simplesmente, mas ativamente desencorajados e depreciados através de rituais incompletos. A história da fé que nos ensinavam era fortemente depurada, e indagações sobre escândalos e contrafações históricas eram desencorajadas. Ainda estávamos vivendo no tempestuoso crepúsculo do papa Pio X, que havia exigido de todo o clero o juramento contra o "modernismo" e atormentara eruditos e intelectuais de tal maneira que seu sucessor, Bento XV, teve de apelar para a cessação oficial das hostilidades entre os inflexíveis tradicionalistas e os assim chamados modernistas.

Pio X morreu em 1914, e Bento XV pontificou até 1922,

todavia as condições ambientais na Igreja variam bem devagar e, até mesmo ao final dos anos 1920 e nos anos 1930, candidatos ao sacerdócio eram obrigados, antes da ordenação, a formalmente jurar que repudiavam os erros dos modernistas.

Os superiores irlandeses da nossa congregação desencorajavam-nos de qualquer interesse nessas questões. Não éramos clérigos. Não detínhamos autoridade eclesial. Éramos leigos ainda sob voto simples — mestres-escolas encarregados de passar adiante remotas certezas, não para despertar dúvidas ou debates nos jovens que estavam sob nossos cuidados. Não éramos filósofos ou teólogos ou historiadores. Esses elevados temas eram, de modo mais eficiente, encaminhados aos dominicanos, aos jesuítas, aos beneditinos. Menciono tudo isto não para reviver o fragor de velhas batalhas — ou atuais — porém, apenas, para destacar que cada época e cada religião possuem seus extremistas e seus literalistas, A influência que exercem é destrutiva e dissentânea. O condicionamento de seus discípulos é, em geral, bastante radical. A desprogramação nem sempre é bem-sucedida.

Minha carreira magisterial começou em 1934 em uma grande comunidade com cerca de vinte confrades, que atendiam a três escolas nos subúrbios de Sydney. Foi, de uma forma ou de outra, um ano de eventos que abalaram o mundo: Hitler, então chanceler da Alemanha, articulou a "Noite das Facas Longas", uma licenciosa festa homicida que eliminou toda oposição efetiva ao seu regime; o chanceler Dollfuss foi assassinado na Áustria; na China, Mao Tsé-tung iniciou a Grande Marcha.

Entretanto, em nosso pequeno e suburbano recanto, os ecos desses eventos eram postos em surdina como se fossem o murmúrio de uma distante tempestade. Não tínhamos rádio. Os juniores estavam proibidos de ler jornais seculares. A imprensa católica, à época, era notoriamente paroquial e sectária. O efeito dessa censura sobre mim foi o lento fermentar da dúvida e do descontentamento.

Eu não mais era o indivíduo inquestionador, o sincero crente em toda e qualquer coisa insignificante do cânon. No entanto, quanto mais dúvidas tinha, mais obrigado impunha-se-me resolvê-las comigo mesmo.

Meus problemas eram apenas meus. Eu não podia e não queria sobrecarregar os outros com eles. Eu precisava libertar-me da servidão a que me devotara. O que eu não compreendia era que eu fora despojado de minha própria e frágil identidade e não ousava, ainda, rejeitar o artefato religioso que me deram a fim de substituí-la.

Assim sendo, foi somente no final de 1939, quando eu deveria pronunciar meus votos finais e irrevogáveis, que tornei a decisão de que não poderia continuar. O ano letivo já terminara. No mundo externo, a guerra eclodira.

Eu não tinha a menor idéia do que esse mundo diferente significaria para mim. Tudo o que sabia é que precisava abandonar a congregação e, de alguma forma, em algum lugar, iniciar uma nova vida. Seria o instante da alforria; não obstante, mesmo depois que ultrapassasse os portões do colégio essa libertação não se concretizaria.

Eu realmente ignorava quem eu era ou para onde estava indo. Meus familiares eram estranhos para mim. Eu não os via havia quase um decênio. Viviam a cerca de mil quilômetros de distância. Naquele dia, não reuni coragem suficiente para realizar essa jornada de trem. Havia guerra na Europa, porém seus ecos eram apenas murmúrios, e haviam me ensinado que eu estava empenhado em um desafio básico, mais importante, a luta com o mundo, a carne e o demônio. Ainda me sentia no cativeiro, porém, agora, em solitário confinamento.

Em um sentido verdadeiramente real eu havia perdido, até mesmo, a linguagem com que poderia vir a me comunicar nesse novo e estranho caos.

Passei aquela noite em casa de amigos. Não me recordo do que foi dito ou como me comportei. Tudo o que sei é que, quando fui para a cama e desliguei a luz, vi-me a soluçar incontrolavelmente. Eu ainda estava chorando no momento em que a porta do quarto foi aberta, e uma das jovens da casa, uma moça da minha idade, entrou no quarto.

Ao amanhecer, ela se foi. Dois dias mais tarde eu também saí, a chocalhar em um trem superlotado, de volta à minha terra natal,

que havia deixado doze anos antes. Sentia-me ainda perdido e temeroso, porém sabia que um pequeno fragmento do mosaico de minha identidade perdida fora restaurado. Era, e ainda o é, como o primeiro brilho da estrela em meio à sombria escuridão de nuvens tempestuosas. Sempre fui grato à mulher que o deu para mim.

Entre mim e a paz em que, agora, eu me encontro ocorreram muitas, e ainda mais dolorosas, jornadas: os anos da guerra, um casamento fracassado, uma obsessiva e bem-sucedida carreira no rádio, um colapso nervoso, uma arriscada mudança profissional, um segundo casamento — dessa vez pleno de sucesso —, vinte anos de minha vida afastado da terra natal e uma longa batalha para sustentar minha lista de reclamações contra a injustiça na Igreja e meu direito de erguer a voz em seu interior. Conforme Teilhard de Chardin, devo confessar que, embora eu ame a Igreja na qual nasci e fui batizado, não consigo viver em paz com ela. Levou-me muito tempo para compreender que uma comunidade de crentes jamais é pacífica. É sempre inclinada à discussão e abrasiva. Até mesmo os discípulos de Nosso Senhor discutiam entre si. A paz do Espírito consolador vem singularmente, quietamente, tal como as primeiras maravilhas da infância: segurar uma concha perto do ouvido e escutar os murmúrios de todos os oceanos do mundo.

Para, mim, o que primeiro representou a libertação foi viajar. Recordo-me do odor forte, exótico e desagradável da Ásia quando, em pé, no convés de uma velha banheira grega que abria caminho, à meia-noite, pela enseada de Cingapura. Da mesma forma, também, lembro-me do chocalhar das correntes da âncora, enquanto baixávamos o gancho entre os despedaçados corais e enferrujados cascos na baía de Massawa, o porto do mar Vermelho a partir do qual os italianos invadiram a Abissínia. Entretanto, minhas sensações eram, sempre, algo diferentes — a Abissínia não era o reino de Hailé Selassié; era o império de preste João; Cingapura não era o pantanoso posto avançado do império britânico, que Raffles havia fundado, mas o pórtico às ilhas das especiarias, a rota dos primeiros navegadores espanhóis, portugueses e holandeses que abriram passagens marítimas à distante Gani. A geografia, a história e os cultos do género humano eram, para mim, uma contínua

tapeçaria.

Relembro com extrema vividez o longo verão no mar Egeu em que minha família e eu cruzamos, em nosso próprio navio, o Salamandra & Oro, todo um perolado conjunto de ilhas: a costa verde de Euboea, Skiathos, Skiros, Skopelos, a seguir rumando em direção às Kikladhes em meio a violenta tempestade. Quando o meltemi começou a soprar — e Deus sabe o quanto soprou naquele verão! —, abrigamos nos na pequena enseada de Tinos e nos juntamos à multidão de peregrinos que se dirigiam à igreja da Anunciação, onde existe um miraculoso ícone da Virgem da Boa Nova.

Estávamos despreparados seja para as multidões ou para a quase sufocante atmosfera de expectativa religiosa. Tinos é a Lourdes da igreja bizantina. Curas aqui são alcançadas e, este ano, disseram-nos que uma jovem, cega desde o nascimento, havia miraculosamente recuperado a visão. Não vimos a jovem, mas o fervor e a fé dos crentes eram, a cada momento, evidentes à medida que escalavam os degraus de pedra em direção ao santuário. Alguns deles subiam de joelhos. Mais uma vez tomei consciência de que o influxo divino de antigas crenças ainda impregna os santuários modernos.

Mikonos era a história ao contrário. Fora a ilha dos mortos, pois que na ilha de Delos, consagrada a Apolo e a Ártemis, não eram permitidos pássaros nem mortos.

Agora aqui havia mais vida do que em qualquer outra ilha do mar Egeu — turistas vindos em navios de cruzeiro e hippies de metade do mundo a dormir nas praias ou acampados nas encostas em torno dos moinhos e das brancas capelas votivas, muitas das quais foram construídas por marinheiros que conseguiram sobreviver aos perigos do mar. A enseada era um lugar inseguro, sem condições de constituir abrigo ao vento ou às fortes vagas.

Capitães de pequenos barcos pesqueiros amaldiçoavam-se reciprocamente, enquanto batalhavam para passar a noite ancorados, arrancando a pintura dos cascos ao ir de encontro ao quebra-mar ao longo do abarrotado cais.

Estávamos felizes por ter ido e navegar até Delos, abrindo

caminho com cuidado pelo velho e sagrado porto onde existe um sinal entalhado no calçamento. Ele indica a direção rumo aos Templos dos Estrangeiros. Os jogos de Delos, que eram celebrados a cada quatro anos, no mês de maio, realizavam-se em honra do deus Apoio e de sua irmã gêmea, Ártemis, a bela caçadora. Mas ali também existiam egípcios, com seus próprios deuses, nubis e Serápis, que conviviam lado a lado com as deidades da Síria.

Os antigos gregos eram suficientemente sábios para manter todos os seus deuses separados e todas as suas quizilas confinadas às casas de vinhos e aos bordéis ao longo do cais.

O meltémi empurrou-nos para o sul, mais uma vez, através da estreita passagem entre Paros e Naxos.

Passamos uma noite incômoda, ao sabor de ondas imensas, a sotavento de Ios e, a seguir, navegamos rumo à pavorosa, sombria depressão de Santorini. Para os marinheiros é um lugar estranho e medonho. No centro da cratera há uma tumultuada aglomeração de lava negra e estéril. A água ao redor permanece quente e sulfurosa, e as cracas morrem no casco do navio. Não há lugar para ancoragem, exceto em um pequeno e submerso arrecife descoberto pela marinha britânica. O restante da cratera está a milhares de metros de profundidade, a água escura e ameaçadora, recoberta de pedras-pomes flutuantes. Pode-se facilmente admitir que a Atlântida jaz submersa na escura cratera. Para aqueles que dispõem de iates, é possível incômoda ancoragem no extremo de um pequeno quebra-mar, acima do qual os íngremes rochedos formados por cinzas e pedras-pomes erguem-se abruptamente em direção ao cimo da montanha e à cidade. O único acesso é a pé — se você quiser sofrer um ataque cardíaco! ou por jumento, o que é garantia de um traseiro dolorido, moscas e as canelas arranhadas devido aos contrafortes toscos das paredes das rampas de acesso. À noite, se dormirmos a bordo, tombamos bruscamente e somos jogados contra a guarda dos passageiros vizinhos, enquanto o vigia de convés fica tranquilamente bêbado com o ouzo ou com o vinho doce local.

De Santorini, com vento pelo través, cobrimos a longa distância até Rhodes, onde a enseada era segura porém barulhenta, os servidores públicos mal-humorados e a comida para turistas

variando de comestível a abominável. Por mais rica que fosse sua história, a beleza das terras interioranas e a atração pela velha cidade dos cruzados, senti-me feliz ao ir embora e, bordejando contra o vento, ultrapassar Simi rumo à costa turca quase deserta, apesar de o verão estar no auge —, onde cada enseada parecia ter sua própria ruína particular, habitada por uma só família de pastores, e da qual era possível mergulhar entre fragmentos de louça de barro e blocos de pedra deixados pelos antigos construtores.

Entretanto, até mesmo aqui existem armadilhas para o marinheiro descuidado. O vento abranda pouco a pouco ao pôr-do-sol e, então, exatamente quando se supõe estar aconchegado para passar a noite, ele uiva por entre gargantas e desfiladeiros, afunilando-se em forte ventania. Assim, passa-se toda a noite acordado visto que a âncora arrasta-se pelo solo arenoso, e é preciso muita disposição até que se encontre um bolo de lama e mato que segurará o gancho e o manterá afastado dos escolhos. Três noites como essa e você ficará com os olhos congestionados, irritável e ansioso para ancorar onde possa descansar, encher os reservatórios de água e comprar comida fresca no mercado. Foi nesse estado de espírito de contido desespero que chegamos ao lugar que, de todas as ilhas, permaneceu em mim da maneira mais vívida e mais apaziguadora: a ilha de Kos.

É um lugar pequeno mas, mesmo em antigas eras, era famoso como local de repouso e de cura. O poeta Horácio recomendava o vinho de Kos e camarões como a melhor terapia para a ressaca. A seda de Kos era tão fina e transparente que era usada por imperadores e pelas cortesãs mais dispendiosas; malicioso provérbio dizia que nenhuma mulher de Kos poderia jurar que não estava nua, mesmo quando estivesse vestida. Todavia, admitia-se que os bichos-da-seda eram alimentados não com folhas da amoreira, mas com pó vulcânico, madeira do carvalho e terebinto e que, apesar de sua reputação, a seda era mais grosseira do que aquela produzida na China. Teócrito, o poeta, escreveu, em Kos, a respeito de seu amor por Lycidas, o pastor de cabras. Séculos mais tarde o viajante francês Porqueville declarou: "Não existe região mais agradável sob o céu do que Kos. Apreciando seus maravilhosos e perfumados

jardins poderá se dizer que ele é um paraíso terrestre." Kos, porém, possuía ainda maiores atributos para a fama além das belezas naturais. Era consagrada a Asclépio, o deus da medicina e da cura. Seu templo, o Asclepion, que também era hospital e universidade, construído em meio a bosques de araucárias — em três grandes renques abria-se aos refrescantes ventos marítimos. As pessoas acorriam em peregrinação vindas de toda a região mediterrânea a fim de fazer oferendas ao deus, beber na nascente sagrada e submeter-se ao tratamento prescrito pelos médicos-sacerdotes.

Aqui, no século IV a.C., nasceu o homem que é chamado de "o pai da medicina": Hipócrates. Aqui ele atuou como médico e professor e escreveu pelo menos parte dos oito extensos tratados que lhe são atribuídos.

Aqui foi proclamado um dos maiores documentos da civilização grega — o juramento hipocrático — o qual expressa o fundamento ético do curador:

—Juro por Apolo, o médico, por Esculápio, Higéia e Panacéia, e tomo como testemunhas todos os deuses e todas as deusas, que, com toda a minha habilidade e todo o meu conhecimento, cumprirei o seguinte juramento:

"Considerar tão caro a mim quanto meus pais aquele que me ensinou esta arte; compartilhar com ele o sustento e, se necessário, repartir meus bens com ele; encarar seus filhos como meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se desejarem aprendê-la, sem paga ou promessas escritas; deixar que compartilhem dos preceitos e da instrução os meus filhos e os filhos do mestre que me ensinou, assim como aqueles que se declararam discípulos meus e concordaram com as regras da profissão, mas a nenhum outro. Prescreverei dietas para o bem dos meus pacientes, de acordo com a minha capacidade e meu julgamento e nunca para prejudicar alguém.

Jamais, para agradar alguém, prescreverei uma droga mortal, nem darei um conselho que possa causar a morte. Nunca darei a uma mulher um pessário para causar o abortamento. Preservarei a pureza da minha vida e da minha arte. Não praticarei a operação do cálculo (litotomia) mesmo em pacientes nos quais a doença é

manifesta; deixarei que esta operação seja realizada pelos especialistas nesta arte. Em toda casa entrarei somente para o bem dos meus pacientes, mantendo-me afastado de toda ação injusta e de toda sedução, especialmente dos prazeres do amor com mulheres ou com homens, sejam livres ou escravos. Tudo que possa chegar ao meu conhecimento durante o exercício da minha profissão ou fora dela, no contato diário com homens, que não deva ser divulgado, manterei em segredo e jamais revelarei. Se mantiver este juramento fielmente, que me seja concedida uma vida afortunada e a felicidade no exercício da minha arte, respeitado por todos os homens em todos os tempos; mas se faltar ao juramento ou violá-lo, que me suceda o contrário." De pé entre as ruínas do santuário onde, outrora, os pacientes dormiam sobre peles de carneiros e aguardavam a visitação das serpentes sagradas, fui dominado por uma sensação de respeito e reverência que jamais me abandonou. O ar estava ocupado pela fragrância dos pinheiros e tomilho silvestre e manjerição e alecrim e hortelã a florescer — ervas a partir das quais os sacerdotes curadores extraíam suas poções e cujos perfumes aquietavam os devotos, ainda semi-enlevados pela "experiência divina".

No templo-hospital de Kos preocupavam-se igualmente com as doenças do corpo e da mente. Os tratamentos que prescreviam possuem surpreendentes semelhança com aqueles ainda hoje adotados na moderna terapia mental.

Os pacientes, se suficientemente ricos, eram recebidos em uma atmosfera de placidez religiosa, solenizada. Eram alojados em um ambiente de beleza natural, entre a floresta e o mar.

Bebiam na fonte sagrada. Ofereciam um sacrifício rogando cura ao deus. Eram acalmados com opiáceos.

Sua confiança era restaurada pelo conhecimento de que estavam sob divina tutela e de que, enquanto dormiam, o próprio deus poderia vir visita-los sob a forma de uma serpente sagrada. Há indícios, também, de uma forma de tratamento de choque no qual, após adequada preparação, o paciente era posto, olhos vendados, em um ambiente sagrado e, talvez, ouvisse a tonitruante voz da divindade mesma.

Após essa experiência, os pacientes entravam em convalescença em um dormitório ou em uma cela privada, onde descansavam, bebiam e comiam levemente, sendo entretidos por músicos contratados.

A seguir, com o ritmo de suas vidas psíquicas restaurado, iam embora e contavam sobre todas as maravilhas que haviam visto.

Tamanha era a veneração por Kos e pelo seu Asclepion que o imperador Cláudio promulgou um édito isentando-a de todos os impostos imperiais. Seu próprio médico, Xenofon, nascera na ilha. No entanto, parece que nem mesmo os médicos de Kos eram não menos corruptíveis do que alguns émulos contemporâneos.

Xenofon deu veneno ao seu imperial senhor e, quando ele o vomitou, titilou-lhe a garganta com uma pena envenenada e, assim sendo, o imperador teve morte extremamente dolorosa.

Há outras singularidades sobre Kos assim como elas existem em muitos lugares sagrados. O grande escultor Praxíteles, desejando reverenciar a ilha, fez uma cópia da estátua de Afrodite a qual havia sido modelada sobre o corpo de sua amante. Os habitantes de Kos ficaram chocados pela sua nudez. Devolveram-na, com um indignado documento, afirmando que só poderiam aceitá-la quando ela estivesse adequadamente vestida.

Um erudito moderno sugeriu que os moradores da ilha estavam mais interessados em jovens pastores e em atletas olímpicos!

Devo registrar, igualmente, outras extravagâncias.

jamais pude adquirir alface em Kos. O vinho da ilha, longe de curar ressacas, é o mais poderoso meio de vir a tê-las. As moças não mais usam a seda de Kos, e os guias turísticos do local, que vendem pequenos feixes de plantas curativas, têm a mais nebulosa idéia de suas propriedades. Tenho, guardadas entre as páginas de meu diário, ervas para asma, diarréia, fabricação de goma, cessação de hemorragias, cura de indigestão, incremento da virilidade e preparo de molho de alcaparra. É evidente que ninguém espera que funcionem. Elas precisam ser acompanhadas por invocações mágicas, uma formulação de fé, esperança e mistério que há muito tempo está perdida para nós. Mas o assombramento ainda ocorre.

Por vezes, em devaneios, vejo-me, de pé, em meio ao "alvorecer verde-mar", no mais elevado terraço do templo, ouvindo fantasmagórica voz a proclamar:

Juro por Apoio, o médico, por Asclépio, Higéia e Panacéia, e tomo como testemunhas todos os deuses e todas as deusas, que, com toda a minha habilidade e todo o meu conhecimento, cumprirei o seguinte juramento:...

Esse devaneio de um remoto mundo mediterrâneo evoca outros. Recordo-me da pequena, dourada casa dos espíritos do lado de fora de meu alojamento na Tailândia, onde, a cada dia, eu depositava uma flor fresca em reverência aos guardiães e protetores do lugar.

Eu não sabia quem eram eles, porém, conforme meus anfitriões os descreveram, pareciam-se muito com os anjos da guarda os quais, disse-me a minha mãe, velavam meu sono durante a minha infância.

Recordo-me de meus contatos, à roda da fogueira do acampamento, durante a guerra do Pacífico, com nossos aborígenes, cuja existência nesse continente ao sul reporta-se, pelo menos, a cinquenta mil anos. Eles não possuem linguagem escrita, porém sua cosmologia é, ao mesmo tempo, bela e complexa. Não reivindicam a posse da terra, mas, antes, a possessão deles pela terra da qual se originaram e que os alimentou durante milênios. Não possuem templos, apenas locais sagrados onde os tesouros de suas quiméricas recordações encontram-se preservados de maneira especial.

Lembro-me da tranquilidade do jardim do monastério em Tenryuji, onde iniciei a compreensão das concordâncias entre o cristianismo e o budismo. Tentei, mais tarde, expandir e louvar tais concordâncias em meu romance, O embaixador, que é, em parte, a narrativa do assassinato do presidente Diem do Vietnã e, também parcialmente, a história do embaixador que foi conivente com o evento. Em seu derradeiro desespero, ele se voltou para seu mestre zen:

- Pode-me dizer o que me sucedeu?
- Acho que sim. Você é como o viajante da antiguidade, que

parte na jornada de Kyoto a Edo e que, dizem todos, é cheia de interesse e diversidade. Ele sai com muita confiança, tem dinheiro na bolsa, boas roupas, corpo forte e companheiros para se distrair durante a jornada. Mas antes do fim, descobre como errou nos cálculos. As hospedarias são caras, as moças extorsivas, ele é roubado pelos barqueiros e patifes inteligentes. Por isso, muito antes de chegar a Edo se vê sem dinheiro, as roupas são leves demais para o inverno e ele aproxima, os companheiros debandaram pelo caminho e ele está numa província cujo dialeto não compreende. Também está mais velho, o tempo encurtou. Quando fala com as moças nas casas de chá, seu coração ainda está preso à sua casa.

Quando observa os mercadores que fazem negócios, sabe que o ouro logo se gasta e a seda também. Que faz? Quer-se matar, mas não tem coragem. Deseja ser como os patifes inteligentes que encontrou em sua viagem, mas para isso não tem inclinação nem talento. Senta-se à beira da estrada e lamenta-se. Depois de algum tempo, no entanto, não há mais lágrimas a derramar. Ouve os gongos do mosteiro e vê os bordos cor de fogo, e diz: "Ali existe luz e a Compaixão do Compassivo", mas não encontra luz porque ela é um dom para cada homem em separado, não é um bem comum. E a compaixão não o pode tocar, porque ele se prende à sua própria culpa e não se poderá perdoar. A minha parábola narra a verdadeira situação. Amberley- san?

— Sim, mas pode terminar assim, com o viajante parado, sem lágrimas, sem luz e recusando a compaixão?

Há uma palavra para isso no Ocidente: *accedie*. Significa o Nirvana falso e terrível, fundado não na união, mas na separação, não na extinção do desejo, mas no desprezo por ele. É onde estou agora. Por esse motivo, penso que não posso continuar o mundo em sua companhia.

Há outro final para a parábola, meu amigo. Se for um pouco mais paciente tentarei mostrá-lo. Ficamos com nosso viajante sozinho à beira da estrada e abandonado, não foi? Ele não pode regressar. Nada há que o impulse à frente. Sem desejo, no entanto, continua a andar. Ao lado da estrada, vê uma imagem do Buda, da Deusa Kuan Yin, de Rai-jin, o Deus do Trovão, um

fumiejesu, talvez, ou mesmo o Grande Urso dos ainos.

Trata-se de coisa morta, feita de madeira, pedra ou barro cozido e que, para nosso viajante, nada significa. Sendo um homem, no entanto, sabe que a imagem tem significado para outros homens, é uma expressão de sua necessidade e desejo de esclarecimento, harmonia e elevação acima do eu. Pára ao lado da imagem que não tem significado para ele e recita uma oração em cuja eficácia não acredita: "Se existe luz, mostra-me luz. Se existe poder, estende-o a mim. Se existe perdão, perdoa.

Se houver um amanhã, dá-me uma esperança nele e se existirem essas coisas, mas não para mim, dá-me a paciência para suportar essa inexistência." — E como saberei se a oração vai ser respondida?

— Quando tiver a coragem de viver sem uma resposta.

— E se eu não tiver coragem?

— Então, andará mais um pouco na estrada e chegará a uma habitação de homens.

— Como posso ter certeza disso?

— Porque, onde há imagens, sempre há homens!

— E depois?

— Verá o que viu o Senhor Buda: um homem doente, um homem velho, um homem morto e um homem com a cabeça raspada, que não tem lar. E, então, você dirá:

"Nenhum desses é mais afortunado do que eu. Portanto, por que devo me queixar?" E, então, você aceitará conviver novamente na habitação dos homens, ou se juntará àquele que não tem lar e continuará na estrada.

Assim, de qualquer dos modos sua oração será respondida e terá um começo de luz e o desejo de mais luz.

— E o perdão? Quem me perdoará peio que fiz?

— O morto a quem dará sepultura, o doente a quem socorrerá, o velho que amparará, o desabrigado cuja solidão partilhará.

— E a imagem?

— Ainda é uma imagem do Desconhecido e Incognoscível, que poderá um dia resolver esclarecê-lo, pois o Todo Esclarecido tem

pena da humanidade.

Mudança Radical

Mudar a vida de alguém é como manobrar um pequeno navio em mar encapelado. Fazê-la muito depressa levará ao desastre. O vento e as ondas provocarão o tombamento do navio, que afundará. Passei por alguns maus momentos quando em alto-mar, porém nenhum tão ameaçador quanto aquelas noites escuras da alma em que inexistem luar e brilhos estelares, mas apenas silencioso negrume. De qualquer forma, as crises do ano passado são difíceis de ser compartilhadas. O curso do tempo foi alterado. A geografia mudou.

Essas alterações e mudanças refletem-se, por si mesmas, nesta narrativa. Vejo-me em um deambulante fluxo de consciência. Sou obrigado a seguir a corrente, lembrando o passado, examinando o presente, sonhando com o futuro. Não posso, neste instante, submeter-me à disciplina do tempo e da lógica. Conforme as coisas chegam até mim, eu as anoto, confiando em que a continuidade essencial — a continuidade do meu ego fundamental — emergirá para o leitor.

Desisti de perguntar às pessoas: "Você se lembra?" Sofri choques em demasia quando companheiros com cabelos grisalhos e estômagos protuberantes, ou matronas já com filhas em idade casadora, me chamavam a atenção: "Pelo amor de Deus! Eu nem era nascido naquela época!" Lembro-me do ano de 1934, pois tinha dezoito anos de idade. Estava em minha primeira missão, como religioso professo na Congregação dos Irmãos das Escolas cristãs da Irlanda, em um dos subúrbios mais distantes de Sydney. Eu me sentia cheio de zelo e inocência, calamitosamente ignorante do que acontecia pelo mundo — o que, de uma forma ou de outra, era muita coisa.

Os japoneses haviam colocado Pu-yi como imperador fantoche

mandchu. A Rússia e a Finlândia firmaram um pacto de não-agressão válido por dez anos.

Hitler e Mussolini se encontraram em Veneza. O rei Alexandre, da Iugoslávia, fora assassinado em Marselha, e Hitler, mediante plebiscito, foi confirmado como führer da Alemanha. Marie Curie falecera e, sem que nenhum de nós tivesse tomado conhecimento, Sophia Loren nasceu.

Eu estava ensinando noções básicas de leitura, ortografia, matemática, geografia, comportamento social e rudimentos da fé cristã para cerca de quarenta alunos de terceira série, a maioria dos quais vivia em áreas industriais urbanas, constituindo uma população mista de irlandeses, anglo-saxões, gregos e imigrantes italianos. Nossa comunidade atendia a três escolas e somava, se minha memória funciona bem, cerca de vinte frades, entre os quais o tema desta esclarecedora história, irmão Avellino.

Ele era um sujeito baixo e gordo, careca e de sorriso permanente. Eu ainda possuía a aura do noviciado e o véu da inocência em torno da cabeça e, assim, esqueci a astúcia em seus olhos, a complacente capacidade em sorrir e a extrema mobilidade de suas opiniões — sim, em certo momento; não, a seguir, um oportuno "talvez" se o estado de espírito da platéia mostrar-se incerto.

Também não dei muita atenção ao cauteloso comentário do meu superior: "Avellino? Trabalhei com ele ao longo de três anos letivos em três diferentes comunidades.

Jamais lhe conte um segredo caso você não queira que toda a cidade venha a conhecê-lo. Ele se dá com toda a gente mas é sempre ele mesmo — e é tão perspicaz quanto um negociante de cavalos." Avellino lecionava na série acima da minha, portanto trabalhávamos em salas contíguas. Cada um de nós tinha um coro para ensaiar, tendo em vista o festival galês da cidade de Sydney, no qual coros e solistas, de todo o estado, entram em competição. Tratávamos-nos com recíproca consideração. Cada um mantinha a sala bastante quieta quando o outro ensaiava seus cantores.

Éramos, igualmente, críticos discretos, anotando exemplos de fraseado dissonante, ataque medíocre, má entonação. Eu era

excessivamente calouro, recém- treinado nos costumes monásticos para que pudesse expor minhas opiniões. Mas à medida que as semanas se passavam, comecei a alimentar a esperança bem-fadada de que não só poderia derrotar Avellino no trabalho com o coro, mas, até mesmo, tinha a chance de vencer nossa série no festival.

Não havia gravadores de fita naquele tempo. Sequer tínhamos um piano na sala de aula. Durante quatro dias por semana cantávamos sem acompanhamento, usando um sonômetro e um diapasão para acertar o tom. No quinto dia dispúnhamos de uma hora na sala de música com um acompanhador. Nos intervalos, revisava mentalmente as peças — um exercício obsessivo de memorização musical.

A obsessão, entretanto, expandiu-se mais profunda e secretamente do que eu imaginava. O festival galês era uma competição pública, um teste direto de minhas habilidades ainda não experimentadas. Eu queria, desesperadamente, ser selecionado para as finais. Mesmo que não vencesse, eu ansiava por lá estar, sair, por breve momento, do anonimato da vida conventual e ver outras pessoas confirmarem para mim quem eu era ou quem eu pensava vir a ser.

Sob o sistema então prevalecente eu fora recrutado, como postulante, com a idade de treze anos, e passara quatro anos sob tutela antes de professar meus primeiros votos anuais. A identidade pessoal era incerta e frágil. Todos os meus reflexos sociais eram tão condicionados quanto os dos cães de Pavlov. Minhas convicções me foram passadas totalmente prontas. Eu não tinha nenhum instrumental crítico.

Chegou o dia em que me convenci, totalmente, de que possuía verdadeira chance de vencer. O reitor, que também era o superior da comunidade, concedeu-me um de seus raros cumprimentos.

Com inesperada benevolência o irmão Avellino reconheceu a derrota. Seu próprio grupo não era páreo diante do meu. Ele se retirava da competição.

Desse momento em diante ansiei pelo prêmio com uma sofreguidão que supunha não existir. Minha paixão contagiou o coro

e todos os alunos. Éramos a elite da elite, quase tão importantes quanto a equipe de futebol da escola. Inventamos jogos para nós mesmos — uma súbita harmonia em quatro partes no meio de uma aula de matemática, um cânone para encerrar a vespertina aula de inglês. Era uma diversão boa e sadia e sabíamos, com a serenidade da fé absoluta, que o prêmio estava ao alcance de nossas mãos.

Foi então que fiquei doente, muito doente. O médico foi chamado. Ele diagnosticou pneumonia dupla. Minha cela, naquela ocasião, era uma varanda envidraçada, fria e sujeita a correntes de ar. Rapidamente um dos novinhos foi transferido para ela, e eu fui colocado no interior do alojamento, a fim de ser cuidado pela governanta, que, apesar de suas habilidades como enfermeira, certamente era um breve contra a luxúria! Era a época em que inexistiam antibióticos, portanto minha recuperação foi lenta. Irmão Avellino se ocupou da minha turma, administrando cerca de oitenta jovens como um rocambole gorducho fazendo as vezes de sentinela à porta de comunicação.

Ele se encarregou do meu coro, também, e, em meus acessos de febre à noite, recordava-me de sua voz, apaziguadora, ao transmitir os relatórios: "Não há nada com que se preocupar. Eles estão com a voz esplêndida, cantando como anjos. Tudo o que você tem a fazer é melhorar, e nós conquistaremos o prêmio com uma fácil vitória!" Eu estava doente. Eu era jovem e estúpido. Eu ainda era inocente. Não percebi o plural "nós". Por outro lado, por que deveria estar prevenido a esse respeito? Um coro era um coletivo. Uma comunidade religiosa era um coletivo. "Eu", assim meus mestres me ensinaram, era algo restrito, perigoso; todo o treinamento pelo qual passavam objetivava suprimi-lo, reduzindo-o a moeda sem valor.

Assim, cheio de fé e confiança, passei da doença à convalescença. Não vislumbrei nenhum potencial de perigo no fato de que fora proibido de retornar à sala de aula senão após duas semanas, pelo menos, de minha liberação do isolamento. Eu sabia que estava fraco e inseguro. Sentia-me feliz pelo fraternal apoio da comunidade e, em particular, pela amizade do irmão Avellino.

Contudo, não estava muito feliz com os sons que ouvia

durante os ensaios do coro. Eu sabia que o irmão Avellino não era bom de ouvido, mas tinha confiança que, com o festival galês programado para o mês seguinte, eu poderia rapidamente fazer o grupo retornar à forma em uma semana. Ele precisava apresentar apenas duas peças. Haveria bastante tempo para aprimorar o desempenho.

Assim, deixei-me absorver pela leitura, vagabundeei pelo jardim, dormia à tarde e, à noite, juntava-me, na capela, aos demais irmãos. Transcorridas as duas semanas, o médico liberou-me para as minhas obrigações. Retornei para a varanda exposta a correntes de ar. O superior passou-me uma nova escala de aulas.

Ela indicava que eu deveria cuidar da turma do irmão Avellino durante um turno por dia, enquanto ele assumiria a minha para ensaiar o coro. Pareceu-me que fora designado para dirigir o coro e apresentá-lo no festival galês. Fiquei arrasado. Exigi saber o porquê. O superior lembrou-me, friamente, que eu era um homem sob o voto de obediência e que ele não era obrigado a prestar-me qualquer esclarecimento a respeito de seus atos.

Protestei, alegando que ele me devia, conjuntamente, cortesia e tolerância. Sua resposta foi curta. Eu ainda era um noviço, um novato na vida religiosa. Eu deveria lembrar-me das lições de meus mestres no noviciado e curvar a cabeça ao peso da disciplina. Eu nunca deveria me apegar tanto a qualquer coisa que pudesse vir a tornar-me infeliz por ter de abandoná-la. Eu jamais deveria cobiçar tanto qualquer coisa que me levasse a pecar para tê-la. E eu estava em pecado, embora perdoável, por questionar a decisão de meu superior legítimo, ambicionando o prazer mundano de subir a um palco e por não conceder tolerância ao irmão Avellino, que havia sustentado o encargo de minhas aulas por cerca de seis semanas e fazia jus a essa pequena concessão de minha parte. Eu deveria ir até a capela e rezar para que fosse esclarecido e entendesse a sensatez do que fora feito.

Minha visita à capela gerou uma pequena luz recordei-me de minha tia favorita à época de minha meninice. Ela cuidara da casa para seu pai, um irlandês sargento de polícia, que enviuvara, e educara minha mãe, duas outras irmãs e um irmão. Para mim, era a

minha segunda mãe. Toda a sabedoria que possuo originou-se nela. E se ela não está no paraíso, não quero ir para lá!

— Morris, querido! — disse ela certo dia. — Nunca discuta com um irlandês! Eles são escorregadios como enguias em uma tina e têm sempre Deus de seu lado!

Portanto, não compre barulho com eles. Mantenha a boca fechada e siga em frente. Assim, você manterá sua dignidade e evitará muita dor de cabeça.

Isso fez com que eu me precavesse quanto ao superior, o qual, eu o sabia, não poderia derrotar. Ele não havia respondido à pergunta principal a respeito do irmão Avellino. Ele e eu éramos irmãos em uma comunidade; supostamente vivíamos sob as mesmas regras, mas, claramente, um diferente conjunto de regras estava sendo aplicado a ele. Em minha loucura, decidi enfrentá-lo. Eu não queria exigir a devolução de minha batuta, somente pedir-lhe uma explicação pessoal face aos acontecimentos.

Ora bem! Enguias em uma tina, não é? Negociante de cavalos, não é? Era o grande Daniel O'Connell ressurgindo de entre os mortos, eloquente devido a justificado espanto. Não havia ele cuidado de mim e feito meu trabalho, diariamente, durante toda a minha doença? Não havia ele segurado minha mão e enxugado minha testa, enquanto eu balbuciava em razão da febre? Não havia eu suplicado para que ele assumisse a batuta e dirigisse o coro em triunfal marcha, todos juntos, rumo à vitória? Ele me liquidou sem piedade entre singulares e plurais:

— Eu disse, você disse, nós concordamos, não foi assim? E por causa dos rapazes, que se devotaram tanto a isso, não deveríamos dar um fim à rivalidade e à confusão? Além disso, sou o mais velho, o mais experiente e o mais capacitado a conduzir uma apresentação pública. O próprio superior reconheceu isso.

Minha santa tia estava certa. Não havia nada a fazer, exceto manter a boca fechada e afastar-me, recolhendo os destroços da minha dignidade. Apesar disso, minhas provações não terminaram. Diariamente o irmão se dirigia para minha sala de aula, a fim de ensaiar o coro, enquanto eu era desviado para seus domínios, fora de suas vistas, mas ao alcance da voz dos meus cantores.

Diariamente ele me oferecia seu sorriso mais radiante e uma variante da mesma partícula de lisonja:

— Você manterá os ouvidos alerta, certo? E se escutar algo que não seja de seu agrado, diga-me, por favor, certo? Eles ainda são seus alunos. Tento fazer com que sintam isso e eles estão correspondendo...

Após uma semana, desisti de ouvir. Após duas semanas, desisti de me preocupar. Quando o coro foi eliminado na primeira audição, consegui encontrar suficiente boa vontade para dizer aos rapazes que fora uma tentativa válida e suficiente ironia para oferecer chá e aspirina a Avellino que se recolhera ao leito com dor de cabeça.

O superior, entretanto, veio a público com profusos elogios ao que ele denominou de esplêndido esforço de Avellino sob circunstâncias difíceis. Ele enfatizou que minha condescendência me poupou do grande desapontamento que Avellino estava sofrendo, galhardamente, em meu lugar. Senti vontade de vomitar.

Em vez disso, despejei minha ira sobre um irmão veterano.

— Por que ele está agindo assim? A competição já acabou. Perdemos. Por que precisa justificar o irmão Avellino?

O venerando irmão estudou-me por sobre os aros de metal de seus óculos. Ele me encarou, pesaroso. E citou as escrituras apócrifas:

— "Chore pelo que morreu porque ele foi afastado da luz.

Chore pelo tolo porque ele não possui entendimento." Onde você pensa que está vivendo, rapaz? Na Utopia de Thomas More? Aqui é a vida real, o lugar da expiação, e quanto mais cedo você acordar, melhor será. Mas, quanto à sua pergunta, você não sabe que estamos perto de uma eleição?

— Que eleição? Nunca ouvi falar nisso.

— Porque você não escuta. Está muito ocupado contemplando o próprio umbigo e não olha para o que está acontecendo à sua volta. São as eleições para o conselho provincial, a corporação que nos governa e sob a qual, acredite ou não, você vive!

— Não vi nenhum papel para a votação.

— E não poderia, ora, pois você é um noviço sob votos

temporários e não possui o direito de votar. Essa é a constituição sob a qual você escolheu viver, mas obviamente ninguém lhe chamou a atenção para o seu significado.

— Mas o que isso tem a ver com Avellino e o superior?

— Dai-me forças! O superior é candidato na eleição.

Sua candidatura já foi apresentada, assinada pelo irmão Avellino e alguns outros. Isso agora faz algum sentido?

— Ainda não. O que Avellino vai ganhar com isso?

Não me diga que será a batuta de maestro do coro!

— Nada disso. Ele se imagina um grande músico, mas não possui talento para tal. O que ele realmente quer é ser indicado superior e dirigir sua própria comunidade.

Qual seria a maneira mais rápida de consegui-lo do que ter um amigo no conselho?

Isso é uma vilania! Até mesmo agora posso ouvir a ultrajada inocência em minha voz. — Angariar votos para si mesmo ou para outrem é proibido pelas regras!

— E daí? Bem, você está começando a se lembrar de algumas coisas! Claro que é proibido, mas isso não significa que não seja praticada, sob outro nome. A idéia desagrade a você? — O frade aquiesceu placidamente com a cabeça. — Mas é isso o que acontece quando se deseja muito determinada coisa. Você acaba lambendo botas e traseiros para consegui-la. Assim é o mundo, rapaz, e se pensa que esse mundo não existe aqui, entre as paredes que nos cercam, você é ingenuo demais!

E assim foi, evidente como o nariz que existe em meu rosto. E eu o teria visto se me olhasse no espelho.

Eu era tão culpado quanto eles, profundamente ridículo em minha busca de juvenil satisfação, procurando reparação para um erro insignificante.

Em um aspecto, entretanto, eu fora diferente — não melhor, apenas diferente: eu não tentara usar os mecanismos de poder para atingir minha própria satisfação ou subjugar um adversário que me ameaçava. Eu não os usara porque não os controlava, assim como o superior o fizera, ou, em seu próprio âmbito, o irmão Avellino. Mas os mecanismos existiam. Podiam ser usados. Eles seriam usados.

Eles tinham sido usados, no meu caso.

Observando retrospectivamente, tendo sessenta e dois anos de diferença, identifico esse momento como o início da lenta erosão de minhas convicções a respeito da autenticidade de minha própria vocação para a vida religiosa. Primeiro, a vida não era religiosa em si mesma, apenas na medida em que seus praticantes assim procediam. Depois, minha inocência era espúria, pois não fora testada. Eu não era um peregrino em desenvolvimento. Era um jovem inexperiente fugindo de determinadas e desagradáveis realidades de sua vida. Eu não resolveria meu problema criando outras ilusões a partir de realidades diferentes e desagradáveis. Levei um longo e doloroso período de tempo para encarar a verdade. Ao final daquele ano solicitei transferência para outra comunidade. A peregrinação tinha apenas começado.

Durante extenso período não conseguia desembaraçar-me da presença do irmão Avellino. Eu o conhecia, ou supunha que o conhecia, como um homem insignificante, que não poderia nem ajudar-me nem prejudicar-me, mas, de quando em vez, vendo-o como um total estranho, eu percebia que seus olhos pretos me estudavam, seu vulgar sorriso de negociante de cavalos surgindo de repente. Do lado de dentro dos muros monásticos e, posteriormente, do lado de fora, sua presença fantasmagórica estava sempre associada ao mesmo tipo de experiência. Eu queria algo ardentemente — um contrato, uma indicação, uma apresentação. Haveria sempre um negociante de cavalos com os olhos de Avellino e com o sorriso de Avellino, à espera para alcovitar desligado da pura amizade ou respeito profissional. Invariavelmente, eu estaria sempre em guarda e poderia tornar-me reservado e rude. Não queria barganhas, apenas o preço justo de mercado, sem receber favores e sem nada dever. Esse foi o legado de Avellino: uma homérica desconfiança dos negociantes de cavalos. Timeo Danaos et dona ferentes!

Não vou fatigá-lo, nem a mim, com a exposição dos meus cinco anos seguintes na congregação. Mantive os votos feitos. Lecionei em escolas grandes e pequenas.

Iniciei meus estudos universitários como aluno externo e, mais

tarde, frequentei as aulas noturnas da universidade de Hobart. Ensinei inglês, latim, francês, química e matemática; estudava até depois da meia-noite em um quarto apertado ao lado de um dormitório, no qual cinquenta internos dormiam. Treinei uma equipe de futebol e atuei como árbitro em competições de críquete e iniciei a amizade, por toda a minha vida, com Paddy Forrest — que Deus tenha sua alma — que era um erudito e um generoso espírito, que merecia mais do que a vida na congregação lhe deu. Caminhávamos juntos pela cidade e pelo campo daquela que foi a mais cruel colônia penal do mundo, a Terra de Van Diemen. Ele morreu quando eu estava longe, na Inglaterra.

No que se refere à minha vida interior, vivia numa progressiva alienação. Sentia-me desconfortável na vida comunitária. Encontrava pouco consolo nos rituais religiosos que cumpria. Tornei-me mais e mais crítico dos retalhos de filosofia aos quais nossas vidas, e certamente nossas conversas, estavam limitadas.

Comprometi-me pelos votos temporários, obrigando-me a apenas doze meses. A cada ano éramos requisitados a renovar nossos votos e a solicitação era julgada através de relatórios do superior imediato e membros seniores da comunidade. Após dez anos de votos temporários cada um deveria fazer o voto final e perpétuo. Eu já havia servido durante sete anos quando declinei de renovar meus votos. O relato dessa decisão, que escrevi durante o período em que estive no exército, ainda dá a impressão de bom:

"Retornar ao mundo." Uma frase curta e ridícula, um daqueles arcaicos lugares-comuns da literatura conventual e da retórica do dia-a-dia, que perderam muito rapidamente o polimento logo após a primeira cunhagem; mas, para ele, nessa brilhante manhã de dezembro, descansando um pouco antes de juntar-se à multidão, plena de significados e de promessas.

Retornar ao mundo. Da ingênua vigília nas colinas, do ritual do celibato no relicário escondido, retorno.

Remover a venda do rosto obstinado, derramar o vinho e esmagar os restos das abjetas oferendas. Dar as costas à pedra sacrificial, sem acanhamento, sem olhadelas pesarosas, descer aos vales, às cidades, às pessoas, ao riso, ao canto, à tristeza, ao

desassossego e ao ódio. Retornar — um cidadão livre. Nenhum olhar questionador pousado sobre seu sombrio traje, nenhum sentimento de segregação e de perda...

Minha saída da vida religiosa foi tão discreta quanto furtiva. Era assim que as coisas aconteciam naqueles tempos distantes. Aqueles que punham mãos à obra e tinham memória eram considerados inadequados para o reino dos céus. Recebi a dotação de quarenta libras em dinheiro, uma roupa civil, duas mudas de camisas e roupas de baixo, um chapéu e um sobretudo, além de uma passagem de trem, segunda classe, para minha cidade natal. Minha partida foi marcada para a hora em que estudantes e professores estavam na capela. O irmão provincial deu-me um frio aperto de mão e um lembrete — de alguma forma quase cômico em vista das circunstâncias — de que eu ainda estava sob os votos até que, no Natal, expirasse o período, para o qual ainda faltavam seis semanas. Meus votos eram os de pobreza, castidade, obediência e perseverança na congregação. Eu, certamente, era pobre; eu não mais devia obediência a meus superiores; eu já estava a meio caminho do portão de saída — e eu cederia minha castidade ao primeiro gesto de afeição de uma mulher.

A volta a casa foi uma mistura de boas-vindas e ternura por parte de minha mãe viúva e irmãos e irmãs.

O triste é que eu não sabia como corresponder a isso. A ausência fora muito longa. Os laços familiares haviam sido cortados de forma prematura. Para usar um jargão em vigor posteriormente, eu havia sido totalmente institucionalizado. Eu não dispunha de um nome para o que me incomodava, mas sabia que precisava encontrar a solução por mim mesmo. Dentro de poucos dias encontrei um trabalho, na seção de camisaria masculina de uma loja bastante conhecida e que sempre contratava trabalhadores temporários para as vendas de Natal.

Ainda que eu o diga para mim mesmo, eu era bom naquilo. Nas épocas ruins eu me consolava com a perspectiva de que, se tudo falhasse, eu poderia voltar a vender roupas masculinas! Ainda posso dar um laço de gravata em torno de meu dedo para exibi-la a uma cliente. Ainda sou capaz de discutir como acertar o colarinho de

uma camisa ou a qualidade do couro de um par de luvas. Aprendi a comportar-me, com razoável agrado, em relação aos meus colegas, os homens e as mulheres que constituíam o staff de vendas. Também aprendi a ingerir bebidas alcoólicas e a convidar uma jovem para tomar uma refeição ou dançar. Era um curso intensivo, mas que não respondia à pergunta que sempre me ocorria, o que eu pretendia fazer pelo resto de minha vida e com que realmente contava para alcançar o que desejava.

Isso, eu gostaria de mencionar, acontecia no final de 1940. Mais cedo ou mais tarde eu teria de servir em uma das corporações militares. Entretanto, o que santo Agostinho dissera a si mesmo em relação à castidade, eu me disse a respeito da guerra: "Ainda não!" Eu queria viver um pouco, antes de ser morto.

Portanto, quando saí da loja, após o Natal, gastei as economias obtidas como assistente de vendas e fui gozar férias em um balneário. Durante esse período candidatei-me ao posto de professor no Departamento Estadual de Educação. Eles o deram para mim servido em uma bandeja de prata. Já então as forças armadas estavam convocando ativos masculinos.

Assim, lá estava eu, em fevereiro de 1941, colocado como professor em uma pequena cidade rural, alimentando-me em um também pequeno pub do interior, gastando a maior parte do meu dinheiro em viagens, nos fins de semana, até a cidade grande a fim de ver uma mulher que havia conhecido em minhas férias e, com isso, alimentando uma nova culpa. Enquanto as tropas australianas sofriam pesadas baixas no deserto do norte da África, eu ainda era um mestre-escola em uma sala de aula. A única mudança relativamente à minha condição anterior era que eu usava uma gravata em lugar do colarinho clerical. É preciso que se compreenda que, dada a natureza reacionária do meu aprendizado entre católicos irlandeses, eu possuía, apenas, um rudimentar senso de identidade nacional. Entretanto eu o adquiri zelosamente, tanto como necessidade pessoal quanto convicção intelectual. Eu ainda estava tentando reunir os componentes de minha fragmentada identidade.

Em meio ao primeiro período do ano letivo eu me sentia incomodado. Agindo dominado pelo puro impulso e vasta

irracionalidade, dirigi-me ao quartel-general do exército e pedi para ver o diretor da informação militar.

Era, à época, exatamente o que me parece agora: uma atitude de louca megalomania. Ainda estou surpreso pelo resultado. O diretor concordou em me receber. Ele me perguntou o que poderia fazer por mim. Eu lhe disse, sem hesitar, que a questão era saber se eu poderia ser, de alguma forma, útil para ele. Eu devia ser um espécime bastante bizarro para interessá-lo. Ele me pediu que me explicasse.

Contei-lhe sobre minha vida peculiar, bem como da minha educação algo diferente. Falei-lhe de uma das maneiras pela qual, como religioso celibatário, eu costumava passar o tempo. Durante vinte minutos por dia eu me obrigara a estudar uma língua estrangeira. Na ocasião em que deixei a congregação eu era qualificado em meia dúzia de línguas européias e razoável em uns poucos idiomas incomuns. Podia declamar poemas provençais da região de Mistral. Era capaz de ler um jornal em romeno e entender partes de um texto em sueco.

O diretor ficou impressionado.

Eu estou impressionado, agora, pela minha audácia juvenil e por tudo quanto esqueci em cinquenta e cinco anos. O diretor chamou um assistente para que me aplicasse alguns testes elementares de alemão, italiano e francês.

A seguir, ordenou-me que me apresentasse para alistamento em sete dias. Eu teria seis semanas de treinamento militar básico em um acampamento no campo. Depois disso, seria lotado, no posto de sargento, no departamento de criptoanálise do quartel-general.

Era, devo confessar, um momento de pura alegria. Isso havia acrescentado mais uma pequena peça ao meu informe mosaico.

Após minha experiência como noviço, a disciplina do treinamento militar era moleza para mim. Eu não era um grande soldado, mas fazia o que me diziam e mantinha a boca fechada. E estava em boa condição física. Superei algumas de minhas frustrações fazendo exercícios com baioneta e em combate desarmado. Tornei-me um razoável atirador com pistola e fuzil. Eu era, por compulsão, mais um ouvinte do que um falante. Havia mais

de um decênio de minha vida que eu não podia nem explicar nem partilhar, porquanto havia escassa simpatia por escolaridade ou reminiscência religiosa em um acampamento de recrutas. Levei algum tempo para dominar o vocabulário de um infante australiano — coisa em que, mais tarde, me tornei bastante eloquente.

Quando voltei a me apresentar ao quartel-general, com minhas divisas de sargento, fui informado de que poderia viver fora do quartel e que receberia um soldo para minha subsistência. Assim, passei os primeiros meses da minha guerra atrás das portas trancadas de uma sala de criptoanálise e, o tempo livre, desfrutando de uma relação amorosa nos subúrbios.

Tal experiência carregou novo e específico tipo de confinamento e sua própria noção de irrealidade. Eu não podia discutir o trabalho que fazia. O objeto da minha afeição era muito novo e especial para ter interesse em uma ou outra coisa. Eu era muito cioso do cataclisma universal e possuía uma fé tola na magia dos rituais de amor.

Nas proximidades do fim daquele ano, foram convocados voluntários do nosso departamento para servir em companhias independentes que estavam sendo formadas para ser baseadas em Timor, Ambon e outras ilhas que eram, à época, conhecidas como Índias Orientais Holandesas. Eu estava entre os três que foram escolhidos. Disseram-nos que nos preparássemos e aguardássemos as instruções de transferência. Nesse entretanto fomos promovidos ao posto de tenente.

Isso significava, é evidente, um aumento no soldo e nas responsabilidades de família. Pareceu-me uma boa idéia casar. Casamo-nos na Igreja e fomos abençoados segundo os ritos da Igreja Católica Romana, e vivemos juntos, um casal modelo de satisfação doméstica até que Pearl Harbour fosse atacada, Cingapura caísse e os japoneses bombardeassem a cidade de Darwin, no norte da Austrália. A cidade foi evacuada. Fui transferido para o norte como parte do contingente militar destinado a restaurar os serviços essenciais de comunicação. Todas as notícias eram ruins. Quatorze navios aliados haviam sido afundados no mar de Java. A cidade se rendera. Os melhores elementos das nossas forças de combate

estavam em alguma parte, no norte da África, combatendo ao lado dos britânicos. O general Douglas MacArthur chegou das Filipinas e foi nomeado comandante-em-chefe das forças aliadas no Pacífico. Tínhamos um general e pouquíssimo mais do que isso.

Voei de Adelaide para Darwin em um rangente DC-3.

Era meu primeiro vôo e eu vivia enjoado devido aos altos e baixos que sofriamos quando em baixas altitudes. Fiquei tão afetado, que eles me desembarcaram em Newcastle Waters, onde a Real Força Aérea Australiana tinha um pequeno posto. Meus anfitriões me alimentaram com cerveja morna e carne picada e pão dormido que, em nada, foram úteis para meus espasmos. Eu ainda estava nauseado quando, na manhã seguinte, eles me embarcaram em outro DC-3 e me levaram para Darwin.

Darwin era, então, uma cidade fantasma. A pequena população de servidores civis, comerciantes chineses, trabalhadores em rodovias, naturais da região, criadores de gado e prisioneiros da cadeia de Fanny Bay, todos, haviam ido embora. Os poucos lugares, relíquias dos dias de comércio de pérolas, permaneciam virados de querena nos baixios. O mar de Timor se estendia cinzento e oleoso sob as nuvens das monções. O aeroporto estava em ruínas, esburacado, com crateras de bombas e entulhado de destroços de aeronaves queimadas, os hangares incendiados e em ruína. Os únicos habitantes eram o pequeno destacamento da força aérea sem aviões para voar e alguns poucos funcionários da aviação civil.

Eu lhes disse que fora destacado para "O Vinte e Uma Milhas". "Onde fica isso?" Eles encolheram os ombros e apontaram para um telefone que, com sorte, poderia pôr-me em contato com o acampamento. Esperei durante três horas até que um motorista com cara de enfadado chegou com um caminhão de meia tonelada, jogou minha bagagem para bordo e tomou a direção sul, "O Betume".

Dormi aquela noite em uma tenda armada em um gramado, presa entre folhas de pandanos, tendo o pasto de cangurus crescendo um metro acima de minha cabeça.

A chuva caía torrencialmente durante toda a noite; milhões de mosquitos e vespas voavam ao redor do lampião de querosene, um

louva-a-deus, tão grande quanto minha mão, pousou em meu travesseiro. Acordei à meia-noite com o uivo dos dingos e com o chiado da vegetação rasteira da selva.

Era uma época estranha, um tempo fantástico.

Esperava-se que os japoneses invadissem o continente australiano. Não tínhamos idéia de onde eles poderiam atacar. Todo o norte da Austrália estava cercado. Cada unidade mantinha-se alerta, à espreita de inimigos infiltrados. Aviões inimigos de observação surgiam diariamente. Certas vezes arremessavam algumas bombas, porém na maioria das ocasiões nada faziam. Os mangues eram silenciosos e sinistros. A fímbria da selva era cheia de mistério para um jovem e inexperiente tenente, criado no sul temperado. Levei algum tempo para perceber o fato de que aquele era meu primeiro comando. A vida dos homens, e inúmeros segredos militares, estavam em minhas mãos. Comecei a crescer.

Timidamente em princípio, a seguir com crescente convicção, compreendi que tinha, de alguma forma, de lograr conviver com o passado que eu não podia partilhar. Havia poucas diversões no "Vinte e Uma Milhas." Dessa forma, utilizando uma máquina de escrever bastante avariada da sala dos ordenanças e o verso dos blocos de memorandos do exército, comecei a escrever um livro.

Carreguei as laudas do manuscrito, comigo, cerca de dois anos. Eu escrevinhava durante os bivaques dos comboios. Eu o lia atentamente pelo espaço das longas horas noturnas durante os horários de prontidão e, por fim, quando fui para o monte Isa, no distante noroeste de Queensland, encontrei uma mulher para datilografá-lo. Era empregada de uma enorme mina, como secretária, e tinha sido secretária de um famoso escritor americano, Zane Grey.

Na medida em que o material datilografado crescia, eu o mandava para o nosso acampamento no alforje do motociclista que levava os despachos. Empilhei-o em minha mesa, com uma pedra por cima. Eu o olhava, satisfeito, antes de dormir. Então, certo dia, um remoinho do deserto soprou através da tenda aberta, e as preciosas páginas foram espalhadas por um quilômetro quadrado de terreno pedregoso no qual cabras selvagens pastavam pelos

arbustos picantes.

Apavorado, bati todo o acampamento tentando recuperar as páginas. De mais de laudas, recuperei algo ao redor de menos de cem. Tive de recomeçar, preencher as-lacunas. Portanto, jamais falem comigo sobre Sir Isaac Newton ou Thomas Carlyle e os desastres que aconteceram a seus manuscritos!

Finalizei o livro em uma corrida louca. Assinei-o com o pseudônimo de Julian Morris, pois, embora abrigado na ficção, era, em sua maior parte, o relato acurado de minhas experiências como irmão de uma congregação católica. Dei-lhe o título de Moon in My Pocket, que é extraído do último verso do poema de Robert Browning, "Master Hugues of Saxe-Gotha". Quando foi publicado, em 1943, tornou-se um pequeno succès de scandale. Vendeu dez mil exemplares, o que, durante a guerra, na Austrália, era um pequeno milagre.

Revedo-o agora, não sinto orgulho dele. Foi o livro de um homem muito jovem, cheio de autocomiseração e românticas esperanças. Nunca procurei republicá-lo. O relato de minha vida e de minha religião foi acurado, porém conduzia a um final artificialmente feliz, que, mais tarde, os acontecimentos desmentiriam de forma inevitável. Não obstante, é um marco em minha vida.

Levou à minha baixa do exército e ao meu primeiro emprego na política. E, mais tarde o compreendi, assinalou o início do fim do meu primeiro casamento.

Faço o comentário sem cinismo. O casamento tornou-se um infeliz equívoco para nós dois. Durou mais do que deveria porque estive ausente durante três anos e, quando voltei a casa, éramos estranhos o que é pior do que ser inimigos. Existe uma terrível opressão quanto às pequenas desavenças e, quando combinada com as normas canônicas da Igreja, torna-se intolerável e, por fim, uma destrutiva tirania. A tristeza foi que nenhum de nós pôde reaprender as lições do amor, pois a nossa união fora prejudicada por uma mentira tola que, uma vez revelada, não pude esquecer e não consegui reunir forças para conviver com ela nem suficiente amor para suportá-la.

Havia razões para isso, também, mas não são parte deste

testemunho. Algumas delas estão enterradas para sempre nos arquivos da Rota, o tribunal pontifício. Não apresentei provas para o processo de divórcio que se seguiu à nossa separação. Minha primeira esposa está morta há muitos anos. Existe um liame de amor entre mim e as crianças que tivemos.

Tenho sido perguntado, muitas vezes, se minha saída da congregação provocou minha saída da Igreja.

Minha resposta é clara: jamais abandonei a Igreja.

Sempre permaneci nela como membro professo e confesso, mesmo quando estava sob a sentença de excomunhão ipso facto. Minha alegação sempre foi — e o tempo e a providência a justificaram — a de que minha filiação à Igreja era um direito de nascimento conferido pelo batismo, e ninguém tinha o direito de expulsar-me dela, ainda mais por injusto motivo. Não reclamei nenhum mérito especial para meu caso. Era apenas uma afirmação reiterada daquilo em que sempre acreditei: eu era e sou um legítimo herdeiro da mensagem cristã e da irmandade e fraternidade dos que crêem. Sempre sustentei meu direito de nela permanecer.

Este, acredito, é o significado da metáfora com a qual iniciei este livro. Do alto da montanha expõe uma extraordinária unidade. As peças de um grande quebra-cabeça colocaram-se em seus lugares. Fui conduzido ao local da contemplação. Não posso ver a mão que me guiou; não obstante, sinto que ela está aqui e sinto-me agradecido pelo seu toque protetor.

Guardiões do Sonho

Minha permanência no "Vinte e Uma Milhas" foi curta. Minha seção foi deslocada trezentos quilômetros ao sul para o território do norte, a cidade de Katherine, um lugar que é, atualmente, um concorrido centro turístico, mas que, naqueles dias, tinha uma parada de trem, um pub, um matadouro onde o gado, para fornecimento ao exército, era abatido, e um enorme hospital militar que iria funcionar como hospital de base avançada em caso de invasão. Havia também unidades importantes de engenharia, sinalização, transporte e suprimento, bem como uma base de engenheiros civis que construía uma rodovia.

A estrada que levava ao sul, a partir de Darwin, estava sendo, vagarosamente, transformada de caminho de cabras em rodovia com piso de betume asfáltico, e mais e mais comboios estavam rodando em direção ao norte com suprimentos.

Muitos comboios eram comandados por unidades de transporte dos Estados Unidos constituídas de soldados negros e comandados por oficiais sulistas brancos. Trafeguei com eles muitas vezes e quando, no terceiro ano, fui transferido de Katherine para a cidade mineira de monte Isa, em Queensland, vi um negro ser assassinado a tiros por um oficial branco porque havia abordado uma jovem australiana, convidando-a para dançar. Foi minha primeira experiência de homicídio racial.

Tive outros encontros, também. Em Katherine mantive meu primeiro contato com nossos aborígenes, os jawoyn, que eram os tradicionais donos da terra e possuidores de sua própria língua. Seus ancestrais haviam feito as enormes pinturas rupestres nas gargantas do rio Katherine, as quais são uma das maravilhas daquela região. Eu nada conhecia de sua história. Utilizava alguns dos homens como guias e batedores a fim de identificar quaisquer indícios de infiltração japonesa, mas não dispunha de nenhum meio de penetrar em suas vidas particulares. Eu assentava ao redor das fogueiras que mantinham nos acampamentos, ouvindo seus cantos e tentando,

sem sucesso, alguma chave que me concedesse acesso à sua conversação murmurejante.

Somente anos mais tarde comecei a compreender sua cosmologia e suas lendas. Foi ainda mais tarde que entendi o quanto tínhamos a aprender face ao relacionamento com nosso grande e frágil país e a ameaçada ecologia do nosso planeta.

Meus contatos com eles, entretanto, tiveram curiosas consequências. Muitos anos mais tarde, em 1986, para ser exato, o papa João Paulo II fez sua primeira visita oficial à Austrália. Recebi uma ligação telefônica de um homem que jamais encontrara: o padre da paróquia de Alice Springs, que é agora uma próspera cidade turística e a capital do Coração Vermelho do continente. Ele me perguntava se eu estava disposto a visitá-lo, com minha mulher, e ajudá-lo a preparar a cidade para a visita papal.

O pedido não fazia nenhum sentido para mim. Eu não pertencia àquela região. E seria, inevitavelmente, encarado como um intruso e um presunçoso quanto a isso.

O padre insistiu: eu conhecia o território. Havia escrito um romance sobre ele, *Terra nua*, que mais tarde virara filme. Eu detinha mais autoridade pessoal e profissional do que imaginava. Perguntei-lhe o que esperava ele que eu fizesse ou dissesse. Ele foi vago a esse respeito. E foi muito preciso quanto a outros assuntos. Apesar de seu rápido crescimento e sua efetiva prosperidade, a cidade vivia em constante estado de tensão. Existia uma grande comunidade de aborígenes destribalizados — moradores da periferia que se tornaram vítimas da maldição do branco, o alcoolismo.

Havia uma pequena e já estabelecida comunidade branca que efetuara investimentos na cidade. Havia outra comunidade de trabalhadores de remotas áreas pecuaristas e indústrias locais de serviços. Havia um cassino na cidade, porém pouquíssimas coisas mais onde se pudesse relaxar, O consumo de álcool era alto. Rixas e brigas eram comuns. O governo havia preparado um relatório a respeito das possibilidades concretas de desordem civil.

Também havia divisões religiosas. As primeiras missões na região eram luteranas. Depois vieram os católicos e os anglicanos e todos os demais grupos religiosos. Rivalidades, de grande e pequena

monta, eram latentes. O padre da paróquia esperava que a próxima visita papal gerasse algum ponto focal para determinado tipo de unidade. Eu lhe disse, com certa aspereza, que isso poderia, da mesma forma, provocar dissensão e preconceito. Ele era um homem persistente. Eu iria vê-lo, viajando de avião, com minha mulher e a minha expensa.

Se eu vislumbrasse algum sentido proveitoso em minha participação, ficaria. Caso contrário, voltaria. Ele concordou. Iria apanhar-nos no aeroporto e passaríamos duas noites como hóspedes em seu presbitério.

No primeiro dia ele levou-nos para dar um volta pela cidade. Já havíamos estado lá como turistas. Também lá estive durante a guerra, pois Alice era o começo e o fim da rota de comboios para Darwin. A cidade que o padre nos mostrou era completamente diferente. Ele levou-nos para ver os moradores na periferia, as comunidades aborígenes vivendo em moradias cedidas pelo governo nos arrabaldes da cidade. Era uma visão deprimente e, mais uma vez, fiz a pergunta ao padre e a mim mesmo:

"O que posso dizer que poderá ter algum sentido para ou a respeito destas pessoas desorientadas?" Naquela mesma noite ele convidou-nos para assistir a uma reunião no presbitério. Os participantes eram mulheres das comunidades periféricas. Era nelas que se localizava a verdadeira força dos povos aborígenes. Elas temiam pelos filhos. Os homens viviam de verbas oficiais em favor de desempregados e a maioria do dinheiro era gasto em bebidas. As mulheres, todavia, ainda tinham esperanças, e discutiam e lutavam, algumas vezes fisicamente, pelo bem-estar das crianças. Mais tarde, na mesma noite, dois ou três homens surgiram de forma inesperada na reunião. Obviamente tinham bebido e pareciam muito decaídos. As mulheres repreenderam-nos em público. Eles se desculparam pelo seu comportamento. Sendo um espectador masculino, senti-me envergonhado por eles. E ficava cada vez mais convicto de que não havia lugar para mim naquela discussão.

Por outro lado, eu não via nada que pudesse fazer em relação ao papa. Não via nada de importante nos discursos formais que seriam preparados para ele e que o papa leria, com seu forte

sotaque, no altar que estava sendo construído na pista de corridas. Eu não conseguia perceber o que havia de relevante nesse ritual à brutal qualidade de vida no Centro Vermelho. Não podia imaginar que não importava que o que eu dissesse ou fizesse tivesse algum sentido.

Quando a reunião terminou, Joy, minha mulher, ficou para tomar chá com as mulheres. O padre levou-me, a pé, ao prédio da escola, no quarteirão vizinho.

Havia alguém que ele queria que eu conhecesse. Esse alguém era um aborígene alto, cabelos brancos, que trabalhava em uma enorme tela que seria o cenário de fundo do altar da missa papal. Era a tradicional pintura com pontos nas cores terrosas da região. Pedi ao pintor que a explicasse para mim. Ele o fez, com certa hesitação, pois seu povo era tímido com brancos que não conheciam — e tinham razão para ser assim. Ele disse-me que a pintura representava a história tribal do povo aranda, seus lugares sagrados, os animais totêmicos, toda a cosmogonia da criação, a terra que já lhes pertencera e os fantásticos seres que haviam criado suas colinas e ravinas e os desfiladeiros onde as preciosas reservas de água ficavam.

Agradei-lhe o tempo e atenção concedidos a mim.

O padre e eu caminhamos de volta sob a noite aveludada, o céu repleto de estrelas e que pareciam tão próximas, que bastava alguém esticar-se e colher uma delas.

— Aquele homem — disse, abruptamente, o padre — é uma pessoa muito especial. Ele é o guardião dos sonhos de todo o seu povo. Eles não têm linguagem escrita. Toda sua história é transmitida oralmente. E toda ela está guardada no interior da cabeça daquele homem.

O triste em tudo isso é que os jovens afastam-se das tribos periféricas, perdem-se e, com eles, perde-se também sua história.

Lá naquelas colinas — gesticulou ele, vagamente, na direção da sombria cordilheira MacDonnell —, lá naquelas colinas existe um grupo tribal que se autodenominou de Homens Pintados. Eles estão tentando reformar a vida tribal. Vêm até a cidade e sequestram jovens aborígenes e os forçam a se submeter às cerimônias de

iniciação tribal. Acreditam que essa é a única maneira de restaurar a tribo e preservar os fundamentos da vida tribal. Não lhe posso contar mais a respeito deles porque isso não é problema dos brancos, mas compreendo a importância do que fazem e realmente percebo como é importante que aquele homem idoso retorne à sala de aula.

Repentinamente eu também entendi o porquê de tudo aquilo. O homem que estava para chegar, o papa de Roma, era também o guardião do sonho. Seu sonho, no entanto, tinha apenas dois mil anos de idade. O sonho daquelas pessoas existia há pelo menos quarenta mil anos e, possivelmente, mais do que isso. Seria possível algum entendimento, seria possível alguma harmonia?

Passei a noite insone com esse problema, que sussurrava em minha cabeça. Pela manhã, após o desjejum, troquei idéias com o padre. Sugeri que passássemos o dia visitando outros grupos da comunidade: grupos religiosos, professores, comerciantes, submetendo-lhes o texto intitulado "O guardião do sonho". Se fizesse sentido para eles, se ele tocasse em um fio de entendimento, então eu concordaria em escrever e discursar a respeito da visita papal. Caso contrário, porém, minhas idéias e percepções eram equivocadas em excesso para ser úteis.

As visitas que realizamos naquele dia e as conversas que mantivemos com diversas pessoas permaneceram em minha memória. Nem todas as respostas foram imediatas. Muitas delas, entretanto, foram positivas. As pessoas compreenderam a necessidade da reconciliação e da abertura de caminhos. E também compreenderam que, de algum modo, tinham de livrar-se de preconceitos que oprimiam sua própria história e produzir um novo início.

Todos concordaram: o símbolo de uma época de sonhos constituiria a fundação de algo que eles poderiam construir. Aceitaram prontamente a noção de que embora nossos símbolos — pessoais, nacionais ou tribais — não fossem idênticos, expressavam uma verdade comum a todos nós: originamo-nos do mistério e partiremos imersos em mistério. Se quisermos viver de forma pacífica entre o começo e o fim, cada um de nós tem de receber de

outros a dádiva de qualquer tipo de compreensão que possam oferecer.

Ao longo de toda a minha vida encontrei uma conexão — até mesmo concordância — entre os acontecimentos do meu passado e os acontecimentos de um distante e, aparentemente, improvável futuro.

Durante minha permanência em Katherine passei muito tempo com um dos meus sargentos, experiente em regiões de mataria, explorando os braços de rios, as áreas madeireiras e a savana que os delimitavam.

Lembro-me de, certo dia, subir a uma plataforma de madeira erguida acima dos pastos de cangurus. Na plataforma fora deixado o corpo de um aborígene que, obviamente, estava morto fazia algum tempo. As águias e as aves que se alimentavam de carne putrefata juntavam-se ao redor dele. As pedras sob a plataforma estavam cobertas pelos fluidos da decomposição e fezes das aves.

O cadáver ali ficaria até ser reduzido a um esqueleto. A seguir, seria levado para baixo e desmembrado. Os ossos seriam postos em um tubo oco de pandano, que receberia uma pintura de ocre e, por fim, colocado em um lugar secreto. Quando esse cerimonial estiver completo, o espírito do morto estará em paz e ele não mais poderá assombrar os vivos.

Um dia meu companheiro e eu descobrimos um desses locais de sepultamento. De início pareceu ser um buraco no chão entre as raízes de uma enorme árvore de fícus. No dia seguinte retornamos ao buraco com archotes.

Descobrimos que o ar era fresco e limpo e que estávamos na primeira de uma série de câmaras que se estreitava e desaparecia na distância. O piso era de areia seca, o leito de um rio subterrâneo que, em épocas de chuvas, devia transformar-se em uma torrente. Nos recessos e cavidades da rocha estavam troncos e toras ocas contendo os ossos dos mortos. Havia armas e pequenas varas pintadas cujo significado nos escapava.

Não era um lugar sinistro. Havia uma curiosa neutralidade em todo ele — a mesma neutralidade que experienciei muitos anos mais tarde, em Roma, quando pela primeira vez visitei as catacumbas de

San Callisto na via A?

a. Lá, também, fui confrontado com o mistério das nossas semelhanças humanas e as diferenças de tempo, costumes e crenças que nos transformaram em inimigos.

Lembro-me muito vividamente da impressão produzida em mim por dois sinais no velho caminho funerário. Um, impressionante e monumental, assinalava a entrada para as catacumbas cristãs. O outro era um simples quadro de aviso, em madeira, desfigurado pelo tempo, que ficava no portão de entrada, fechado, de um vinhedo. No aviso simplesmente lia-se: Catacombe degli Ebraei, catacumbas dos judeus. Era a recordação de que mesmo aqui, entre os mortos, o anti-semitismo prevalecia. Em antigos tempos, os locais de enterramento da comunidade judaica eram contíguos e, na realidade, contínuos aos dos cristãos.

Um quilômetro adiante, na Via Ardeatina, ficava o monumento nacional aos trezentos reféns, alguns deles judeus, outros gentios, que foram arrebanhados pelos alemães após um ataque de partigiane ao bordel de oficiais na Via Rasella em Roma. Trinta oficiais foram mortos nessa incursão. Trezentos reféns, dez por um, foram agrupados e metralhados dentro das cavernas calcárias das Fosse Ardeatine. As cavernas foram explodidas para esconder o crime. Depois da guerra as vítimas foram exumadas e reenterradas no local da execução que é, hoje, um santuário nacional.

Como e devido a que estranha malícia da memória — ou será isso um processo de revelação? — essas recordações estabelecem elas mesmas conexões em minha mente? Quanto mais velho fico, mais me convenço de que cada vida humana é um processo evolutivo durante o qual o Criador oferece à criatura uma experiência divina, uma oportunidade, grande ou pequena, de compartilhar o avanço do ato de criação.

Acho difícil expressar essa convicção, pois a linguagem em si mesma é tão limitada. Por exemplo, a única maneira pela qual fui capaz de chegar a um acordo com uma criação violenta — que é como, mais cedo ou mais tarde, a maioria do gênero humano a experimenta — é encará-la não como um ato completo mas como um processo evolutivo orientado para um final triunfante em que

mesmo os desventurados, os horrores e os terríveis paradoxos farão algum divino sentido.

Não posso provar nada disso. Faltam-me palavras e até mesmo vontade para debater. Eu a mantenho, se você preferir, tal como a esperança de um peregrino, quando a noite cai e os terrores da estrada parecem mais próximos. Anos passados tentei expressar isso em meu romance *Os fantoches de Deus*¹, no qual havia uma série de cartas dirigidas a Deus escritas por um papa destituído sob o pseudônimo de "Johnny, o Bufão". Em uma forma simples e moderna, as cartas recapitulavam as disputas, no Velho Testamento, entre o homem e Deus. Elas visavam, também, a relembrar a terrível pergunta de Jesus crucificado: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Eis, a seguir, parte de uma das cartas de "Johnny, o Bufão":

"Querido Deus:

Se Você é o princípio e o fim de tudo, por que não deu a todos nós uma oportunidade igual? Num circo, nossas vidas dependem disso. Se os armadores cometem algum erro, o trapezista morre. Se o homem que maneja os refletores não o faz direito, eu posso ficar cego.

1 Publicado no Brasil pela Editora Record.

Mas parece que Você não vê as coisas desse jeito. Um circo está sempre viajando e assim podemos observar como outras pessoas vivem... e estou referindo-me às pessoas de bem, que se amam mutuamente e amam seus filhos, que realmente merecem um afago seu na cabeça.

Mas aqui está a coisa que não consigo entender.

Você sabe de tudo isso. Afinal, foi quem fez tudo isso. Mas cada um o vê de maneira diferente. Até mesmo tem permitido que seus filhos se matem uns aos outros só porque cada um faz uma descrição diferente de seu rosto na janela!...

Por que todos temos de usar sinais diferentes para indicar que somos seus filhos? Fui aspergido com água, porque meus pais eram cristãos. Louis, o domador de leões, teve um pedacinho de seu pênis cortado porque é judeu. Leila, a moça preta que cuida das cobras, usa uma amonite pendurada no pescoço, porque se trata de um

objeto mágico... E, no entanto, quando o espetáculo acaba e todos nos sentamos à mesa do jantar, cansados e famintos, pode ver muita diferença entre nós? E se importa com isso? Fica realmente perturbado quando Louis, que está ficando velho e assustado, se mete na cama de Leila em busca de algum conforto? E Leila, que é bastante feia, fica contente em recebê-lo?

Se bem me lembro, Seu Filho gostava de comer, beber e conversar com pessoas como nós. Ele gostava de crianças. Parecia compreender as mulheres. É uma pena que ninguém se tenha dado ao trabalho de registrar as conversas que ele teve com as mulheres.

Ficaram apenas algumas palavras suas com a mãe e umas poucas conversas com outras mulheres.

O que estou querendo dizer é que Você está acabando com o mundo sem realmente nos dar uma oportunidade de superar as desvantagens que nos impôs... Tenho de dizer isso. Não estaria sendo honesto se deixasse o problema de lado. Em algum lugar, perto do Pólo Norte, há uma velha sentada numa massa de gelo flutuante. Ela não está sofrendo.

Está definhando lentamente. Sente-se contente, porque é assim que a morte sempre foi dispensada aos velhos. Você sabe que ela está lá. Tenho certeza de que está fazendo com que as coisas sejam mais fáceis para essa mulher... talvez mais fáceis do que para outros pobres velhos que estão internados em clínicas luxuosas. Mas Você nunca nos disse claramente qual a situação que prefere. Eu quero acreditar que é aquela em que existe mais amor!

Por outro lado... tenho de dizer-lhe isso!...

sentei-me hoje num café. Ao meu lado, havia um homem que sei estar de fato habitado por um espírito do mal. Ele é traiçoeiro. Um homem destrutivo. E é um assassino. Como Você haverá de julgá-lo? E como fará com que seu julgamento chegue ao nosso conhecimento? Temos o direito de saber. Não tenho filhos. Mas, se tivesse, eles não seriam apenas brinquedos, não é mesmo? A própria vida lhes concederia direitos... pelo menos de acordo com nossos padrões ínfimos. Detesto pensar que os seus possam ser ainda mais ínfimos.

Assim, por favor... sei que estou sendo muito insistente esta

noite, mas é que estou cansado e com medo daquele homem maléfico, de voz feliz e sorriso suave., diga-me como e quando vai julgar o caso do Criador versus criatura., ou deveria ser o contrário? Ou não poderia suspender tudo e transformar o caso num banquete de amor?

Mas que coisa estranha! Nunca pensei em pedir antes. Mas será que não poderia, meu Deus, mudar de idéia? Se não é possível, por que não E, se é possível, então por que não o faz antes que todos nós estejamos metidos numa confusão total e irremediável? Lamento se pareço grosseiro. Não pretendia ser..." Há alguns anos associei-me a um projeto ambicioso, uma história do papado romano para veiculação mundial pela televisão. O primeiro episódio foi produzido e distribuído quando tive de me submeter a uma cirurgia cardíaca. Não havia possibilidade de eu prosseguir com o restante do projeto. Abandonei-o. Entretanto, um pequeno episódio permanece em minha mente.

Estávamos filmando em Castel Gandolfo, a residência de verão dos papas. É também onde se localiza o observatório do Vaticano e o local de trabalho do astrônomo papal, um brilhante jesuíta norte-americano cujo nome é George Coyne. Ele é um astrofísico de renome mundial e passa a maior parte do tempo em Phoenix, Arizona. Quando lhe perguntei o que ele fazia em Roma, explicou-me, com um sorriso, que vinha todos os anos para "polir as lentes do telescópio e apresentar um relatório à academia". Descobri, mais tarde, que ele havia envolvido o Vaticano em uma pesquisa mundial, em andamento, destinada a determinar a possibilidade de formas de vida em outros corpos celestiais. Recordei-lhe que precisamente essa foi uma das causas heréticas pelas quais Giordano Bruno fora condenado e queimado. Ele sorriu de forma maliciosa e disse:

— Eu sabia; engraçado, não é?

Estávamos instalados, com a equipe de filmagem, na parte interna da torre do observatório. A torre dominava os jardins onde, naquele exato momento, o papa João Paulo II estava caminhando para cima e para baixo, recitando seu breviário. Havíamos recebido ordens estritas de não perturbar, de forma alguma, sua sagrada privacidade. Comecei a pressionar o astrônomo papal no decorrer de

nossa entrevista. Perguntei-lhe, de início, quanto dos céus ele podia ver de Castel Gandolfo. Ele encolheu os ombros e respondeu:

— Não muito. A neblina e a fumaça são muito espessas.

Minha próxima pergunta foi metafísica.

— Você lida com astrofísica e outros fenômenos.

Você se ocupa de extensões e distâncias que estão além da nossa capacidade de compreensão. O que sua ciência tem a dizer a respeito de Deus?

Ele encolheu os ombros novamente e declarou:

— Não muito mais do que se pode aprender com uma folha ou um punhado de pó Existe mais do que isso. A diversidade e a extensão excedem a escala, porém os mistérios da criação e do Criador ainda permanecem.

— O que a criação lhe diz a respeito da alma? — indaguei a seguir.

— Devo lhe dizer, Morris, que o problema da alma sempre me preocupou — respondeu mais uma vez com uma evasiva.

Eu sabia o que ele queria dizer: a antiga noção dualista de Espírito e matéria, de alma e corpo, era inadequada para expressar a misteriosa unidade da pessoa humana e, da pessoa, com o cosmos. Fiz-lhe outra pergunta, dessa vez sem gravá-la. Gesticulei em direção ao jardim onde o papa ainda caminhava e recitava seu breviário.

— Como teria o papa respondido à pergunta que lhe fiz? — perguntei.

Ele fez um gesto com as mãos, como se se recusasse a discutir.

— Sendo papa, ele provavelmente abster-se-ia de debater a questão com você. Ele foi eleito para dirigir uma igreja universal, manter coeso o legado primordial da fé e confirmar a moralidade da vida cristã. Com esse encargo ele não pode se dar ao luxo de manter especulações públicas. E por isso que eu e você somos felizes.

Quando era estudante e, mais tarde, quando estava sendo educado como religioso, a doutrina da Queda e a doutrina da redenção eram, sempre, expressas como "uma infinita ofensa a um

ser infinito, uma ofensa que somente poderia ser purgada pelo ato redentor da vida e da morte de Jesus Cristo, o Filho de Deus".

Sempre tive uma relação problemática com essa teologia. Tenho, por experiência pessoal, que os mais nobres e os piores seres humanos são incapazes de infinitudes. Os maiores horrores da história são, não obstante, eventos limitados. Seis milhões de vítimas do holocausto, vinte milhões de vidas perdidas na guerra — estes ainda são números finitos.

É por esta razão que julgo que não posso acreditar na idéia fundamentalista de punição eterna, portanto infinita, devido a um ato finito. Não posso aceitar o Criador no papel de torturador nem posso encontrar nenhuma alegria na contemplação do sofrimento de outrem. Extinção ou exclusão da beatitude eu posso admitir, embora vagamente. Recompensa e punição são, no entanto, termos humanos através dos quais exprimimos nossas crenças — ou, pelo menos, nossas esperanças — no cósmico equilíbrio final de todas as coisas, a divina racionalidade de um plano criativo que a razão humana não pode compreender.

Existe, ainda, um mistério mais profundo: a infinita bondade de um Deus infinito, na qual acredito, apesar de todas as evidências contrárias. Para o cristão existe a promessa de "restaurar todas as coisas em Cristo". Como ou quando essa restauração será efetivada, não sei.

Espero, insciente, com todo o resto da família humana.

Encontros

Permita-me que lhe explique algo. A paisagem mental estende-se para além da geografia da vida normal. Seus elementos e imagens são autênticos, todavia parecem, à primeira vista, irrealis, desconexos, tal como as imagens de um quadro surrealista. A luz tem o brilho do meio-dia porém frialdade ártica. As sombras que provoca são nítidas, porém seus reflexos, por vezes, produzem confusão ou deslumbramento. Digo-lhe com sinceridade, porém, que o que penso eu vejo, embora não seja exatamente o que é ou o que

era. Conforme o velho Ben Jonson disse há muito tempo, "a memória, de todos os poderes da mente, é a mais delicada e frágil".

Assim, se por vezes a memória me falha, peço-lhe que não me chame de mentiroso, mas considere isso como uma travessura da luz e uma fraqueza da idade.

Lembro-me, ainda adolescente, vestindo sotaina preta, estirado no piso de mármore, fazendo o solene voto de pobreza, castidade, obediência e perseverança a serviço de Deus.

Lembro-me, um homem muito mais velho, na época do ano que é chamada de "bordos-em-chamas", em pé junto ao lago de Tenryuji, enquanto o mestre zen propunha-me os enigmas que afastam a mente da lógica e a inserem na percepção:

Só quando alguém se liberta das palavras é que realmente compreenderá as palavras.

Um no todo, o todo em um. Somente quando isso for compreendido é que você cessará de se preocupar acerca das imperfeições.

Em outro contexto exótico, recordo-me de Jim Thompson, o rei da seda da Tailândia, jantando em sua antiga casa de teca, envaidecido pelos afamados convidados que recebia, enquanto o papagaio, em seu ombro, alimentava-se com seu garfo e, depois, caminhava pela mesa bicando o colo das mulheres, ao passo que Thompson olhava e ria. Era um homem elegante e trapaceiro, mas fora treinado no secreto e sem alma comércio de informações militares; havia um traço de perversidade e crueldade nele.

Thompson desapareceu do planeta na região montanhosa da Malásia, e cuidadosas lendas foram divulgadas a respeito do mistério irresolvido.

Depois havia o Homem-pena, meu amigo Keith Hyland, com fábricas em Bangkok e Saigon. Ele era o senhor de um completo exército de ciclistas, espalhado pelos deltas, que lhe traziam penas de pato e informação militar. Sua vida foi mais misteriosa do que sua morte.

Durante a ofensiva do Tet, no Vietnã, ele foi aprisionado em Cholon por uma unidade vietcongue. Durante a maior parte de seu cativo foi mantido no fundo de um buraco. Passou fome e foi

humilhado, mas conseguiu sustentar-se e manter a dignidade pessoal, bem como o respeito de seus captores. Tenho em meu poder alguns dos relatórios de revisão após sua libertação. Nenhum deles oferece um retrato completo de um homem complexo e profundamente misterioso, de quem todos os amigos gostavam e nenhum deles jamais consegue lembrar integralmente. Tentei, certa vez, persuadi-lo a anotar, ou pelo menos a delinear, sua vida e experiência como um rico exilado na Tailândia. Ele sempre recusou.

Tenho uma visão engraçada do Homem Gordo, com casaco preto e calças listradas, que conduzia cada visitante pelas ante-salas dos apartamentos papais no Vaticano. Meu primeiro encontro com ele foi em meados dos anos durante uma audiência com Sua Santidade, o papa Pio XII. Éramos meia dúzia de privilegiados visitantes, conduzidos através das antecâmaras papais, por prelados do Vaticano seguidos pelo Homem Gordo com as mãos enfiadas nas abas do fraque. Ninguém de nós sabia quem ele era ou o que fazia até o último momento, quando puxava a câmara de sob as abas do fraque e tirava fotografias de nosso grupo. Foi pouco antes do encerramento da audiência que ele demonstrou quem era. Organizou-nos ao redor do papa e até mesmo dirigiu essa augusta personagem com serena autoridade.

Seu nome era Felici. Possuía uma pequena loja na Via dei Babuino. E também detinha o monopólio altamente rentável de todas as fotografias batidas ou originárias do Vaticano. Depois que Sua Santidade se retirou, ele apresentou-nos uma simples e só pergunta:

— Quantas cópias vocês querem? Cada uma custa seis mil liras.

Tenho uma lembrança muito nítida do produtor de Hollywood, que conduzia suas conferências com determinado grau de dramaticidade. Sentava-se atrás de uma enorme mesa, diante da qual estava colocada uma solitária cadeira com outras, em círculo, dispostas atrás dela a respeitável distância. A cadeira solitária era para a vítima do dia. Quando alguém se sentava nela defrontava-se com o grande homem a quatro quilômetros de distância, do outro lado da mesa.

Agrupadas em círculo, projetando-se para além da área da mesa, com as lâminas apontadas em sua direção, havia um arranjo de facas letais, de todas as formas e tamanhos, meticulosamente lubrificadas e polidas. Atrás das facas encontrava-se o pequeno monte de folhas que você havia encaminhado poucos dias antes. As brancas e bem tratadas mãos do produtor de cada lado da pilha de papéis. Ele não lhes dirigia mais do que uma simples espiadela. Se ele se dignava a tocá-las, era sempre com uma expressão de extremo nojo. Seu preâmbulo jamais variava.

— Bem, li o seu material...

Na ocasião, você jamais saberia se ele gostara ou não. Ele jamais o deixaria saber. Portanto, você continua sentado, calado. Depois, inevitável como um juiz a sentenciar, vinha a jogada:

— Diga-me, qual é a cena mais sensual que você já viu no cinema?

Outra vez, um animal bem adestrado, você continua sentado e aguarda. Então o grande homem lhe diz:

— Uma mulher barbeando um homem... na cama!

A imaginação começava a funcionar como que por mágica, de forma extraordinária. Ele não disse que parte ela, presumivelmente, estava barbeando. Eu, o escritor, logo me deixei envolver por atordoantes fantasias sexuais, da sublime à mais ridícula. Ele, sendo o produtor, não tinha senso de ridículo, mas tinha o poder de ler as mentes de animais idiotas e escritores. Ele ficou chocado com o que via em minha mente.

— O que você está pensando é imundície! Estou falando a respeito do rosto dele...

Agora o produtor encontrava-se em pé, atrás de mim, golpeando meus ombros com a lâmina da faca enquanto descrevia em detalhes, plano por plano, como a sequência seria filmada:

— ...os delicados dedos da mulher retirando o creme da boca do homem, os rubros lábios dela procurando os dele em meio às bolhas de espuma do mar...

E assim prosseguia, ad nauseam. Finalmente, a pergunta cerimonial:

— Você acha que pode escrevê-la? Eu tinha certeza de que a

faca estava perto da minha jugular mas, corajoso tal como uma virgem mártir, respondi:

— Não, acho que ela cheira mal.

Ele sentiu-se ofendido e zangado. Parecia que eu insultara sua masculinidade.

— Então, qual é sua idéia de uma cena de sexo? Pois essa merda que você me deu não tem nada de sensual!

Viu como funciona? É pegar ou largar. Ou você concorda com o monstro em sua loucura ou se compromete com uma lógica demente segundo a qual a lua tem de ser feita com queijo verde, habitada por larvas enfeitadas enviadas, por uma nave espacial, do Centro Vermelho da Austrália.

Neste ponto preciso dar um salto no tempo para lhe apresentar a irmã do papa. Ela, é claro, pertencia a outro país e, além disso, segundo chegou ao meu conhecimento, era prostituta e já está morta. De qualquer forma, sua história merece ser contada.

Ela teve lugar em meados dos anos 60, quando eu estava em Roma trabalhando no roteiro de *As sandálias do pescador*². Você se recorda do livro: o primeiro papa eslavo... como, recém-libertado da prisão na Rússia, ele foi eleito para a sé patriarcal? Lembra-se da caminhada, à noite, pela cidade entregue à obscuridade, a fim de ver a verdadeira face de seu povo? Ótimo, marcante, bastante dramático! Estávamos trabalhando nisso em Roma.

Meu produtor nesse filme era o mais agradável dos homens. Você não seria capaz de ofendê-lo, ele não seria capaz de ofender você. Era elegante, inteligente, encantador, um schler para superar todos os schlers.

Divertimo-nos a respeito de muitas coisas, exceto o roteiro. Frequentemente jantávamos juntos no Romolo's em Trastevere. Bebíamos vinho Frascati. Mais tarde sentávamos para ouvir nosso chitarrista preferido tocando canções napolitanas. Comprávamos, em um gracioso ato de caridade, uma rosa da idosa russa-branca que sempre chegava às onze horas, cantava um verso de *Dark Eyes* e, a seguir, oferecia os emurchecidos botões de flores aos que jantavam.

Foi em uma dessas noites que meu produtor desafiou-me com a "grande idéia".

— Morris, tente me vencer nesta...

Era tarde. Eu estava cheio de vinho, música e benevolência. Dirigi-me diretamente para a armadilha.

— George, por este dinheiro, em Roma, na primavera, por você, meu amigo, eu tentarei qualquer coisa!

2 Publicado no Brasil pela Editora Record.

— Morris, que tal se o papa tivesse uma irmã?

Não havia o que questionar na sugestão. Papas tinham mães. Eles tinham pais, tios, tias. Alguns tiveram amantes e fizeram filhos nelas, aos quais chamavam de sobrinhos ou sobrinhas. Obviamente eles poderiam ter irmãs. Assim sendo, eu não tinha nada a opor.

Simplesmente perguntei:

— Certo, o papa tem uma irmã. Ótimo! O que fazemos com ela?

— A grande cena, Morris, aquela que vai elevar o filme às alturas ou fazê-lo explodir. Está me acompanhando?

Eu o estava acompanhando. Estivera com ele meses e meses e meses, em cada etapa do percurso. Não seria agora que faltaria.

— Estou fascinado, George. Por favor, conte mais.

— Bem, suponha, Morris... suponha que, na medida em que o papa Kiril passeia pelos bairros decadentes de Roma, uma das prostitutas que o assediam, na página cinquenta e seis, é uma mulher que ele reconhece, alguém a quem ele perdeu durante a época da guerra.

Suponha que ela é... A IRMÃ DO PAPA!

Juro que isso aconteceu. Tenho a mais nebulosa das lembranças da minha reação. Creio que me recordo de ter bebido pelo resto da noite. Parece que me lembro que estava no jardim de inverno do Cavalieri Hilton, às três da manhã, imaginando se doeria muito se eu me jogasse lá embaixo! Sinto-me satisfeito porque não o fiz, pois isso teria destruído a glamourosa recordação de Noel Coward e Lynn Fontane sapateando, de braços dados, pela Schubert Alley, em Nova York, na noite em que minha peça, A filha do silêncio³, estreou com excelentes críticas e também com uma nevasca, que durou uma semana, e que nos obrigou a encerrar a temporada.

Lembro-me de outra, mais severa, nas estreitas ruelas de Nápoles, em que os meninos pobres e maltrapilhos eram chamados de scugnizzi, os corredores.

Foi lá que conheci Mario Borrelli, o padre maltrapilho, que partilhava suas esqueléticas vidas e depois, assim como o flautista de Hamelin, guiou-os até uma igreja abandonada que se tornou a legendária "Casa dos Maltrapilhos". Uma das melhores coisas que fiz em minha vida foi contar sua história ao mundo em um livro intitulado Children of the Sun. O livro ainda se encontra em catálogo e a Casa dos Maltrapilhos ainda está funcionando. Borrelli e sua obra ainda estão vivos.

Children of the Sun foi publicado em 1957. Dois anos mais tarde publiquei O advogado do diabo⁴, que se tornou, no jargão do mercado, um arrasa-quarteirão. Foi publicado em muitos idiomas. Obteve muitos prêmios.

Faturou alguns milhões de dólares e até hoje ainda vende. Um ano mais tarde estava morando na Califórnia.

Toda semana envolvia-me em discussões sobre a adaptação teatral do livro, que mais tarde veio a ser encenada na Broadway. A filha do silêncio foi escrito, distribuído e previsto como outro enorme best-seller. Em resumo, eu era o perfeito modelo de um autor bem-sucedido. Meus enganos e meus fracassos foram enterrados sob uma avalanche de elogios.

Logo depois, em um belo dia, vi-me no hospital, seriamente doente. Os inebriantes vapores do sucesso dissiparam-se bem rápido, como se fossem nevoeiro na 3 Publicado no Brasil pela Editora Record.

4 Idem.

matinada no mar. O que fosse que tivesse conseguido seria tirado de mim. Seria um legado para outros, mas certamente nenhum lucro para mim. Os ressentimentos dissiparam-se também. Não havia espaço para eles em minha vida. A cada dia chegavam até mim as mais inesperadas demonstrações de caridade, sob a forma de cartas, de leitores que tinham ouvido falar de minha doença por intermédio da imprensa e se apressaram em me contar a respeito do que eu lhes dera através do que havia escrito.

A mais pungente dessas cartas tinha umas trinta páginas de magnífica caligrafia. Era de uma jovem judia, da Califórnia. Narrava como sua família fugira da Alemanha para a Espanha após a Kristallnacht. Da Espanha eles pretendiam emigrar para os Estados Unidos.

Foram avisados de que, se estivessem preparados para se converter ao catolicismo, seriam selecionados para ser amparados por uma organização da Igreja. Os pais decidiram que um visto para os Estados Unidos certamente "valia uma missa". Toda a família foi orientada e batizada na Igreja.

Minha correspondente descreveu-me sua situação extremamente peculiar. De repente, não mais havia ameaças em sua vida. Tinha uma nova e serena existência. Sentia-se confortável na identidade que adotara. Ela descreveu sua alegria ao colocar o vestido branco da primeira comunhão, a camaradagem com as jovens de sua idade. Ela não tinha conhecimento — e como poderia? — das reiteradas ironias da história espanhola.

Por fim, a família conseguiu obter vistos para os Estados Unidos e, oportunamente, residência permanente e cidadania norte-americana. Isso alcançado, toda a família — exceto minha correspondente — reverteu ao judaísmo. Conforme ela me explicou, sentia-se feliz em ser quem e o que se tornara. A felicidade durou até que ela se apaixonou por um rapaz judeu e teve de pedir permissão ao seu pastor católico para casar-se com ele!

O padre, seguindo o costume à época, não foi nada compreensivo nem um pouco compassivo. Por fim, ela casou-se com o rapaz judeu — e imediatamente tombou sob o esmagador peso de uma dupla culpa. Ela alcançara sua primeira liberdade abandonando seu próprio povo. E estava, agora, abandonando o povo com quem obtivera sua primeira e frágil segurança. As imagens do holocausto passaram a povoar seus pesadelos.

Estes profundos conflitos internos mergulharam-na em uma intensa depressão clínica e levaram-na, algumas vezes, à beira do suicídio. Ela descreveu o peculiar momento em que pegou O advogado do diabo e começou a lê-lo. O diálogo entre Aldo Meyer, o judeu exilado em seu próprio país, e monsenhor Blaise Meredith, o

adoentado servidor do Vaticano, cada um deles repleto com suas próprias culpas, tocou-a profundamente e trouxe significado e esperança de volta à sua vida.

Sua carta deu-me a extraordinária consciência da continuidade. Eu, também, estava me defrontando com um possível término, mas o que eu escrevera continuava a animar as vidas de outras pessoas a quem eu jamais conhecera e jamais conheceria.

Alguns anos mais tarde, escrevi a essa mulher e lhe pedi permissão para incorporar parte da história que ela havia me narrado no livro que estava escrevendo, *As sandálias do pescador*. Ela me autorizou e está inserida no romance na personagem de Ruth Lewin. Quando o livro foi publicado nos Estados Unidos, retornei para o lançamento. Quando estava autografando exemplares em Brentwood Market, Los Angeles, uma mulher pediu-me que autografasse o exemplar que acabara de comprar.

Eu lhe fiz a pergunta padrão: "A quem devo dedicá-lo?" O nome que ela me disse fez com que me erguesse da cadeira. Ela pousou a mão em meu ombro e forçou-me a sentar-me novamente. Ela disse: "Não se levante, não diga nada.

Eu apenas queria agradecer-lhe pessoalmente." A seguir, afastou-se a caminhar e desapareceu na multidão. Nunca mais a vi ou soube dela.

Houve, em contrapartida, encontros mais sinistros: o doqueiro que cambiava moedas em Beirute e que se tornou o maior banqueiro do Oriente Médio. Ele entretinha os chefes do deserto em uma tenda de seda armada em seu escritório e no qual eles podiam ver seu ouro empilhado sob o pálido. Conheci-o porque tinha uma carta de apresentação de amigos em Roma. Coloquei-o em um livro, também, *A torre de Babel*. Ele gastava prodigiosamente e investia em todo o mundo. Seus inimigos aguardaram até que ele estivesse com menos de três por cento de liquidez e, então, apertaram o botão do pânico e riram quando os depositantes retiraram seus capitais em uma corrida semelhante a estouro de boiada.

Ele voou em sua própria companhia aérea para o Brasil.

Depois, acometido de câncer, retornou à Suíça para tratamento. Devido a esquisito acidente, foi reconhecido e preso.

Morreu em regime de prisão preventiva, um fugitivo doente detido pela polícia na Suíça.

Lembro-me de uma dolorosa vigília noturna em uma villa romana, com um rei exilado, que aguardava para saber se três de seus súditos haviam sido sumariamente executados após uma corte marcial em Atenas. Eu lá me encontrava porque a sua mãe me chamara. Ela era amiga da nossa família, uma constante hóspede de nossa casa.

Seu filho, disse-me ela, necessitava de um amigo discreto com quem pudesse falar durante o terrível dilema com que se defrontava. Não havia nenhum poder externo ao qual ele pudesse recorrer sem comprometer o reinado que ele ainda mantinha. Lembro-me de seu curto e pungente adeus: "Obrigado por ter vindo. Obrigado por partilhar uma péssima noite. Agora o rei precisa tomar sua própria decisão." Essas são, apenas, algumas das personagens que se destacam no panorama da minha existência. As mais distantes são as mais importantes e duráveis em minha história pessoal. Elas precisam ser um pouco ampliadas, posto que influenciaram muito mais vidas do que a minha, e foram motivadoras de triunfos e tragédias com as quais jamais teriam sonhado.

Primeiro, havia o clero católico, grandioso e formal, envergando amplos sobretudos e colarinhos romanos e gola pregueada. Eles constituíam a vanguarda de um exército recrutado pela congregação para a propagação da fé e a fim de evangelizar o jovem continente australiano e as ilhas do sul do Pacífico. Muitos deles eram irlandeses, muitos mais eram de origem irlandesa.

Eram construtores de igrejas, escolas, hospitais. Eram vigorosos defensores da antiga fé contra o modernismo, casamentos mistos, divórcio e heresia de qualquer matiz.

Negavam completamente o direito de errar, até mesmo o de existir, sem mencionar a questão da propagação.

Compartilhar orações ou rituais com outras igrejas era anátema para eles. Seu hino de batalha era "Fé em nossos patriarcas, viver moderadamente apesar de calabouços, fogo e espada...|| Entre os irlandeses expatriados e outros grupos migratórios existiam os senhores espirituais — e também temporais,

ao fim e ao cabo, pois controlavam os bens imóveis, a aplicação de fundos e geriam as atividades assistenciais da Igreja e, igualmente, os votos do povo.

Em minha juventude, o mais valoroso campeão e o líder mais maquiavélico era Daniel Mannix, arcebispo de Melbourne, nascido na Irlanda, antigo presidente de Maynooth. Durante a primeira guerra mundial, ele combateu e venceu uma cáustica batalha com o então primeiro-ministro da Austrália, um escocês de baixa estatura, chamado William Morris Hughes, a respeito do recrutamento para serviço militar no ultramar. Enquanto a Irlanda sofria a agonia dos "problemas" que se seguiram à rebelião da páscoa, Mannix planejava uma bem promovida visita à sua terra natal. A visita jamais aconteceu. Ele foi preso no porto irlandês de Queenstown e levado para a Inglaterra em um destróier inglês — uma escandalosa loucura dos britânicos e que abriu caminho para a partição da Irlanda e o autogoverno da República do Eire — e, finalmente, custou a Mannix seu capelo.

Ambos, William Morris Hughes e o arcebispo Mannix, desempenharam importantes papéis em minha vida. Após a publicação de meu romance, ambientado na época da guerra, *Moon in My Pocket*, nomeou-me como seu secretário particular e biógrafo. A razão? Meus editores, que estavam negociando a autobiografia, recomendaram-me a ele como "um jovem promissor". Ele retirou-me do exército em três dias — e despediu-me poucos meses mais tarde com uma menos do que lisonjeira observação:

"Sabe, West, para um jovem moderadamente inteligente você fez algumas tolices estúpidas. Pegue suas coisas e vá!" Eu deveria sentir-me envergonhado. Mas não estava.

Eu já havia descoberto que todos os mais recentes contratados tinham sofrido destino similar. O velho amigo ensinou-me algumas duras lições a respeito da política que duraram toda uma vida e tenho conversado à sua mesa de jantar desde então!

O arcebispo Mannix me entregou o prêmio como dux da minha escola em 1929. Em 1951 requeri à justiça marital um decreto de nulidade de meu casamento. A petição foi indeferida. Eu não podia, eu não queria aceitar o que eu entendia ser um veredicto

equivocado.

Esse veredicto mudou totalmente minha vida. Ele forçou-me a examinar as raízes e significados das crenças até então não examinadas que mantive e transmiti durante tão longo tempo. Ele levou-me a desafiar publicamente os decretos canônicos em que se baseavam. Tornou-me, durante longo tempo, um deambulante sobre a face da terra. Por outro lado, lançou as bases da minha carreira como romancista. Deu-me coragem pessoal para exigir explicações de todos aqueles que se julgavam com o direito de dirigir minha vida.

Depois do clero vêm os educadores. Primeiro, no início da vida, as freiras com todas as suas variedades de hábitos e vocações: a educação de damas de estirpe, daquelas que nunca seriam damas mas que poderiam vir a atingir a respeitável condição matronal da classe média, das mulheres mais simples devotadas aos serviços domésticos, e das madalenas que, tendo sucumbido como vítimas do mundo, da carne e do demônio, podem dar à luz filhos em segredo e tê-los adotados por boas famílias católicas. E se você pensa que estou descrevendo uma sociedade obsoleta, dominada pelo conceito de classe e fanática, estou fazendo exatamente isso. Os católicos estavam proibidos, sob pena de pecar e ser censurados, de comparecer a qualquer tipo de serviço religioso em qualquer igreja estranha e, naqueles tempos, conforme a liturgia, rezavam pela salvação dos "pérfidos judeus".

Seguindo a ordenação masculina das coisas, que então era a dominante, havia a elite jesuítica e, a seguir, os irmãos — salesianos, maristas, cristãos, patrícios — que, amparados pelos recursos dos fiéis, se incumbiam de retirar seus filhos dos guetos e colocá-los em direta competição com os heréticos predominantes: anglicanos, presbiterianos, metodistas e os demais ímpios.

Os irmãos cristãos dominaram minha vida durante doze indefiníveis anos. Primeiro me escolarizaram e, depois, orientaram-me — é a palavra mais caridosa que posso utilizar para seus quadros, nos quais vivi até o dia em que deveria pronunciar meus votos perpétuos e, após a longa agonia da indecisão, deles declinei. Minha servidão e suas conseqüências são elementos essenciais da

minha vida espiritual e intelectual.

Quando abandonei a vida religiosa, era um homem sem sombra. Não tinha passado ao qual pudesse fazer referência, nem futuro ao qual pudesse dirigir-me. Em termos acadêmicos, tive uma educação melhor do que a maioria. E também carregava a pesada carga de certezas não examinadas com a qual poderia expressar-me com a fluência de um bem treinado pregador. Emocionalmente, não havia experienciado nada, exceto a carência — mas, para isso, eu não dispunha de um vocabulário adequado.

Revedo, agora, aqueles distantes anos de juventude, vislumbro uma pessoa muito perigosa — um inocente submetido a lavagem cerebral em um mundo do qual, há muito, a inocência se fora, um obstinado porém disciplinado defensor de uma fé pré-sistemizada e uma cidadela de ego fragmentado. Pior ainda, eu era um homem tão inchado de conselhos que não queria, ou não podia, aceitá-los. Relembro a fome de experiência e a terrível ignorância de como adquiri-la. O contato social era, em um certo sentido, fácil, pois eu fora treinado a ter boas maneiras e podia manter uma conversação inteligente a respeito de muitos assuntos — não importava que, na realidade, a linguagem cotidiana que eu supunha partilhar fosse um artefato desvinculado da experiência comum. As agulhadas que me estimulavam eram a insaciável curiosidade e a necessidade, havia muito reprimida, de companhia feminina. Afinal, por essa razão, eu era ao mesmo tempo vulnerável e um risco para os que entravam em contato comigo. Levei muitos anos para compreender que eu estava lidando não com uma só personalidade, conforme a maioria das pessoas, mas com dois egos, um dos quais havia sido reprimido durante tão longo tempo que não se desenvolvera na mesma velocidade do outro. Tudo o que eu fazia, portanto, era marcado por uma espécie de desespero. Eu corria para tentar alcançar fogos-fátuos: o tempo perdido, a juventude perdida, as oportunidades perdidas.

Minhas realizações, tal como se deram, desenvolveram-se a partir desse desespero. Não pude suportar ser o que fica em segundo lugar, pois, devido a algum peculiar detalhe, eu poderia desaparecer por completo. Eu estava inconsciente da carga psíquica

que carregava até uma mágica noite, quando fiquei de pé no interior do encantado círculo das Pedras Eretas de Callanish no extremo ocidental das ilhas da Escócia. Eis o que escrevi a respeito delas:

O local onde ficam as Pedras Eretas é uma elevação coberta de grama que se projeta na direção sul rumo ao lago Roag, com seu recorte de ilhotas, e aos ameaçadores penhascos de Bernera, que se erguem acima dele. Mesmo na atualidade é uma região assustadora, remota e sempre silenciosa, com exceção do grasnido das gaivotas e o murmúrio do vento através da espessa grama. Não há árvores. A colina jaz nua a céu aberto, e os enormes megálitos destacam-se nela, duas ou três vezes maiores do que um homem. Há quatro avenidas deles, norte e sul, leste e oeste e, na convergência das avenidas, uma área circular para sepultamento, maior do que as outras, voltada para o ponto onde nasce o sol. Dos homens que ergueram as pedras pouco se sabe, exceto que ali se encontravam antes dos celtas — há três mil anos — e que esta colina e a região campestre adjacente eram um local de conagração onde veneravam o sol como a fonte do ser e pautavam sua vida ritual pelos seus movimentos. Não deixaram linguagem nem história.

Até mesmo seu ponto de sepultamento foi espoliado antes que sua história começasse a ser escrita. Mas eles ainda estão lá, espectros frágeis e delicados.

Como cheguei até aqui? Eu deveria estar na África.

Preparei-me durante seis meses para realizar um longo périplo por todo o continente — porém, no último momento, faltou-me coragem. A minha peça, *The Heretic*, havia sido espezinhada pelos críticos de Londres. Sentia-me cansado e desesperançado. Minha confiança se fora.

Eu, sozinho, não conseguiria encarar uma longa e árdua viagem. Foi minha mulher que me incentivou a sair de casa, afastar-me da família. Perguntei-lhe aonde esperava que eu fosse. Ela respondeu com devastadora simplicidade: "Por que não vai à Escócia?" Seus próprios ancestrais lá se encontravam; os meus estavam em outro lugar. Mas seus instintos eram consistentes. Ela estava me encaminhando para a minha última Thule.

Assim, três dias mais tarde, eu estava me dirigindo, na direção

oeste, de Inverness para Deus sabe onde.

Passei pela ilha de Skye e, daquele lugar, peguei uma balsa até o pequeno porto de Tarbert e iniciei a subida, de carro, pela região montanhosa e pelos leitos de turfa de Harris e Lewis, a última ilha antes das gigantescas vagas do Atlântico. Não conhecia ninguém. Era o gaeltacht, onde se realiza o comércio cotidiano entre os galeses e, qualquer que seja ele, quando se o encontra, significa a porta batida na cara do estranho, especialmente se se trata de um Sassennach.

Mas alguma coisa estranha estava acontecendo comigo. Eu não mais me sentia preparado para ser estrangeiro. À noite, eu me hospedava em qualquer fazenda que oferecesse acomodação e desjejum, e, ainda, perguntava como chegar ao pub mais próximo, onde, vim a descobrir, normalmente havia cantorias e, talvez, um tocador de gaita de foles ou alguém com uma concertina.

Cantei com a gente do campo, homens e mulheres.

Descobri que conhecia algumas letras das canções em gaélico, pois meus professores, há muito tempo passado, tentaram me ensinar o gaélico e algumas palavras permaneceram, especialmente as letras de canções da ilha. Assim, o outro homem dentro de mim começou a tornar-se maior e mais forte — um sujeito que podia entoar sua própria canção e manter o tom em contraposição a toda uma assembléia de estranhos. Isso não quer dizer que eu estava, sempre, orgulhoso dele.

Vim a gostar dele, respeitá-lo, mas também o temia, pois nele sobreviviam profundo enfurecimento e tempestuosas paixões que, por vezes, se aproximavam da violenta ebulição e que precisavam ser escritas ou — mais perigosamente — ser vividas.

As distantes ilhas ocidentais são ricas em lendas de conflitos pessoais e tribais. Elas ainda persistem, embora o estrangeiro dificilmente venha a percebê-las. Até mesmo eu tentei uma adivinhação a respeito delas, conforme a escala da moda gaélica:

O homem que eu era, o homem que eu sou Ela ama a ambos os dois mas seguramente Àquele que sou do que ao que era.

Sou o que sou, sou quem foi Gostaria que ela explicasse a diferença.

Quando minha estada chegou ao fim, retornei a Roma e à minha família, mudado, e, suponho, curado do que me atormentava. Fui capaz de olhar, no espelho, para mim mesmo e enxergar meus dois egos e compreender que eu deveria conviver com ambos para o resto da vida, mas que a convivência deveria ser harmoniosa, não uma batalha. No pub, certa noite, um dos moradores do local batizou-me de Seannachie. O Seannach, perceba, é um bardo, um contador de histórias, uma espécie de trovador gaélico. É um título e uma arte que, finalmente, unificou todas as partes dispersas de mim mesmo. Ele expressa a dádiva, a graça, se se prefere assim, o que os mantém juntos, por mais instável que isso possa parecer. Foi concedido a mim por um simples porém perspicaz homem do povo. Eu o uso com orgulho.

Ver Napoles e Morrer

Existe um velho provérbio italiano: Chi piú sa, meno crede. Aquele que sabe mais, crê menos. Leia de um jeito e constitui uma curta rejeição da superstição e da credulidade. Lendo-o de modo diferente, é uma óbvia declaração factual:

conhecimento e crença são mutuamente excludentes. Leia-o mais uma vez e se verá preso em uma teia de perguntas: O que é conhecimento?

Quão válida é a afirmativa de que alguém sabe alguma coisa? Qual é a natureza de um ato de fé? É comprovado por uma fórmula ou pela verdade? O que nos leva, de imediato, à pergunta de Pilatos: "O que é a verdade?" Entretanto, porque não quero escrever e você não quer ler uma longa discussão sobre o assunto, vou, em lugar disso, contar uma história.

A época, março de 1956, fim do pior inverno europeu em um decênio. O local, Nápoles, Itália, uma cidade que parece uma coelheira, dilapidada e superpovoada, com o povo e as plantações queimadas e enregeladas pelo frio, a fome escrita nos rostos atormentados dos moradores nos bassi e nos estômagos protuberantes de suas crianças maltrapilhas.

Joy e eu, com nosso bebê, havíamos chegado em um navio da Flotta Lauro chamado Surriento, um cargueiro da classe Liberty convertido para transportar migrantes italianos para Sydney e retornar carregado com turistas de baixa renda, tais como nós — exceto que não éramos turistas! Estávamos viajando como migrantes por nossa conta e risco, de uma existência estável na indústria radiofônica na Austrália para a vida cigana de um romancista inexperiente. Nossos bens, ao chegar, eram quinze mil dólares e o bolso cheio de esperanças.

Decidimos que, em lugar de prosseguir a viagem até Génova, e daquele lugar, por terra, até Londres, deveríamos passar os primeiros meses da primavera no ensolarado e romântico sul. Com esse objetivo, telegrafamos à CIT (Agência Italiana de Turismo) e

solicitamos que encontrassem para nós um pequeno apartamento em Sorrento.

Por que Sorrento? Porque eu era um idiota romântico, com a cabeça repleta de histórias confusas as quais, tinha certeza, conseguiria, de alguma forma, organizar em um romance. Eu era capaz de me expressar em um italiano passável — que Deus me perdoe! —, porém ainda não havia começado a lutar corpo a corpo com a pronúncia indistinta, a quebrar palavras, do dialeto napolitano e sorrentino. Pior ainda, eu me encontrava totalmente despreparado para os sinuosos e descuidados métodos de negociação do Mezzogiorno.

A villa que alugamos era nova. Isso era mais do que evidente. Tratava-se de uma caixa de concreto armado, fria como um túmulo, o reboco ainda estava úmido, o mildio atacava as videiras, os brotos germinavam sobre os azulejos recém-colocados. Uma noite naquele lugar e todos seríamos abatidos por uma pneumonia. O corretor mostrou-se eloquentemente pesaroso. Estava descontente porque estávamos descontentes. Se pudéssemos ser um pouco pacientes, ele retornaria com um aquecedor elétrico. Retruquei que ele precisaria de um forno ligado dia e noite para aquecer o lugar. Quanto mais zangado ficava, mais perdia o controle da linguagem.

Acabei completamente desarticulado, dominado pela raiva. O corretor deu de ombros. Talvez amanhã ele pudesse mostrar-me outra residência — que seria muito, muito mais cara. Perguntei-lhe onde ficava o hotel mais próximo. Com relutância ele guiou-nos, a pé, até um velho prédio em estilo bourbon, tendo o nome de Hotel Coccumella. Havia trabalhos de reforma em andamento, mas ele funcionava normalmente. Dispunha de quartos aquecidos e poderiam mandar um facchino recolher nossa bagagem. Aquela noite foi o início de nosso longo caso de amor com a Itália.

A proprietária do hotel era uma americana, Alison Dix Gargiulo, que se casara com um dos membros das velhas famílias Bourbon da região. Quando ela ouviu nossas reclamações, ofereceu-se para alugar-nos uma pequena villa perto da sua, na Via Califano. Tão logo vimos o lugar, apaixonamo-nos por ele. O azulejo no portal era um bom presságio: Villa Gioia. O nome de minha mulher é Joy.

O aluguel era baixo. A nossa senhoria arranjou para nós uma camareira, uma empregada para todo serviço, a filha de um pescador chamada Tina.

Tina era baixa, atarracada, roliça como um daqueles projetis de pedra usados em canhões. Ela era casada, mas seu marido fora condenado à prisão perpétua por homicídio. Tinha uma filha, Rosetta, e cujo pai era um soldado britânico. Infelizmente, segundo seu próprio relato, ela registrara seu marido legal como pai; assim, quando ela teve a oportunidade de emigrar com parentes para a Argentina, o pai recusou-se a permitir que a criança deixasse a Itália. Durante cinco dias por semana a menina era cuidada pelas irmãs de um convento local.

Nos feriados e fins de semana, tínhamos outra criança na casa!

Essa foi a primeira doação que Tina nos fez. A segunda foi nosso mendigo particular.

Nós o encontramos, certa manhã, sentado do lado de fora do nosso portão de ferro, a cabeça enfiada no peito, uma das mãos estendida no tradicional gesto de súplica. Tina não o apresentou, exatamente, porém explicou com impaciente tolerância: " È un poveraccio, signore, vittima della guerra." Foi ela quem, mais firmemente ainda, estabeleceu o limite do estipêndio. " Cento lire, signore.

Basta," Quando sugeri que cem liras não comprariam macarrão suficiente, ela orientou-me um pouco mais detalhadamente. Primeiro, que ele viria até o portão todos os dias, exceto aos domingos, quando trabalhava nos degraus da catedral de Sorrento. Segundo, como qualquer mendigo que se respeitava, tinha sua própria relação de benfeitores diários. Quando lhe perguntei quantos eles poderiam ser, ela encolheu os ombros e disse-me: " Eh! N'ha parecchi" — Ele tem uns poucos! Seu tom de voz dava a entender que havíamos passado por algum tipo de exame de aceitabilidade no mundo da mendicância.

O próximo a ser adotado pela nossa casa, que estava longe de ser afluente, foi um cocchiere, um cocheiro que dirigia uma das carruagens que, no verão, conduzia os turistas em passeios pelas

pitorescas paisagens ao longo dos caminhos nas elevadas colinas ou levava-os, de ida ou de volta, ao ancoradouro da balsa na Marina Piccola.

Naquele momento estávamos em meio a um rigoroso inverno, e havia poucos turistas. A carruagem estava sempre brilhantemente polida, mas o cocheiro parecia, efetivamente, um dom Quixote subnutrido e seu cavalo, em estado terminal, tal como Rocinante.

Tina explicou que, como a signora, minha esposa, havia optado por fazer ela mesma as compras, seria desagradável para ela ser vista carregando sacolas e pacotes do mercado. Isso era trabalho de empregada. Ela mesma ficaria feliz em fazê-lo — mas havia o problema do bambino. Seu carrinho de bebê era um objeto magnífico, tal como a criança; não se poderia enchê-lo de vegetais. Joy lembrou que o lojista da cidade utilizava um ciclista para fazer as entregas domiciliares. Isso levou-nos ao cerne da discussão: o cocheiro, também, era um poveraccio. Ele precisava trabalhar. Ganhava apenas o suficiente para alimentar o cavalo. Se o animal morresse, ele perderia seu meio de vida.

Agora eu estava em um dilema. Tina, tal como todas as empregadas italianas, era uma esbanjadora do dinheiro da patroa. Minha esposa insistia em fazer ela mesma as compras. Ela gostava de caminhar pela cidade.

Não se importava em parecer uma camponesa. Além disso, a um dólar por viagem diária, não poderíamos arcar com as despesas de um cocchiere. Indiferentemente ao que parecíamos face aos moradores da cidade, estávamos vivendo com um capital muito pequeno. Eu não ganhava um níquel. Na realidade, eu tentava sobrepujar os antigos alquimistas e transformar o ar em ouro! No entanto, a fim de manter o prestígio, concordei em utilizar o cocheiro ocasionalmente e por um preço fixo calculado por hora. Isso se transformou em uma vitória de Pirro. Diariamente, a partir de então, o cocheiro e seu infeliz animal estacionavam à frente do nosso portão e esperavam e esperavam, até que um de nós os dispensava formalmente. No sul, como sempre, não é o suplicante quem assume a vergonha, mas os afortunados!

Entretanto, a história do cocheiro ainda não estava concluída.

Duas noites mais tarde fui até a cozinha e encontrei uma segunda criança cavoucando avidamente em nossa enorme travessa de macarrão. Essa, disse-me Tina, é a filha do cocheiro! O que poderia eu dizer?

Qualquer um, com a visão reduzida à metade, poderia ver que a criança estava seriamente subnutrida — e ela, certamente, não comia como um cavalo!

Todos os infortúnios da vida de Tina nela produziram uma preciosa percepção de justiça natural.

Quanto a esse ponto, ela mantinha uma causa em andamento — uma discussão muito acirrada — com o Todo-Poderoso. Ela adorava as festas religiosas e as procissões pelas ruas. Eram belas, comovedoras.

Tocavam-na profundamente, mas missa aos domingos — de forma alguma, nunca. O domingo era o dia do Senhor, não era? O dia de Gesù Cristo. O que Gesù Cristo havia feito por ela? Permitiu que se casasse com um assassino.

Por causa dele, não poderia construir uma nova vida para sua filha... Claro que era católica e ia à igreja — em um dia especial do ano: a festa de San Giuse!

Óra, quanto a isso, afirmava Tina com absoluta convicção, tratava-se de um homem respeitável! Ele era o pai de Gesù. Trabalhava com as mãos; era um falegname, um carpinteiro. Ele sabia quão difícil era colocar o macarrão na mesa e conseguir roupas quentes para abrigar uma criança. Ela falava com San Giuse!

todo o tempo. Ele a compreendia. Ele tentaria fazer Gesù entender como eram difíceis as coisas para pessoas como Tina.

Nossa senhoria e suas amigas sorriam com tolerância quando lhes contava essas pequenas comédias domésticas. Eu estava aprendendo, disseram-me. Iria aprender mais na medida em que o tempo avançasse, como as sociedades impiedosamente aviltadas estruturavam-se por si mesmas, como os que tinham exploravam os que não tinham, como os senhores do reino dos pedintes — a máfia, a Mano Nero — ofereciam proteção em troca de submissão, como as pessoas simples temiam hospitais porque eram para onde se ia

morrer e sempre preservavam um vestígio de fé na Igreja, que era, pelo menos, um pórtico para uma vida melhor.

Eu estava aprendendo alguma coisa a respeito de mim mesmo, também. Para o povo da região eu era um forestiero, um estrangeiro, porém eles eram menos estrangeiros para mim do que eu relativamente a eles. Eu conhecia a história de sua terra desde os primórdios.

Pude decifrar as inscrições em Pompéia e Herculaneum e, pelo menos, conjecturava a respeito da recentemente escavada villa imperial nas colinas acima de Castellamare di Stabia.

Essas não eram coisas a respeito das quais se jactar; significavam descobertas a meu respeito, frutos há muito esquecidos de um jovem estudioso que, agora, de repente, era capaz de reconhecê-los e apreciar. Quando as pessoas do lugar saudavam-me como dottore, sentia um tolo rubor de orgulho, uma pequena restauração da minha auto-estima, um novo jorro de coragem que me conduzia ao trabalho que Joy confiara a mim: "Eis a sua história! Vá, escave-a! Lá está o seu homem, vá encontra-lo!" O homem era dom Mario Borrelli, conhecido como "padre maltrapilho", que optara por viver nas ruas de Nápoles com os desabrigados, garotos esfarrapados que varriam os locais públicos, que partilhava suas pequenas vidas criminosas e miseráveis e, por fim, conduziu-os, tal como o flautista de Hamelin, para o refúgio em uma igreja abandonada nas retiradas ruas dos bassi, os quarteirões degradados da cidade. Conheci o homem. Vi o que havia feito. Prometi escrever o que me fosse possível. Ele cedeu-me, como guia ao submundo, um dos seus rapazes mais velhos que, a propósito, é um poeta laureado e letrista de canções na Itália. Juntos seguimos para as ruas, eu no inconsistente disfarce de marinheiro da marinha mercante britânica em fuga da polícia. Esta é a impressão que tive da cidade que exploramos juntos em 1956:

Existe uma rua em Nápoles chamada de rua dos Dois Leprosos.

Para encontrá-la é preciso mergulhar no labirinto de becos e ruelas no lado norte da Via Roma. É preciso abrir caminho através de íngremes e estreitas ravinas de casas, com cordas para secar

roupas estendidas entre elas como se fossem os galhardetes de vitoriosos homens esfarrapados. Você avança através dos ajuntamentos de pessoas ao redor das barracas de frutas e dos carrinhos de mão com peixes e montanhas de mexilhões e tabuleiros com pólipos e as tinas de água limosa escorrendo vagorosamente. Você esbarra nos mascates com pilhas de roupas de algodão e paletós usados, calças remendadas e fotografias de artistas de cinema em molduras douradas e baratas. Você desvia a cabeça dos queijos e embutidos que pendem das vitrinas da salumeria; você tropeça nas imundas e esfarrapadas crianças fuçando os montes de lixo, à procura de restos de frutas e de pontas de cigarros. Você passa por diversos oratórios com estátuas empoeiradas ou imagens de pomposos santos por trás de vidros manchados e sujos. As lâmpadas brilham de forma melancólica e os pequenos círios votivos tremulam timidamente devido ao vento frio e tumultuado.

Você espia para o interior de apertados cômodos onde mulheres com rostos marcados pela adversidade estão debruçadas sobre trabalhos de tricô ou de bordado ou onde famílias com dez ou doze membros tagarelam e gesticulam sobre travessas de macarrão fumegante.

Finalmente, você chegou à rua dos Dois Leprosos.

Não existe comércio. Trata-se de uma viela estreita e escura, cujas paredes são úmidas e limosas e as portas são anteparos arqueados, frias e tristes. Entretanto, quando você as ultrapassa, percebe que estão plenas de movimentação e de vida. Figuras indistintas sentam-se desordenadamente à volta de largos pratos de folha-de-flandres cheios de carvão vegetal em brasa. Um bando de maltrapilhos geme e estende a mão em súplica. Em um pátio sombrio, onde uma lamparina insípida queima em um pequeno nicho, um grupo de crianças, imundas e unidas pelas mãos, dança em compassivo simulacro de alegria. O frio fustiga e você enfia as mãos, bem fundo, nos bolsos, abaixa-se para não bater com a cabeça no arco de um botaréu e se lança para a frente, na direção da luz na extremidade da rua dos Dois Leprosos.

Quando você a alcança, verá que se encontra em uma pequena praça com uma pilha de pedra britada no centro e um

reduzido tráfego de pessoas, rostos tristes e miseravelmente trajadas, passando e repassando dos becos escuros para a luz amarelada da praça e das ruas com os vendedores ambulantes.

Foi nessa praça que Pe?

no me deu sua primeira lição sobre Nápoles.

Para mim era uma ocasião importante. Havia me vestido com cuidado para isso. Usava uma camisa de lã, de marinheiro, já gasta, esfiapada e remendada em muitos lugares. Minha calça estava rasgada e com remendos visíveis e eu usava um par de sapatos cambaios cujos bicos finos machucavam meus pés abominavelmente. Não me havia barbeado durante três dias, minhas unhas estavam negras e as mãos manchadas de graxa e nicotina. Em qualquer outra cidade eu teria sido posto a circular pela polícia, mas, aqui, nos bassi de Nápoles, eu estava vestido como um milhar deles.

O que vi naquela noite e em outras transformou-se em um livro extremamente encolerizado. Boa parte das minhas iras particulares foi inserida nele, também. Tinha muitas delas, ainda, para purgar, porém a dimensão das tragédias pessoais que eu havia testemunhado reduziram-me ao silêncio quanto às minhas.

A história de Enzo Malinconico era a história de um milhar de outros maltrapilhos. A tragédia dele era a tragédia de todos os sem nome, coisas perdidas que são conhecidas como os scugnizzy" — os corre-dores —, os turbulentos e atormentados rapazes e meninos de Nápoles.

Enzo Malinconico era o segundo filho de um padeiro que vivia bem ao norte da via Teresa. O pai era velho e trabalhava duro, a mãe era jovem, uma combinação que não era incomum no Mezzogiorno, onde, na maioria das vezes, os idosos são os únicos que dispõem de economias para fazer face ao casamento. Quando Enzo completou dez anos sua mãe arranjou um amante. Quando ele tinha onze anos, seu pai descobriu tudo, ficou louco de ciúmes e cometeu suicídio, atirando-se ao fogo de seu próprio forno. Do pai Enzo falava com indiferença.

Em qualquer ocasião em que mencionava a mãe, cuspia e chamava-a de puttana o que, na Itália, é uma palavra de baixo calão

extremamente ofensiva.

Logo após o suicídio de seu pai, a mãe e o amante se casaram. Não tinham um lar feliz. A mãe era uma megera que atormentava os filhos e o marido, alfinetando-os porque não conseguiam ganhar o suficiente e deles zombando porque viviam "nas costas de uma mulher". Ela mesma vendia cigarros contrabandeados e, portanto, era mulher de alguns recursos!

O segundo marido, por fim, suicidou-se e Enzo e o irmão tiveram que cuidar de si mesmos.

O irmão começou a fazer contrabando. Quando a polícia o pegou e confiscou seu estoque, ele foi trabalhar no mercado. Uma vez lá, manteve contato com uma pequena quadrilha que roubava caixas de frutas dos navios mercantes e as revendia, mais tarde, nos arredores de Baiae e na Porta di Capua.

Por fim, a polícia apanhou-o mais uma vez e o mandou para a severa casa de correção na pequena ilha de Procida.

Enzo, agora, estava sozinho com a mãe. Ele ainda não completara onze anos.

A mãe botou-o para trabalhar como aprendiz com um marceneiro local. Ele varria o chão e misturava a cola, além de carregar madeira das oito da manhã às oito da noite. E também à noite a mãe enchia-lhe os bolsos com cigarros contrabandeados e mandava-o vendê-los, até bem depois da meia-noite.

Certo dia Enzo fugiu de casa e nunca mais voltou.

Quando finalizei o manuscrito, retomei à Casa dos Maltrapilhos e deixei-o sobre a mesa de Borrelli. Disse- lhe:

— Ei-lo, Mario! Não é o bastante, mas é o melhor que posso fazer.

Ele espiou uma ou duas páginas, depois ergueu o olhar e deu-me esse grande e franco sorriso que reflete a sabedoria das ruas e declarou:

— Mauro, neste momento você e eu somos os homens mais poderosos do mundo. Temos uma idéia.

Temos as palavras para expressá-las... e não temos nada a perder!

Tudo isso aconteceu há quarenta anos, quase no mesmo dia

em que escrevo estas palavras. O livro foi publicado. A idéia espalhou-se pelo mundo, o trabalho prossegue até hoje. Sinto orgulho disso, mas também fui contaminado por um desses momentos que se avizinham do desespero, os quais, com maior intensidade, na medida em que envelheço, afetam minha fé e minha esperança.

Em minha própria cidade, uma das mais agradáveis, prósperas e belas do mundo, há crianças desamparadas, meninos e meninas, prostituindo-se para sobreviver.

Existem sujeitos brutais e diabólicos que as exploram sem piedade. O escândalo é público e vergonhoso; todavia, ainda prossegue. Os jovens estão à beira do desespero. Nós, os mais velhos, estamos condenados pela nossa própria rendição ao mais sutil dos males, a indiferença! Nós erigimos estátuas de bondade. Vestimos as com trajes sacerdotais, com mitra e sotaina. Criamos elaborados rituais de respeito a elas. E também criamos efígies do mal, toda uma linhagem de gângsters e assassinos e vilões que roubam. Mas, na realidade, a verdadeira face da bondade é frequentemente maculada, exaurida e mareada por ferimentos, enquanto a face da maldade é sorridente e saudável, suave e dourada como o mel.

Uma Percepção do Mal

O que tenho agora para lhe contar foi provocado por uma série de fatos totalmente independentes entre si.

Um estimado amigo nosso telefonou para nos dizer que sua filha, uma mulher de quarenta anos, fora seguida até sua casa, brutalmente espancada e repetidamente violentada por um assaltante desconhecido.

Tutores de crianças em um elegante e moderno centro infantil de tempo integral foram presos devido a violências sexuais praticadas em seus pequenos tutelados.

Três adolescentes e dois jovens adultos seqüestraram, violentaram e assassinaram uma jovem mulher de negócios que voltava para casa após um dia de trabalho.

Foi divulgado um relatório a respeito de uma nova clínica montada para recuperar as vítimas de tortura profissional, que é ensinada e praticada nas forças armadas e nos quadros dos serviços de informação dos assim chamados países civilizados — entre os quais o meu.

Diariamente as manchetes destacam berrantes revelações de violência, corrupção, suborno e atividades criminosas entre nossos políticos e policiais.

Até mesmo as páginas financeiras estavam cheias de conspirações e contra conspirações, os cercos e traições dos nossos líderes em negócios, que estavam lutando como se fossem barões medievais à procura de novos feudos para extorquir.

Havia algo de obsceno no espetáculo de sua ostensiva ganância. Havia algo aterrorizante no rompimento da relação de confiança entre o povo e os representantes políticos que haviam eleito, o povo e o servidor público a quem pagavam para proteger seus direitos fundamentais. Constituía um completo horror a total amoralidade das crianças criminosas e horror pior ainda daqueles que as exploravam e as alcovitavam nas ruas de nossa cidade.

Quanto mais penso a respeito dessas coisas, mais assustado

fico pela crua realidade, o mistério obscuro e repetitivo da maldade no mundo. Nada aprendemos com o holocausto, o genocídio em Kampuchea, com as longas e sangrentas agonias da guerra no Oriente Médio.

Por que é assim? Por que nós, criaturas racionais, agimos tão perversamente, tão destrutivamente? O que produz essa monstruosidade? O que a mantém viva e se reproduzindo?

Essas perguntas não são novas. Estão imbricadas nas mais antigas cosmologias, nas mais diversas filosofias.

Para os gregos, a origem do mal estava na própria matéria. Para gnósticos e maniqueus, o mal encontrava-se presente desde o início, um princípio maligno enraizado em matéria e negror, promovendo eterna guerra com o princípio do bem, enraizado no espírito e na luz.

Uma ou outra noção provoca, até mesmo, maior torpeza na mente humana: a de que a fonte do mal é, de fato, o Criador — que Deus é um cruel insensato, presidindo o caos que Ele mesmo criou. Plotino, o maior dos filósofos neoplatônicos, propôs uma resposta para esse terrível enigma. O mal, disse ele, não é um princípio, nem é auto-existente. É simplesmente a ausência de bondade, um colapso da luz face à escuridão absoluta, como os buracos negros nas galáxias.

Todavia, profunda como a idéia era e ainda o é, ela não pode absorver o choque da experiência do mal pela pessoa humana, o absoluto, inescapável, destrutivo, totalmente indiferente poder de que dispõe. Este é o verdadeiro terror na tortura moderna. Ela é planejada por seres inteligentes para chegar à total degradação de uma pessoa humana, o aniquilamento da vontade e da dignidade mediante o exercício da crueldade baseado na suprema indiferença e na ilusória onipotência.

De maneira semelhante, a agressão a uma pessoa ou a uma família praticando violência criminal, estupro, ataque com extrema violência ou assassinato, cria um tão profundo trauma que as cicatrizes podem jamais desaparecer. A idéia de que o mal é irreversível levou muitas pessoas ao suicídio.

Assim, na fé de Israel, surgiu outro conceito de mal, menos

tolerável, mais fecundo de esperanças do que as especulações dos filósofos. É o conceito de pecado, uma calculada e inteligente ruptura no relacionamento entre a criatura e o Criador. A partir dessa ruptura, intitulada pecado original ou primacial, todo o mal se originava, tal como as pragas da caixa de Pandora. O pecado foi instigado por uma figura demoníaca, a serpente, o Mal, mas cometido pela mulher primígena e pelo homem primígeno, que agiram de forma independente, embora feitos à imagem de seu Criador.

A consequência foi a punição. O paraíso estava perdido. O gênero humano foi exilado em uma selva hostil, da qual somente poderia ser resgatado através da penitência por parte da criatura e pela graça e favor de um ato redentor do Criador. O caminho para o paraíso estaria novamente aberto, mas era uma estrada frequentada e atacada pelo Mal, Satã, com suas legiões de espíritos decaídos, que havia optado, antes, por reinar no inferno do que servir no céu.

Entretanto, até mesmo nas narrativas bíblicas, a antiga noção dualista era reafirmada, o mal era, novamente, personificado no demônio. A origem e natureza do mal eram descritas mediante outras metáforas, mas permaneceu, como ainda permanece, um mistério irresolvido.

Agasalho em meus braços minha neta e experimento uma terna e maravilhosa alegria diante da perfeição física e da inocência frágil e dependente dessa pequenina criatura. Não obstante, sei que os códigos genéticos que ela herdou de mim e de outros irão determinar-lhe saúde ou doença em sua vida mais tarde. Vejo-a, agora, cercada e amparada de amor por todos os lados; entretanto, sei que um dia virá em que ela ultrapassará o círculo encantado e afirmará seu direito a ser uma mulher livre, pronta a assumir as próprias opções quanto ao seu destino.

Ela se tornará, então, vulnerável diante da aleatória malícia do mundo, às suas próprias paixões, a todas as maravilhosas e perigosas ilusões da juventude. Ela será posta à prova, como todos nós, até o desespero, quando aquelas ilusões se desfizerem sob o impacto da realidade cruel.

Não poderei poupá-la de nada disso. Não poderei nem mesmo

prepará-la para isso. O mal, você já sabe, não é explicável. Sequer é compreensível. É o que os redatores do Catecismo holandês chamaram de "o grande absurdo, a grande irrelevância".

É absurdo, no sentido de que uma doença é absurda:

um tumor no cérebro pode transformar um gênio em um vegetal, uma combinação química pode modificar a mais gentil das criaturas em um desvairado maníaco. É irrelevante no sentido em que, assim como a peste negra na Idade Média ou a Aids em nossa época, não se adapta a nenhuma lógica em que possamos nos amparar ou confiar.

No entanto, a metáfora é válida. O mal é contagiante.

Ele jaz, adormecido, em todos nós tal como o bacilo antraz no solo, porém quando rompe, sua casca torna-se uma selvática infecção. A violência gera violência. A exposição diária à crueldade ou à pornografia dessensibiliza a pessoa humana em relação ao sofrimento de outros, ao crime e às mais grosseiras indecências.

Seduzir ou brutalizar uma criança será criar um infelizmente ou um criminoso. Suborne um funcionário do Estado e, em pouco tempo, ouvirá o besouro que prenuncia a morte zumbindo nas cumeeiras das sociedades. A doença do mal é pandêmica; não trata com indulgência nem o indivíduo nem a sociedade, pois todos somos predispostos a ele.

É essa predisposição que é a raiz do mistério. Não posso culpar Satã, Lúcifer, Mefistófeles pelos males que cometi e cujas conseqüências corromperam as vidas de outras pessoas. Eu sei, assim como sei qualquer outra coisa, que as raízes estão em mim mesmo, enterradas tão fundamente, que não me animo a escavar, em cavernas tão escuras, que temo explorá-las. Sei que, dadas as circunstâncias e a provocação, eu poderia vir a cometer qualquer crime já catalogado.

O fato de eu não ter recorrido a nenhum deles é, em parte, devido ao que um idoso tio chamava de "salvação circunstancial", a qual ele explicava dizendo que a razão pela qual jamais cometera adultério devia-se a que ele fora feliz o suficiente para nunca encontrar uma mulher que o agradasse mais do que sua esposa!

Assim como, porém, tenho consciência da minha aptidão para

o mal, tenho igualmente consciência do oposto; a aptidão para o bem e a competência para identificá-lo. Eu aspiro ao bem, embora nem sempre o tenha alcançado. Reconheço que esse atingimento está, muitas vezes, além da minha capacidade, a menos que eu seja amparado e ajudado por outros. Assim, até mesmo em termos puramente naturais, considero-me aberto ao conceito cristão de "graça": a dádiva, a ajuda que me torna capaz de realizar o que está acima da minha solitária força.

Estou também aberto à crença na divina remissão como uma absoluta necessidade na busca da bondade.

Sou um pai de família, o patriarca de uma família que se expande. Sei que a família não poderá ser mantida junta — digo mais, isto a destruiria completamente —, a menos que seus membros aprendam a se perdoar reciprocamente em relação às suas pequenas e grandes delinqüências. Precisarão aprender, também, desde a mais tenra idade, a se perdoar como um imperativo prelúdio ao perdão a terceiros. Precisarão ser ensinados a ver no espelho a imagem de Deus por trás da imagem humana frequentemente distorcida e odiosa.

Creio no livre-arbítrio. Creio que sou capaz de escolher entre o bem e o mal. Sei, no entanto, que nem eu nem ninguém somos completamente livres. A nossa liberdade é abreviada de milhares de maneiras, por condições físicas e psíquicas, por ignorância, pelo medo, por pressão econômica, por insuficiência ou excesso de informação. Portanto, nossa percepção do mal absoluto nunca deve ser encoberta pela nossa percepção da culpa como uma questão relativa.

O homicídio é a mais iníqua e definitiva falta. Estou firmemente convicto disso. Ao defrontar-me com um homicida eu desejaria matá-lo com as próprias mãos mas, pelo contrário, devo protegê-lo até que seja levado a julgamento justo por seus pares. Se eu abdicar dessa posição, em conseqüência abrirei caminho à vendetta, um morto vingando outro morto ao longo de gerações.

Existem muitos, em nossa sociedade, que advogam soluções quase draconianas. Um crime, dizem eles, é um ato irreversível. A contaminação pelo mal continua a se disseminar. A punição precisa

ser impiedosa e merecida, uma constante intimidação. Por outro lado eles assumem, consigo, uma proposição ainda mais perigosa, a de que o criminoso é um ser irrecuperável.

Ninguém negará que existem indivíduos assim — tão moldados, presos e ajustados a um padrão de maldade, que inexiste esperança humana de mudança. Para estes, as antigas palavras rituais do juiz enforcador parecem ser aplicáveis: "...e que Deus possa ter piedade de sua alma." Mas, e quanto aos demais, aos ainda recuperáveis, os genuinamente desventurados de uma sociedade que tem pouquíssimo cuidado ou compaixão pelas suas próprias crianças e as observa serem arremessadas ao monte de lixo sem o mais leve tremor de remorso? Não devemos nos interrogar se não somos nós os mal-feitores e, elas, as principais vítimas, porquanto negamos-lhes o que, desde o nascimento, tinham direito: a experiência do amor e a orientação familiar para que percebessem a diferença entre o bem e o mal?

No entanto, eu mesmo não me fiz a pergunta que desencadeou todas essas reflexões. Existe um diabo, um anjo negro, um satã, um verdadeiro príncipe das trevas espiritual que, para usar a frase bíblica, "caminha por todos os lados como um leão a rugir, procurando a quem possa devorar".

Permita-me que eu abra caminho e diga que seria um escritor efetivamente corajoso aquele que pudesse negar a existência de uma personagem tão pródiga e majestosamente presente nas elocuições bíblicas e nas mitologias da Europa. Todas as igrejas cristãs têm cerimônias de exorcismo para a expulsão dos espíritos maléficos e o mais antigo sacramento, o ritual do batismo, pelo qual se ingressa na cristandade, contém específica renúncia a "Satã e a todas as suas obras".

No entanto, seja ele símbolo ou personagem, a imagem de Satã é poderosa e maligna. Ele representa a gama completa de maldade e a sua capacidade em perpetuar-se, como uma infecção, na raça humana. Por outro lado, nunca se deve esquecer que foi a crença em Satã enquanto personagem e uma bárbara visão de sua presença e poderes nos assuntos humanos, que conduziu ao mais vil dos excessos da cristandade, a caça às bruxas do século XII ao

século XVI. Uma única citação será suficiente para expor o essencial:

Homens e mulheres que se tenham desviado da fé católica abandonaram-se aos incubi e às succubi (demônios masculinos e femininos com quem se mantêm relações sexuais) e, através de feitiçarias, trabalhos mágicos, invocações de espíritos e outras ofensas amaldiçoadas, assassinaram crianças ainda no ventre materno assim como a prole do gado...

(Bula do papa Inocêncio VIII, *Summis desiderantes affectibus*, dezembro de 1484.) Esse documento assinalou o início das inquisições e massacres que ocorreram no Velho Mundo por cerca de três séculos e que alcançou o Novo Mundo nos julgamentos das bruxas em Salem.

Com toda a maldade que somos capazes de maquirar para nós mesmos, um príncipe das trevas pessoal parece ser uma redundância! Mais ainda, provoca a mais do que vexatória questão da eternidade e imortalidade do mal — o que, para mim, é uma noção profundamente contraditória à "restauração de todas as coisas em Cristo". Muito mais próxima de nossa época e de nossas experiências é, talvez, a expressão "poderes das trevas".

As palavras no plural exprimem agregação, ação coletiva, força coletiva. É precisamente dessa maneira que temos observado os mais diabólicos monstros do nosso tempo produzirem uma Europa tiranizada e tombada em ruínas devido a filosofias coletivistas:

fascismo, nazismo, stalinismo; o holocausto cometido em uma coletiva conspiração do silêncio; as ditaduras sul-americanas apoiadas pelas políticas presidenciais dos Estados Unidos; os barões da droga criando novos impérios com a nova moeda, os narcóticos — muito mais estáveis do que o dinheiro e o ouro, muito mais valiosas do que vidas humanas e o Oriente Médio transformado em um campo de batalha em nome de Deus e do petróleo.

"Trevas" pode parecer imprópria para uma época em que a comunicação global é instantânea e contínua.

Todavia, fatos sinistros estão acontecendo. Mais e mais os veículos de comunicação estão ficando em menos mãos. A batalha pelo dólar da platéia, a fim de financiar redes de comunicação, está

se tornando tão intensa, que o talento dos comunicadores está sendo subornado para servir aos mais baixos e comuns denominadores das platéias. A capacidade de impor obscurecimento ao intelecto e chamá-lo de luz é, atualmente, um fato emergente. E, porque existe, pode e está sendo usado.

Talvez nós, simples mortais, possamos fazer como os antigos romanos fizeram: manter os gansos a grasnar a fim de nos avisar quanto a invasores.

Diante de tamanho poder coletivo, tal como um congresso de ilusória sabedoria, nós, os indivíduos, muitas vezes parecemos ridiculamente impotentes.

Confusos, conscientes de nossas muitas deficiências, somos facilmente tentados a aceitar o silêncio e a submissão face aos grandes batalhões. O pequeno capital de bondade que possuímos, que estreitamos de encontro ao nosso peito como o último talismã de uma velha fé, surge desprezivelmente inadequado face ao novo deus impudente cujas imagens adornam a estrada triunfal.

Não obstante, é assim que a batalha do bem contra o mal sempre tem início: uma pequena voz ergue-se de entre a multidão, proclamando que o rei não usa roupas, que os novos deuses são hipócritas vazios, que os novos mestres na terra são vigaristas e charlatães. Até que essa voz se erga, a tirania prosseguirá. E, uma vez ouvida, a coragem, assim como o crime, demonstra ser contagiante e esfarrapadas bandeiras serão desfraldadas, mais uma vez, contra o antigo adversário.

Entretanto, por vezes, faltam-nos palavras porque os bons são muito menos seguros de si mesmos do que os maus. O fato principal é que nos esforçamos pela verdade e bondade, procuramo-las dolorosa e pacientemente, o que implica não as possuímos em sua integralidade e convicção ou, possuindo-as, não as reconhecemos em seus valores integrais.

Dou a impressão de exagerar? Permita que lhe conte uma história verdadeira de minha época em Roma. Uma de nossas vizinhas era uma idosa senhora alemã, com um nome bem conhecido na história contemporânea, com longas conexões financeiras no Brasil e na Argentina. Ela estava doente e necessitava

de companhia em seus momentos sombrios. Nós a visitávamos periodicamente.

Em uma dessas visitas conheci um de seus filhos, um rico industrial. Falamos sobre os esquadrões da morte, assassinos que, então, operavam no Brasil, matando dissidentes e protestadores. Ele assegurou-me, quase com blandícia, que não apenas os considerava uma necessidade social, mas que ele e seus colegas empresários financiavam suas atividades.

Olhei-o, estupefato, em silêncio, perguntando-me por que não sentia raiva, nenhum impulso à violência, apenas um triste e nauseante desgosto. A seguir, despedimos-nos de sua mãe e voltamos para casa. Foi nesse momento, creio, que aprendi a mais dura lição de minha vida. O mal é límpido em sua enormidade. O mal é indiferente à discussão ou à compaixão. Não é simplesmente a ausência de Deus; é a ausência de tudo o que é humano, o buraco negro em um cosmo em colapso em que até mesmo a face de Deus é eternamente invisível.

Para essa derradeira danação não há recurso.

Nenhuma luz pode penetrar o denso cerne da escuridão tangível. L'enfer c'est le néant. "O inferno é o nada." Para os que restam de entre nós, ainda permanece a peregrinação, a jornada de esperança e mútuo conforto rumo à última revelação do Deus eterno. E não é sem importância que os símbolos dessa esperança são uma estrela ainda brilhante nos céus e um bebê, recém-nascido, adormecido em uma manjedoura tendo ingênuos e inocentes animais como guardiães.

Resposta à Violência

Lembro-me, como se fosse ontem embora já se tenham passado dezoito anos —, da noite em que escrevi as últimas linhas de Proteu. Transcorriam dez minutos após a meia-noite. Meus olhos ardiam. Minha corrente sanguínea estava cheia de cafeína. Meu pulso disparara e alguns velhos cigarros egípcios cavavam buracos em minha caixa craniana.

Desliguei as luzes, dirigi-me até a janela e permaneci de pé, longo tempo, observando o fantasmagórico jardim. O gramado e os canteiros de flores jaziam placidamente sob a lua cheia. O terreno arborizado à volta erguia-se, escuro, tendo o céu ao fundo. Ouvi o pio da coruja que vivia na noqueira. Bem distante, no desfiladeiro, uma raposa uivava. Senti-me, subitamente, só e vazio. Tinha sessenta e dois anos e estava muito, bastante temeroso.

A raposa uivou mais uma vez — um som assustador, selvagem. Pensei em como procriaria na escura floresta.

Lembrei-me — como são estranhas as armadilhas da memória! — da região das Pedras Eretas nas distantes Hébridas, onde, certa vez, havia enfrentado, face a face, meu Dolgänger e fora por ele aterrorizado porquanto se parecia com um lobo avermelhado.

Eu deveria estar alegre. Meu livro estava concluído.

Três longos anos de dedicação a ele. Teria tempo, então, para comer, beber e ser feliz. Havia dispendido suor, amor e raiva, porém fizera um trabalho profissional e não tinha nenhuma razão para sentir-me envergonhado dele.

Tenho um hábito que faz a minha família rir.

Acaricio um manuscrito concluído. Eu o embalo e o mimo exatamente como uma mulher brinca com uma criança.

Mas, dessa vez, era diferente. As páginas jaziam intocadas sobre minha mesa. Eu as temia — devido ao que escrevera, devido ao que elas poderiam provocar, uma vez que tivessem saído de meu controle e fossem absorvidas pelas mentes de outros homens e de outras mulheres. Sentia-me como se fosse um armeiro, orgulhoso da lâmina da espada que havia forjado, mas subitamente consciente do sangue sobre a damasquinagem.

Antes que o manuscrito saísse das minhas mãos, tinha de prestar contas a mim mesmo, pois, gostasse ou não, eu era responsável perante outros e, finalmente, a tudo o que Deus me concedeu como ser vivo.

A raposa, agora, estava em silêncio, acasalada e apaziguada. A coruja na noqueira emudecera. Na casa, do outro lado do gramado, minha família dormia. Quem era eu? Por que era eu? Que

estranho, irônico destino me conduzia até este momento tão sério, em um lugar silencioso, um momento que se assemelhava a usar a chave da caixa de Pandora. Se eu abrisse a caixa, o que sairia? Novos horrores, apenas? Ou, talvez, uma pequena, luminosa esperança?

Sentia-me mortalmente cansado, porém entorpecido pelo café. Sabia que não conseguiria dormir. Minha mente estava girando como um moinho que, a qualquer momento, poderia explodir em fragmentos letais. Se aqui estivesse alguém para me escutar, poderia falar durante toda a noite; mas não havia ninguém. Recordei-me do encantador e infantil conto que a minha bem-amada tia me contara: que Deus havia feito Adão porque Ele se sentia só em Seu esplêndido universo e precisava de alguém com quem falar.

Proteu era um deus, também, embora menor.

Posêidon o indicou para pastorear todas as criaturas do mar, concedendo-lhe todo o conhecimento e, para proteger seus segredos, deu-lhe o poder de transformar-se em múltiplas formas: um pássaro, uma flor, um leão, a chama do fogo. Para os antigos órficos ele se tornou um símbolo do magma primordial, origem de todos os seres, de todo o bem e todo o mal no mundo. Eu resolvera usar seu nome no título de meu livro porque escrevia sobre o conflito entre o bem e o mal nessa era de assassinos.

O mal, para mim, era específico. A violência praticada sobre o homem pelos seus-iguais: a devassa da pessoa humana por torturadores profissionais, interrogadores, carcereiros, assassinos mercenários, seqüestradores e médicos que degradaram a arte de curar. O problema que eu apresentava na ficção — visto que as pessoas aceitam a verdade da ficção enquanto se recusam a encarar um fato — era bastante simples.

Qual seria sua resposta, qual seria a minha, quando a violência nos atinge e aos que amamos? Assim, quando comecei a escrever, descobri que essa simples pergunta transformara-se em um enigma mais complexo e aterrorizante do que eu poderia imaginar: "Se eu ajo, torno-me um deles. Se eu não ajo, torno-me escravo deles." A primeira resposta ao enigma — talvez a única possível — foi: "Deus, ilumine-me." A única luz que me fora deixada

naquela solitária noite foi o lume de um planeta morto, cheio do veneno dos antigos encantamentos. Eu tinha, assim como o filósofo em meu romance, escrito para mim mesmo e me colocado em um beco sem saída. Não havia escapatória, exceto por uma ação de fé que, naquele momento, era verdadeiramente impossível para mim. Fui forçado a concluir — embora com relutância — que o homem é um animal enlouquecido, dedicado, por um quase universal impulso para a morte, à sua própria destruição.

Sou, normalmente, um homem otimista. Aprendi a contar os ferimentos, a ser grato ao sol no inverno e ao repentino sorriso. No entanto, o país em que eu morava há três anos — o reino de altos negócios e altas politicagens — é sinistro. Sua linguagem é pervertida, inepta para a poesia ou para produzir canções. Inexistem filósofos em seus centros de ideação, inexistem trovadores sob suas janelas gradeadas. Seu povo usa o cinismo como uma baioneta nas ruas e, quando se encontram no Parlamento ou na bolsa de valores, deixam seus corações em casa.

Como é fácil contratar um assassino profissional.

Como os ministros de Estado são chantageados e os servidores públicos subornados. Estudei as novas artes negras: como torturar uma mulher com choques elétricos, induzir loucura mediante privação sensorial, degradar o mais nobre dos intelectos com drogas psicotrópicas — e como justificar tudo isso com um artigo de fundo bem elaborado ou um apaixonado discurso no Congresso.

Para aprender tanto, pratiquei sédula urbanidade.

Continuava sentado, sorrindo, enquanto meu anfitrião proclamava seu ódio aos "negros na televisão" e ao salutar efeito do napalm, minas terrestres e desfolhantes.

Conseguia sinalizar afirmativamente, enquanto o diplomata latino-americano explicava que a ordem e o progresso tinham, muitas vezes, de ser pagos com sangue e era esse o temor que mantinha o jardim mais seguro do que o jardineiro. Fiquei silencioso durante longo tempo. Descobri que o silêncio estava começando a me corromper. Havia pensado tanto na insensatez que comecei a suspeitar da minha própria indignação. Eu era como a vítima da velha inquisição, tão confuso diante dos questionamentos, tão

seduzido pelas sutilezas, que poderia assinar qualquer coisa, ceder a qualquer coisa pela simples concessão de dormir.

A coruja piou mais uma vez. Bem longe, em meio às árvores, vi as luzes da viatura da polícia que patrulhava nossa propriedade a fim de manter-nos, os privilegiados, livres dos saqueadores. O carro de patrulhamento pararia em meu chalé. Percebendo a luz acesa, o jovem policial bateria e perguntaria, de forma respeitosa, se tudo estava bem. Eu ser-lhe-ia grato pelo cuidado. E relembriaria, com uma pontada de culpa, esse ou aquele colega definhando em celas de prisões, afastados de toda convivência humana, pois, certa vez, disseram-no, e sem abrandamentos, o que levei três anos para discutir, particularmente, antes de começar a escrever.

Fechei a janela, sentei-me à mesa e bebi a última e amarga xícara de café frio. Peguei o manuscrito e o sopesei com as mãos — e pesava a mim mesmo. Basta de discussões! Basta de silêncio! O que escrevi está escrito.

Vamos seguir em frente! Que os outros julguem o documento, enquanto ajusto contas com meu próprio ego.

Lembrei-me de um dia, há dezoito anos, quando desmaiei à beira de uma piscina na Califórnia. Era um momento de amarga ironia. Tornara-me recentemente conhecido, recentemente próspero. O advogado do diabo estava na lista dos mais vendidos; estava sendo montado, como peça teatral, na Broadway. A filha do silêncio encontrava-se pronto para ser lançado. Eu estava a meio caminho da adaptação teatral. Lucrativas ofertas eram feitas a mim todas as semanas. De repente, sem qualquer aviso, vi-me no hospital com uma moléstia pulmonar que desafiava todos os diagnósticos. Fui examinado em relação a toda uma gama de doenças:

tuberculose, psitacose, febre Q — todos negativos. Eu parecia melhorar e, a seguir, sofria dupla recidiva.

Sobreveio o dia em que meu médico declarou que gostaria de fazer uma biopsia. Perguntei-lhe por quê.

Respondeu-me que lhe restavam, apenas, dois diagnósticos possíveis. Ou eu estava sofrendo de uma infecção virótica atípica ou de câncer linfático. Uma biopsia proporcionaria a prova conclusiva. E sem a biopsia? Ou eu melhoraria em poucas semanas ou estaria sob

uma sentença de morte. Eu não aceitava a idéia de, novamente, sofrer outra invasão em meu devastado corpo. Respondi que gostaria de pensar a respeito. O médico concordou, deu-me um tapinha na mão e retirou-se. Irrompi em lágrimas.

Quando a noite chegou, eu já havia me recuperado o suficiente para ser racional com minha família; mas quando ela se foi, fiquei prostrado, transpirando, em solidão tão tenebrosa que imaginei enlouquecer. Uma operação curta e indolor, um simples exame patológico diria a verdade em um dia. Eu não estava preparado para encarar isso. Antes de aceitar uma sumária sentença de morte, preferiria transpirar durante duas semanas de terror e duas semanas de esperança, embora tênue e ilusória.

Lembrei-me da frase de abertura de O advogado do diabo, que os críticos — remotos e sem importância agora! — tinham considerado uma obra de mestre: A sua profissão era a de preparar outros homens para a morte; surpreendeu-se por estar tão despreparado em relação à sua." Era a primeira das muitas coisas que escrevi com, sem que o soubesse, um toque profético.

Na noite seguinte, informei ao médico que preferia esperar o tempo necessário, sem a biopsia. Ele deu-me alta, ainda não restabelecido, e permitiu que eu fosse para casa. O resultado foi afortunado. Ainda estou vivo, porém a recordação daquele cerco e das emoções que experienciei sobrepujaram qualquer coisa que, desde então, eu tenha escrito e feito.

Apreendi, durante a guerra, o valor e a fragilidade da vida humana. Apreendi a ter aversão pelos que a desprezavam, que tratavam homens e mulheres como animais, degradando-os pela intimidação e calculada crueldade. Agora estou mais velho. Cheguei a bons termos com a morte, mas, nunca, com a crueldade e a degradação!

Nisso reside a razão pela qual cheguei à beira do desespero durante a escritura de Proteu. As lições da guerra haviam sido esquecidas. Os pesadelos de Auschwitz e o derradeiro horror de Híroxima eram opacas lembranças. Até mesmo na mais tolerante e civilizada sociedade, a crueldade era e ainda está sendo utilizada como instrumento oficial de controle social.

A crueldade assume muitas formas: molestar de dissidentes e de suas famílias, restrições à locomoção, censura, prisão domiciliar, detenção preventiva, segregação forçada, privação de sentidos, uso de drogas manipuladoras da mente, inanição e as mais bárbaras torturas físicas. Nenhum país está isento de culpa nessa matéria.

Peritos norte-americanos ensinaram a arte negra a seus colegas da América Latina, Vietnã, Irã e Coréia. Os Estados marxistas eram tradicionais praticantes da disciplina do medo. O mais sinistro de tudo: o público foi condicionado, durante longo período, ao novo mito da violência. Por muito tempo foi levado a acreditar que esse condicionamento era muito profundo para ser revertido.

Li, constrangedoramente divertido, há pouco, uma notícia a respeito de um padre que se apresentara como voluntário para um teste com um detector de mentiras diante das câmeras de televisão.

Durante o interrogatório, perguntaram-lhe: "Você acredita em Deus?" Ele respondeu: "Sim." O detector registrou sua resposta como mentirosa! Ri, discretamente, diante de seu embaraço, mas também senti pena dele. A vida em si mesma é o melhor de todos os detectores de mentiras.

Todos carregamos conosco uma carga de crenças sem examinar e convicções jamais testadas.

Todos descobrimos, mais cedo ou mais tarde, quais as teias a que nos apegamos no escuro.

O homem com licença para matar é uma personagem cultuada pela ficção e pela realidade. É chegado o tempo, acredito, de parar e apresentar perguntas. Licenciado por quem? Sob que lei? Sob que possível justificativa? A menos que essa síndrome possa ser destruída não haverá termo para o ciclo de sangue do terror e do contra terror, da anarquia e da repressão estatal. Mas como destruí-la em uma sociedade livre?

Os ditadores e oligarcas reivindicam que sua resposta é a única que funcionará: censura total para suprimir quaisquer idéias perigosas, total repressão, a fim de que os dissidentes não possam se organizar e agir. É a mais antiga das soluções: esmagar a ideia

mal-afamada; eliminar os falsos profetas e seus seguidores; finalmente, teremos paz na terra. Em nossa assim chamada sociedade livre fingimos negar essa insidiosa proposta, mas, em qualquer nível de governo, imitamos os tiranos. A intimidação é utilizada — e a chantagem e a vigilância não autorizada e o segredo inconstitucional — para silenciar críticos e desencorajar indagações.

Trata-se, evidentemente, da lógica da insanidade. A censura desacredita o censor. Táticas terroristas mantêm o Estado em perpétua vendetta em relação aos seus próprios cidadãos. A imprensa clandestina prospera.

Líderes religiosos montam ações repressivas contra os dissidentes. Partigiani fazem bombas em suas cozinhas.

Abra qualquer jornal, ligue em qualquer canal de televisão, os sintomas da doença são evidentes: uma bomba explode em Jerusalém, um genocídio em Ruanda, um massacre no Sri Lanka.

Viajo muito. Em cada oportunidade em que entro em um aeroporto, há guardas armados e homens da segurança revistando as pessoas. Eu deveria ser grato à proteção dada. Mas sinto, principalmente, que estou encurralado em um repetitivo pesadelo de ameaças e mutilações.

E, no entanto, sou um dos privilegiados — nascido em um país livre, dotado de talento suficiente para desfrutar de um bom padrão de vida em minha profissão. Assim, graças a Deus, a violência não me atingiu nem à minha família. Mas, e se tivesse? O que aconteceria se meu filho fosse espancado até a morte em uma cela policial, minha filha violentada por interrogadores de uma polícia secreta?

Em um momento de crise, homens e mulheres, instintivamente, procuram soluções pragmáticas: o poder representado pela diplomacia e a pressão econômica.

Quando ambos falham, o próximo e inevitável recurso é a vendetta: a resposta violenta a uma ação violenta. No momento em que esse passo é dado, o restante do cenário é inevitável. Uma morte leva a outra, a violência aumenta em escala exponencial, atingindo as dimensões de uma ameaça global. O cogumelo na pastagem do gado torna-se um cogumelo atômico, contaminando

tudo dentro do perímetro de sua expansão.

Homens e mulheres com fé absoluta e integridade absoluta são raros em nosso infeliz planeta. Quando eu estava em Roma para o funeral do papa João Paulo I, ouvi o mexerico de que ele poderia ter sido envenenado. Mais tarde, um livro foi escrito proclamando que o boato era verdadeiro. Repudiei publicamente o livro, pois acreditava que era uma viciada relação de detalhes e uma conclusão inconsistente. O que não pude repudiar foi a presteza, até mesmo de religiosos, para aceitar a malícia, justificando-a devido a precedentes históricos. Boa parte das relações pessoais é baseada na cínica presunção de provável culpa. O lençol ensanguentado precisa ser exibido para comprovar que a nubente era virgem.

Contratos são firmados prevendo sanções contra quebra de compromisso. Juramentos são tomados, pois sem eles — e freqüentemente com eles — as pessoas prestarão falso testemunho. Nenhuma devoção é desinteressada, Nenhum motivo é totalmente puro.

É precisamente nesse cinismo que as sementes da nossa loucura florescem. Rejeita-se toda idéia de graça — de almas bem-dotadas transcendendo nossa imperfeição —, rejeita-se toda aspiração ao aperfeiçoamento espiritual. O que resta? Apenas uma única afirmação. O homem é um animal malicioso que precisa ser domado.

Se ele não corresponder à brandura, então o espanque.

Se, ainda, ele não se sujeitar, então o mate como advertência para os demais.

Para mim é uma filosofia rústica e brutal. Apesar disso, sou sempre surpreendido por muitos que a consideram aceitável.

Pode-se, em determinadas ocasiões, perdoar os políticos que são corrompidos pela insensibilidade devido à amplitude do número de problemas com os quais se defrontam; mas as mulheres comuns, os homens comuns que estão voltados para a sujeição pelo medo assustam-me como os fantasmas dos carcereiros de Belsen.

Tive um amigo, já falecido, que era muito gentil comigo. Lutara na guerra do Pacífico. Passou a metade de sua vida como comerciante no sudeste asiático. Durante a ofensiva do Tet foi feito

prisioneiro pelos vietcongues e passou cerca de um ano em um buraco no chão em diversos acampamentos na selva. Entretanto, quando lhe falava sobre os monstruosos acontecimentos no Camboja o extermínio de milhares, a brutal coletivização da população —, ele erguia os ombros, sorria e comentava:

"Talvez eles estejam certos. Talvez seja esta a única maneira de fazê-lo." E eu indagava: "Fazer o quê?" "Organizar aquele maldito lugar. Fazê-lo funcionar como um Estado moderno com alguma chance no século XX. Visto que eles estão deixando escapar os melhores elementos, sempre poderão repor as pessoas que assassinaram." Depois disso, o que dizer? Não havia nenhum argumento consistente. Devemos ser homens de planetas diferentes, nossa conversa um palavreado desarticulado sem nada significar.

Recordei-me de outros e semelhantes diálogos ensandecidos: com o diplomata no Vietnã que via no iminente assassinato do presidente Diem o único caminho seguro para a paz; com o idoso cardeal, em Roma, que ainda justificava a Inquisição, posto que o erro não tinha o direito de existir e o único direito fundamental do homem era o de reconhecer a verdade e viver para ela; com o primeiro-ministro australiano que admitia que uma "pequena guerra" na Ásia poderia ser um bom campo de provas para nossas tropas australianas.

Acredito eu em Deus? Sim, acredito, embora eu não possa apresentar razões da existência de Deus e em que pese não acreditar em tudo o que está escrito ou aprovar tudo o que é feito em nome de Deus. Acredito que toda a criação é a imagem de Deus e que muitos e diversos credos religiosos abrigam uma verdade essencial.

O que penso a respeito do gênero humano? Que somos animais perversos, por vezes predispostos à insanidade. Que nosso gênero pode ser aperfeiçoado mas nunca, nunca será perfectível. Que a brutalidade nos degrada, e unicamente o amor, o respeito e a capacidade de perdoar poderão enobrecer-nos.

Escrevi, aqui, verdades desagradáveis, pois a vida é áspera e perigosa, e não existem respostas fáceis aos seus dilemas. Deus não está em toda parte ou sempre evidente na criação. Todavia, não

escrevi sem amor ou sem esperança. Tentei, simplesmente, expor o que a vida humana pode vir a ser quando o amor e a esperança estão ausentes. Será inverno, então, o início da nova era glacial. Temo pelos meus filhos que terão de suportá-la.

Quanto a mim, prefiro não estar aqui para vê-la.

O Herege e a Dignidade da Dissensão

No sétimo dia de Fevereiro, no ano de Nosso Senhor de 1600, um homem chamado Giordano Bruno foi queimado por heresia no lugar que é chamado de Campo das Flores, em Roma. No nono dia de junho de 1889, no mesmo local, representantes da congregação e dos estudantes da Universidade de Roma desvelaram uma estátua de Bruno executada pelo escultor Ettore Ferrari.

Uma medalha foi gravada para comemorar o acontecimento. A inscrição na medalha diz:

Para Giordano Bruno O século que ele imaginava Em Roma Onde foi queimado preso ao poste.

Vivi durante sete anos em Roma, de meados da década de 1960 a 1972. Passei centenas de vezes pela imponente, encapuzada e meditativa imagem no Campo dei Fiori. Eu a vi iluminada pelas chamas das fogueiras quando os vendedores do mercado queimavam as sobras, na praça, ao fim de um dia invernal. Sempre, naquelas ocasiões, me sentia oprimido pelo mesmo enorme peso que o esmagou, o peso do poder, dos vastos interesses investidos na ortodoxia, seja ela política, religiosa ou científica.

Dediquei-me por fim a pesquisar a obra de Bruno, pondo em ordem os registros fragmentados de seus julgamentos em Veneza e em Roma, refazendo seu retrato a partir de rabiscos nos palimpsestos da história.

Constatee que ele era como um de nós, uma personagem contraditória: um erudito arrogante, um filósofo desnorteado, um fanfarrão quando embriagado, um poeta em seus momentos de recolhimento, assustado, venal, comprometido — e, mesmo assim, em resumo, uma figura de proporções heróicas.

Ele nasceu em Nola, no sul da Itália. Em tenra idade foi admitido na Ordem dos Frades Pregadores. Mais tarde, abandonou o mosteiro e tornou-se um erudito deambulante. Escreveu e lecionou em toda a Europa. Foi professor do rei da França. Manteve controvérsias em Oxford e em Wittenberg. Passou breve tempo no

séquito de Sir Philip Sydney na corte de Elizabeth I. Há indícios de que atuou como espião para Sir Francis Walsingham, principal secretário de Elizabeth I, que pretendia que a Inglaterra se aliasse aos principais poderes católicos e protestantes da Europa. Foi Walsingham quem planejou a famosa conspiração que levou à execução de Mary, a rainha dos escoceses.

Assim como tantos eruditos, antes e depois dele, Bruno se deixou atrair pelos perigosos jogos do poder.

Sua ambição superou sua influência e ele foi forçado a deixar a Inglaterra e tentar restabelecer seus poucos recursos no continente. Finalmente, em 1592, chegou a Veneza. Giovanni Mocenigo, descendente de uma família dogal, aceitou-o como orientador em artes mágicas, a fim de assessorá-lo no objetivo de recuperar o barrete de doge que seu tio, Alvise, havia perdido quando perdeu Chipre para os turcos. Quando nenhuma magia estava resultando, Mocenigo o denunciou à inquisição como herege. Aprisionado, interrogado e torturado em Veneza, ele se retratou. A seguir, os romanos levaram-no. Após mais sete anos de confinamento e inquisição, ele recusou-se a uma segunda retratação que poderia ter-lhe salvado a vida e lhe devolvido a liberdade.

Quanto mais sei dele, mais contemporâneo o considero, mais relevante para a nossa época em que o conhecimento mais se expande, porém, misteriosamente, se torna mais obscuro a cada dia. Supomos que somos mais livres do que ele, quando, na realidade, estamos presos mais estritamente. A fogueira não é mais uma penalidade em moda, mas os torturadores ainda estão na folha de pagamento do serviço público, os esquadrões da morte estão agindo, em alguma parte, todas as noites.

Observe que é uma ilusão do nosso tempo que o não-conformista está em ascensão, que o herege é o herói e que o revolucionário é o novo redentor.

De fato, o indivíduo que foge à padronização jamais esteve tão sujeito a riscos ou tão competentemente ameaçado por essa conspiração do poder que temos a gentileza de chamar de governo. Os mecanismos de controle social são mais sofisticados do que jamais o foram na história, mais sofisticados ainda naqueles países

em que a legislação ocasional parece inclinar-se em favor do indivíduo.

A posição extremista — de direita ou de esquerda — é pelo menos clara; saia do rumo e você está perdido:

expulsão do partido, o limbo das não-pessoas, a sobrevivência à beira da inanição, o confinamento brutal, a morte sem honra. O método democrático é mais sutil, porém não menos eficiente. A autoridade tributária pode invadir suas transações mais particulares e, o que não pode ser provado, é presumido como fraude até prova em contrário. Um empregador pode solicitar, arquivar e transmitir, sem seu consentimento, os mais íntimos detalhes de sua vida privada — e a sua recusa em lhe fornecer tais detalhes leva à presunção de delinquências que se pretende encobrir.

O espião social, o sujeito que faz gravações, o masca-te de bugigangas para violar a privacidade tornaram-se personagens habituais em nossa sociedade.

O crescimento dos grandes monopólios de comunicação levou os que se opõem para as ruas e os parques, onde o protesto pode, com facilidade, ser preparado ou manipulado para transformar-se em desordem pública.

Toda uma indústria foi montada em torno da arte da afirmação, mas a dignidade da dissensão é diariamente denegrida. O dubitante está em desgraça porque exige tempo para pensar antes de se comprometer com um ato de fé. A liberdade mais difícil de ser mantida é a liberdade de se enganar.

Além disso, a ameaça ao que foge aos padrões não é meramente externa.

É também interna.

Tantas informações diversificadas, tantas opiniões divergentes são servidas diante de nossos olhos e ouvidos que o esforço para racionalizar todas elas ameaça, às vezes, a nossa sanidade. Em muitas oportunidades, nossa única salvação consiste em pedir uma parada e declarar: "Não sei. Não posso me comprometer até que saiba. Não me comprometerei sem o tempo e a liberdade que se recusam a me conceder." Eu mesmo sofri essa síncope.

Eu mesmo fui submetido às mais ardilosas e poderosas

pressões que me coagiam a proclamar o que outros acreditavam ser verdade, mas que eu, em sã consciência, não poderia preconizar.

Após o rompimento do meu primeiro casamento solicitei ao tribunal diocesano da santa rota romana um decreto de anulação como prelúdio às formalidades cíveis para o divórcio. Meu apelo foi recusado.

Compareci diante do gabinete do arcebispo solicitando uma explicação. O vigário-geral apresentou-me um novo problema para encobrir o outro. Recordo-me de seu texto quase verbatim:

A prova que amparava seu pedido era insuficiente.

Concordamos que, no âmago de sua consciência, você pode, de fato, não estar casado. Entretanto, em vista da ausência de maiores provas no foro externo, devemos chegar à conclusão de que o vínculo é ainda válido.

O que eu ouvia, era evidente, baseava-se na velha regra favor matrimonii. Em outras palavras, a instituição do casamento deve ser favorecida e não as pessoas nele envolvidas.

Minha resposta foi ríspida. O veredicto era injusto. A lei em si era injusta. Eu não aceitaria nenhuma das duas.

O vigário-geral expressou seu pesar e compaixão. Disse-me que eu poderia apelar a Roma. Respondi que não possuía dinheiro para isso. O que eu esperava fazer pelo resto de minha vida? Ele, então, advertiu-me de que, se eu me casasse novamente, fora da Igreja, isso significaria automática excomunhão. Retruquei que era uma injustiça adicional. Ele asseverou, relutante, que, de acordo com os cânones, eu poderia viver discretamente em concubinato sem incorrer na penalidade de excomunhão.

Argumentei que, se eles me desejavam fora da Igreja, deveriam providenciar isso formal e abertamente. A menos que estivessem preparados para assim agir, eu deveria ser encarado e conhecido, em toda parte, como um católico praticante a quem fora denegada justiça por parte da corte. O vigário-geral encolheu os ombros, preocupado, e eu me retirei — um homem muito zangado.

O que se seguiu foi a separação e, a seguir, o divórcio. Voltei a casar-me em uma cerimônia civil.

Tivemos quatro filhos, que foram, todos, batizados e educados

na fé católica. Minha batalha pessoal pela reforma e pela justiça absoluta prosseguiu.

Assim, aconteceu que, cerca de trinta anos mais tarde, estava sentado em meu jardim, em Roma, corrigindo as provas de um livro intitulado *Scandal in the Assembly*, que meu co-autor, Robert Francis, e eu subtitulamos de *Notícia de queixas e uma proposta para a melhoria das leis matrimoniais e dos tribunais da igreja católica romana*. Sua publicação ocorreu cinco anos após o encerramento do concílio Vaticano II, três anos depois da encíclica *Sacerdotalis Coelibatus*, sobre o celibato sacerdotal, e dois anos posteriormente à decisiva publicação de *Humanae Vitae*, o parecer papal contra os métodos artificiais de controle da natalidade.

Estudei e aprendi bastante — e também sofri — ao longo dos anos que se seguiram. Eu me estabelecera, havia mais de cinco anos, como residente em Roma.

Atuara, durante breve período, como correspondente especial no Vaticano para o *Daily Mail* de Londres. A relação de minhas obras publicadas abrangia *Children of the Sun*, *O advogado do diabo* e *As sandálias do pescador*. Todos esses livros estavam centrados na Igreja e na comunhão da fé dentro de seu corpo visível e invisível.

Eu era, conforme prometera que seria, um membro bastante visível e atuante da comunidade cristã. Um novo artigo da lei canônica estava, não obstante, sendo esboçado. Minhas conversações com bispos e teólogos especializados em direito canônico, durante o concílio Vaticano II, deram-me esperanças de uma solução.

Todavia, minhas esperanças, assim como as de muitos outros, diminuíram rápido sob a inconstante mão do papa Paulo VI, o que me levou à determinação de publicar um apelo público para uma reavaliação acurada da teologia cristã do casamento e o restabelecimento dos propósitos compassivos das mais antigas tradições da Igreja. Minha tese estava, e continua, em linha direta com essa tradição:

Na Igreja Católica Romana, conforme ela hoje está organizada, o membro comungante, ou o não-comungante, que se enquadre em suas leis, não possui o direito legal de recorrer contra

a lei ou o legislador. Ele ou ela está submetido a um estatuto que, bom ou mal, está em vigor. Nenhum procedimento existe pelo qual homens e mulheres possam objetar quanto à sua validade ou, até mesmo, às suas bases doutrinárias. Eles reconhecem o princípio da autoridade, porém não podem se proteger contra seu exercício ilegal ou injudicioso.

Aceitamos a norma legal segundo a qual, uma vez preenchidas as exigências canônicas, passa a existir um casamento cristão; mas a aceitamos como uma presunção igualmente razoável: que as partes perderam a capacidade de manter efetiva uma união cristã no sentido sacramental da palavra. Portanto, subsiste uma dúvida razoável quanto à validade da união. Dessa forma, as pessoas devem ser favorecidas, não a instituição. O casamento foi feito para homens e mulheres. A Igreja não precisa fazê-los em pedaços para que se ajustem, como se o leito matrimonial fosse a cama de Procusto.

Se você me perguntar, após todos esses anos e algumas concretas reformas no cânon e na prática, por que faço disso uma questão tão pessoal, vou lhe responder com sinceridade. Foi essa luta que determinou o que sou hoje: um crente por opção. Não sou e jamais serei complacente. Houve muitas ocasiões em que teria sido mais fácil para mim abandonar a Igreja do que suportar a injustiça que ela impunha, não apenas em relação a mim mas a muitos outros, homens e mulheres corajosos e bons, que acalentam "a liberdade do Espírito no vínculo da fé". Para o bem ou para o mal, eu decidi ficar e exercer meu direito de falar abertamente e advogar justiça e misericórdia na assembléia da fé.

O tempo, e o providencial ajustamento que ele provoca, curou muitas feridas. Aprendi também, alguma coisa da arte de curar e tentei passá-la adiante, como o velho Hipócrates aos seus discípulos. Representa alguma coisa, suponho, para uso da adversidade, que o jovem desorientado que cruzou os portões do mosteiro há cinquenta e seis anos ainda esteja vivo e ainda capaz de lembrar com equanimidade aquelas batalhas há longo tempo travadas. Isso me leva a outra confissão ainda mais agradável: o débito que tenho com minha atual esposa, a mãe de minha segunda família. Foi ela quem

me ensinou a ser tolerante e apaziguou meu espírito combativo, proporcionando-me um refúgio de onde me foi possível contemplar a comédia humana e compreender uma pequena parte do drama divino.

Foi ela quem me mostrou que a chave para perdoar e ser perdoado é o amor. Ela também me ensinou a mais dura de todas as lições, a de que devemos perdoar-nos antes de estarmos prontos a pedir perdão a Deus ou a um homem. Nenhum de nós pode sobreviver a uma vendetta com a pessoa que vemos todos os dias no espelho.

Temos de respeitar a nossa própria humanidade antes que possamos respeitar nossos irmãos e nossas irmãs na humanidade. Houve, no entanto, outros momentos de forte tentação, quando a estrada para o poder ou para cargos lucrativos parecia se abrir e o preço de sua obtenção dava a impressão de ser ridiculamente baixo.

Houve uma época em minha carreira em que eu, assim como Bruno, era proeminente nos debates que empolgavam meu tempo e exercia, por determinado período, mais influência do que minha posição poderia justificar ou, na verdade, meu talento. Fui presidente da Sociedade Australiana de Autores. Fui um dos líderes incontestes do primeiro foro público de discussões, na Universidade Nacional da Austrália, contra o pretendido envolvimento da Austrália na Guerra do Vietnã. Foi, e ainda é, um dos momentos de que me orgulho em minha vida quando, em julho de 1965, de pé diante da assembléia, fiz uma declaração que foi publicada em todo o mundo:

Somos, a maioria de nós, cidadãos de um país em crise — uma crise quanto ao comprometimento armado no sudeste asiático —, cujo desenvolvimento, por ora, não podemos prever e cujas conseqüências, em relação a nós, não somos capazes de aquilatar. Quaisquer que sejam as conseqüências, nossas crianças irão herdá-las. Declaro a vocês, com toda a humildade, que temos uma evidente obrigação, coletivamente e individualmente, de examinar, nós mesmos, a natureza de nosso envolvimento na Ásia.

É nossa evidente obrigação, como cidadãos de uma democracia, exercer de forma plena o direito de convocar, regularmente, para uma prestação de contas, aqueles a quem

encarregamos, pelo voto, para gerir nossos assuntos internos e nossas relações externas.

Isso me conduz, de imediato, ao ponto principal de minha fala. Esta é uma questão política e uma questão estratégica. É também uma questão filosófica e moral, e ignoramos esse fato com riscos para nós mesmos.

Sei que o primeiro-ministro afastou a filosofia e a moral da discussão com um golpe de sua bem conhecida inteligência e com um paternal gesto de mão. Ele é um perfeito pragmático que somente enxerga o aqui e o agora. Ele está preocupado com o fato e não com a idéia.

Eu gostaria de lembrar a todos que a idéia é muito, muito mais explosiva do que o fato. Todavia, sei, como simples fato que é, que não se elimina uma filosofia lançando uma bomba atômica sobre Beijing ou uma bomba de napalm sobre uma aldeia vietnamita. Não se a eliminará pela ampliação dessa guerra até o nível de um holocausto humano, pois que do holocausto surgirá um novo e talvez mais temível monstro.

Houve sequelas a esse primeiro discurso: perda de velhos amigos e companheiros de armas, que entenderam meus argumentos como um gênero de traição; uma orquestrada campanha de imprensa inflexivelmente estimulada pelo então primeiro-ministro; ameaças contra mim e minha família.

Logo aprendi outra prática do poder político. Veio o dia em que fui convidado para almoçar com o líder do Partido Trabalhista australiano e dois ou três de seus companheiros. O almoço teve lugar na sede urbana do Royal Prince Alfred Yacht Club, do qual era e ainda sou membro. A proposta que me fizeram foi a de me filiar ao Partido Trabalhista e, se eu pudesse vislumbrar o futuro, a uma rápida escalada em seus quadros. Eu era, disseram-me, um eloquente propugnador de sua política de não-intervenção na Ásia.

Fiquei lisonjeado com o oferecimento. Prometi que iria estudá-lo. De volta a casa e à minha esposa, Joy, contei-lhe o que havia acontecido. Sua reação foi imediata e negativa. Suas palavras ainda ecoam em meus ouvidos: "Meu amor, você passou toda a vida tentando ser um homem livre. Por que quer se aprisionar

novamente? Filie-se a qualquer partido e ficará comprometido, não pela sua consciência, mas pelo credo do partido. É isso que você quer?" É por isso que escrevi *O herege*, um drama em versos sobre Giordano Bruno, cuja primeira apresentação deu-se no Duke of York's Theatre, no West End de Londres, em 1969. Ele foi representado muitas vezes desde então, em muitos lugares. Foi transmitido pelo rádio e exibido pela televisão. Não posso acreditar que qualquer pessoa possa ser obrigada a vender sua alma — por mais torpe que ela seja — a qualquer um que lhe prometa ordem, disciplina, sanção social e três refeições por dia.

Escrevi uma peça, pois em um livro seria extremamente fácil sucumbir ao traiçoeiro movimento pendular da racionalidade. Escrevi em verso porque não poderia expressar, de outra maneira, meu espírito tumultuado. Escrevi o que sentia à época e no que acredito agora: que uma pessoa precisa ter uma razão para viver e para morrer. O motivo pode estar errado, porém o direito de a ele aderir, de boa-fé, é inalienável.

Na Galeria dos Escritores, no átrio da Sydney Opera House, existe uma série de placas de bronze dedicadas a escritores famosos. Sinto-me um privilegiado por ter a minha sido colocada entre a de Robert Louis Stevenson e a do poeta australiana Dame Mary Gilmore. A inscrição que escolhi para identificar-me foi a seguinte citação de *O herege*:

...Clamo por Nenhuma garantia especial à verdade, apenas A liberdade de procurá-la, submetê-la ao debate, E errar um milhar de vezes para lograr Um só acerto...

Outra coisa que aprendi, no decorrer de toda a minha longa vida, é que a linguagem é uma arma com dois gumes. Ela pode ser usada, tão livremente quanto possível, tanto a serviço da tirania quanto da liberdade.

Pode ser utilizada para degradar ou elevar, para expor a verdade ou promover a mentira.

Desde os gregos embriagamos-nos Com a linguagem!

Construímos uma prisão de palavras E nela encerramos nosso Deus, do mesmo jeito Que as crianças confinam Um grilo ou um gafanhoto, para fazê-los cantar Uma cantiga secreta!

E vejam que palavras complicadas Usamos para expor a simplicidade de Deus:

Hipóstase e homusiano!

Cremamos homens devido a estas palavras —Balbucios de babuínos de humana ignorância!

— Cremamos homens!

Todavia, a argumentação vai mais além. Em uma sociedade civilizada, o erro deve ser expresso tão livremente quanto a verdade; caso contrário, como iremos distinguir um da outra? A liberdade precisa ser preservada em caixas marcadas. A justiça deve ser proporcionada àqueles que menos parecem merecê-la. Os direitos das pessoas desamparadas devem ser os mais fortemente defendidos.

Jamais podemos esquecer que a tirania começa pela intencional diminuição da dignidade. O prisioneiro político é desnudado diante de seus interrogadores. A função do torturador não apenas é a de ferir, mas degradar. A função do propagandista é criar bodes expiatórios através da caricatura.

Conforme diz Bruno na peça:

Não é a morte que temo.

Já morri uma dúzia de mortes Aguardando torturas e interrogatórios.

O terror que me assusta é bastante diferente...

Eles querem me transformar em um palhaço antes que eu morra!

O trágico da questão é que todos esses males são estimulados e desculpados por pessoas boas em prol de boas causas: a estabilidade do Estado, ortodoxia doutrinária, moralismo tradicionalista.

Um dos homens que assinou o monstruoso documento da condenação de Bruno foi o cardeal Robert Bellarmine, um santo canonizado, conhecido pelos seus contemporâneos como o mais gentil dos homens. Como ele pôde fazer isso? Pensei muito a este respeito. Cheguei à conclusão de que o poder institucionalizado distancia homens e mulheres de sua própria humanidade. Esquecem-se eles que os homens e as mulheres são os sujeitos e

objetos da salvação, não as instituições. As instituições podem sobreviver; as pessoas apenas sobrevivem, na atualidade, precariamente. É agora que seremos salvos ou condenados. Legislar ou transferir consequências para o futuro é abrir caminho à terrível indiferença da tirania. E por esta razão que coloquei na boca de Giordano Bruno sua réplica final aos advogados que exigiam a sua segunda retratação em Roma:

Vamos ser claros!

Eis o que vocês querem: "Retornar ao rebanho, Declamar o credo. Renegar o que escreveu Acreditando que era verdade, A seguir, faça um ato De penitência pública — Nós o deixaremos viver!

Recuse e será morto!" Eis o cerne de tudo!

Qual de vocês, cavalheiros, me concedeu a vida?

Qual insuflou nesse feixe de ossos a vida que não pedi?

Nenhum de vocês? Quem, então?

Aldohrandini, que é agora o papa?

Bellarmino? Outro cardeal inquisidor?

Quem me disse, a mim, Feto no ventre, um bebê a choramingar, "Eis sua vida, mas com a condição de que, Em consequência, passe a ter fé religiosa"?

Ninguém! Nem mesmo Deus!

Portanto, cavalheiros, afirmo que não têm o direito De estabelecer condições para a minha vida.

E lhes digo:

—Não! Não me retratarei. Não aceitarei!

Há um adendo a este discurso que, de acordo com os poucos registros que sobreviveram ao julgamento romano, são as palavras proferidas por Bruno quando pronunciaram a sentença que lhe coube:

Neste momento, cavalheiros, penso Que têm mais medo de mim do que eu De vocês.

A Compreensão da Profecia

Eu gostaria de lembrar que a profecia — a manifestação de cuidado e preocupação na assembléia — é uma das mais antigas carismatas. Ela é, lamento dizer-lo, uma daquelas que caíram em desuso, tornaram-se suspeitas e, por vezes, suprimidas do seio da Igreja.

Do ponto de vista canônico, não tenho o direito de lecionar no interior da igreja. Na verdade, contudo, sou um participante no sacerdócio dos crentes. Posso administrar o batismo, o sacramento da iniciação. Fui incumbido de expressar Cristo por atos e palavras e disseminar suas boas novas no decorrer de minha vida.

Portanto, se meu exemplo falhar conforme muitas vezes ocorreu —, se eu contrafizer a mensagem — conforme, acredite-me, tentei jamais fazer —, serei responsável perante Deus.

Entretanto, esta não é a única causa que defendo.

Sou um peregrino idoso, um dos anciãos que esteve durante longo tempo pelas estradas. Tenho experiências a partilhar. Você tem a liberdade de rejeitá-las considerando-as tolas tagarelices de um velho, mas tenho a liberdade, o direito e, creio, o dever de expressar-me livremente, de profetizar na assembléia.

Antes de prosseguir, permita que eu esclareça os termos da afirmativa que sustenta a todos nós. Acredito na ação do Espírito Santo no interior da assembléia visível e invisível do povo de Deus. Creio que o Espírito, como o vento, sopra para onde quer e que agimos como grandes tolos quando tentamos demarcar ou determinar a ação do Espírito. Estendo-me mais ainda para dizer que quando nós — qualquer um de nós, humilde ou importante na assembléia dos fiéis — tentamos estabelecer limites à ação protetora do Espírito, cometemos uma transgressão como cristãos.

Sinto-me entristecido pelo que vejo acontecer na comunidade da qual fui membro durante toda a minha vida. Digo-o não em desespero mas em lamentação pelas pessoas boas, jovens e idosas, que estão perdidas para nós, que estão perdendo a esperança e a

crença na relevância da mensagem evangélica. Por isso, nós, os mais velhos, somos, em parte, os culpados. Em parte, também, são culpados os que dirigem a Igreja porquanto, em muitas oportunidades, optaram pela autoridade em detrimento da caridade. Sua abordagem legalista à vida humana aliena nossos irmãos e nossas irmãs e desfigura a imagem familiar da Igreja.

Lembro-me de uma passagem do evangelho de São João:

Chegaram os doutores da Lei e os fariseus trazendo uma mulher, que tinha sido pega cometendo adultério. Eles colocaram a mulher no meio e disseram a Jesus: "Mestre, essa mulher foi pega em flagrante cometendo adultério. A Lei de Moisés manda que mulheres desse tipo devem ser apedrejadas. E tu, o que dizes?" Eles diziam isso para pôr Jesus à prova e ter um motivo para acusá-lo. Então Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Os doutores da Lei e os fariseus continuaram insistindo na pergunta. Então Jesus se levantou e disse: "Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra." E, inclinando-se de novo, continuou a escrever no chão. Ouvindo isso, eles foram saindo um a um, começando pelos mais velhos. E Jesus ficou sozinho. Ora, a mulher continuava ali no meio. Jesus então se levantou e perguntou: "Mulher, onde estão os outros? Ninguém condenou você?" Ela respondeu: "Ninguém, Senhor." Então Jesus disse: "Eu também não a condeno. Pode ir, e não peque mais." Sempre considerei essa como uma passagem particularmente misteriosa da narrativa evangélica. O comentário obsoleto costumava ser o de que Jesus escrevia os pecados dos acusadores. Isso sempre me pareceu um desnecessário floreado bem como uma listagem que seria extremamente longa. Minha hipótese é a de que Jesus garatujava, rabiscava símbolos sem sentido como uma demonstração de desprezo por aqueles hipócritas tão cruéis e engenhosos. De qualquer forma, é o único registro de Jesus escrevendo alguma coisa. A primeira rajada de vento dissolveu-os ou, talvez, ele os tenha desmanchado com sua própria sandália.

Quem sabe?

Para mim, a ironia é que nós, que o seguimos, erigimos toda uma montanha de livros a respeito de seu elementar ensinamento.

Escrevemos e, por vezes, fabricamos volumes inteiros de decretos e cânones e atos da sé apostólica e anátemas e censuras e condenações à morte e excomunhões de populações inteiras — e que nome damos a isso? — no exercício do magistério, o exercício da autoridade de ensinar.

Permita-me recordar, porém, que exercendo o mesmo poder, torturamos e cremamos homens e mulheres, também, por presumível heresia, magia e feitiçaria.

Devo confessar que, quanto mais velho fico, mais espantado fico face aos contrastes entre as duas imagens: o homem de pele trigueira, de Nazaré, debruçado sobre o piso do templo, rabiscando na areia, e o vasto e temível agrupamento de hierarcas e legisladores e inquisidores, ao longo dos séculos, entrincheirados em montanhas de documentos que exigem, como preço a pagar pela fé, obediência à sua magistratura.

O contraste cria um pesadelo para muitos; um pesadelo de alienação da concisa lição de Cristo: "Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos." Eu lhe digo agora, à luz fria do fato perceptível, o que eu predisse quando, pela primeira vez, retornei à minha terra natal, há quatorze anos: estamos em um cisma, um cisma de indiferença, posto que aqueles que dirigem a Igreja comprometeram-se com uma política de estéril legalismo, uma romanita histórica, retorno aos costumes romanos, em lugar de uma política de afetuoso cuidado de animar a Igreja e revivescê-la com o protetor Espírito de seu mestre.

Neste ponto, permita-me inserir algo. Eis, a seguir, um parágrafo escrito pelo arcebispo Elias Zoghby, vice-patriarca da Igreja Melquita, cuja intervenção no concílio Vaticano II, em nome dos ritos orientais da Igreja foi, ao mesmo tempo, produtiva e vigorosa. Ele se refere, nesta passagem, às diferenças entre o Ocidente e o Oriente na interpretação e administração das leis matrimoniais:

Devemos reconhecer que existe uma tradição eclesiástica de tolerância, manifesta e venerável, assim como qualquer outra tradição da Igreja, que foi aceita e praticada por muitos dos santos padres do Oriente e do Ocidente. O Oriente sempre seguiu esta

tradição de tolerância e permaneceu fiel a ela. O Ocidente manteve-a durante muitos séculos com a inegável aprovação da maioria de seus bispos, papas e concílios e, de fato, jamais tentou declará-la imprópria, no Oriente, após sua cessação no Ocidente.

Extraviamo-nos do amor. Res ipsa loquitur, "os fatos falam por si mesmos". Aqueles que, entre vocês, são pastores vêem as nossas congregações em declínio, e o número de aspirantes, homens e mulheres, vocacionados para a vida religiosa, também está declinando. Os pais estão preocupados porque os filhos parecem considerar a mensagem religiosa e moral da Igreja irrelevante para suas necessidades ou alienadoras para suas vidas.

Eu estava em Roma durante os maravilhosos e esperançosos anos do concílio Vaticano II. A partir desse instante, tenho acompanhado o progresso que, desde então, teve início — que à época via, e ainda vejo, como um avanço da caridade dentro da Igreja — desgastado e vacilante. Tenho visto, por outro lado, os processos alienantes acelerarem a velocidade e mais e mais pessoas permanecendo do lado de fora das portas da Igreja, a qual parece fechada para elas porquanto o custo de reentrada parece ser superior às suas forças e, a graça, muito além de seu alcance.

De maneira bastante estranha, parece-me que o papel da autoridade dentro da Igreja tem sido distorcido.

O exercício da autoridade não é, e não pode ser, auto decretado, auto-suficiente, um ato como o ato da criação. A única justificativa do magisterium é uma função do ministerium, a serviço das almas que são os sujeitos e os objetos da salvação. Para usar um antigo e primitivo símbolo, não somos os fazedores do fogo, somos os portadores do fogo para a tribo que não sabe como fazê-lo. Em muitas ocasiões ao longo da história, os guardiães do fogo tornaram-se tiranos ou conservadores insensíveis daquilo que não lhes pertencia.

Nós, a Igreja, seja como uma instituição hierarquizada ou como um corpo familiar, não conferimos o dom da fé. Isso é uma dádiva direta de Deus. Nós conferimos o sacramento da iniciação, mas não concedemos a fé. Precisamos lembrarmo-nos disso.

Todos os que detêm alguma autoridade devem lembrar-se

disso com grande respeito em todas as nossas relações com os outros.

Aquilo que o fiel considera difícil de perdoar é a má vontade de seus superiores pastorais em debater com ele, abertamente, os problemas com que se defronta no mundo tal qual ele é hoje.

Sejamos bastante claros: nem todos os decretos dos papas ou das sagradas congregações têm sido, ou são, bons, sábios ou até mesmo justos. Na Igreja, assim como na vida civil, as más leis colocam os princípios legais em descrédito. Leis dúbias tornam dúbios os princípios. Leis impostas às pessoas sem explicações e com suas sanções aplicadas contra elas ad initio são, por natureza, intrinsecamente injustas. Uma lei acima de qualquer recurso é tirana.

Por que insisto tanto nisto? Porque, neste momento, neste pontificado, a Igreja está sendo governada por duas negações e uma afirmação. As duas negações são non expedit (não é conveniente) e non è oportuno (não é oportuno). A afirmação é fiat (faça-se). Neste tipo de clima regulador nada é relativo. Tudo é absoluto. Temos, até mesmo, um extenso catecismo ao qual podemos nos reportar como se fosse um dicionário do bem e do mal, mas do qual as razões do coração parecem estar conspicuamente ausentes.

Na Igreja de hoje, a diretriz papal a respeito do controle da natalidade é encarada, pela maioria dos fiéis, na melhor hipótese, como uma diretiva dúbia em termos teológicos e, na pior, um arbitrário exercício do magisterium.

A questão do celibato clerical situa-se na categoria do extemporâneo.

O conteúdo, a gestão e a teologia por trás das leis matrimoniais da Igreja são todas questionáveis e este ponto, o mais crítico, o mais dissentâneo e o menos justo de toda a legislação da Igreja, é o que recebe a menor atenção pública da autoridade romana. Há muitas outras soluções do que aquelas previstas nos cânones existentes, mas elas não estão sendo divulgadas e, em alguns casos, estão sendo indubitavelmente retardadas por Roma.

A questão do clero feminino está fechada. Assim, homens e

mulheres de boa vontade estão, agora, em posição de, ou se manter em silêncio a respeito de suas convicções mais profundas, ou assumir uma contestação pública, não apenas contra uma determinação mas contra a pessoa do pontífice reinante.

Não assumirei essa contestação neste contexto.

Simplesmente lembrarei que, no contexto da história da Igreja, a maior mácula sobre nossa reputação de guardiães da verdade evangélica tem sido a de que levamos decênios e séculos para admitir nossos equívocos e que apenas Deus pode reparar os danos causados. Sinto-me, no entanto, obrigado a focalizar uma grande dúvida: se a magistratura da Igreja tem o direito, devido a algum dispositivo legal ou disciplina eclesiástica, de negar ao povo de Deus acesso à palavra salvadora ou aos caminhos da graça.

Advogo que devemos esperar mais da nossa hierarquia do que respeitáveis banalidades a respeito de a graça de Deus ser suficiente para todos nós, bastando que cooperemos com ela. Para mim, um homem idoso de pé no cimo da montanha e divisando, ao longo do vale das sombras, a eternidade, a única resposta é a disseminação do amor e a tolerância face ao amor.

Vivemos no âmago de um obscuro mistério — a criação de um Deus afetuoso. E salvos, nós o repetimos, por um Redentor crucificado.

A realidade visível é que o mundo, para milhões, é triste, melancólico e enlouquecido, e o próprio Cristo teve de justificar a ignorância dos que o estavam crucificando.

Não nego que o princípio da autoridade é um componente necessário do ministério sagrado, assim como o do amparo e do amor, os quais mantêm uma comunidade unida. Chamo a atenção, em termos veementes, que o uso abusivo, imprudente, arbitrário ou equivocado da autoridade irá, simplesmente, ampliar a atual alienação da comunidade católica e daqueles que são seus irmãos e suas irmãs em espírito em outras crenças comuns e, certamente, em outras religiões.

De alguma maneira estranha e assustadora, o inter- câmbio comunicativo dentro da Igreja tem sido, há longo tempo, uma via de mão única, das elevadas altitudes às planícies onde as pessoas

vivem. Mais e mais católicos, homens e mulheres, têm melhor formação cultural do que alguns de seus pastores. Eles sabem melhor como se comporta o mundo e quão extensas são as necessidades das pessoas comuns. São eles que sustentam as instituições beneficentes que, até agora, ratificam nossa universal natureza comum, porém suas vozes não são ouvidas. Os jornais católicos, os programas religiosos na televisão e no rádio são penosamente amenos e, conseqüentemente, irrelevantes. Informações pastorais e relatórios dos núncios para Roma são filtrados e alterados, atenuados. Quem, perguntamo-nos por vezes, quem senão Deus escuta os gritos dos pedintes à sua porta.

Permitam-me que relembre uma passagem do que escrevi no distante ano de 1959 em O advogado do diabo.

O bispo de Valentia está se dirigindo a Blaise Meredith:

"...a Igreja é uma teocracia, governada por uma casta sacerdotal, da qual o senhor e eu somos membros. Temos uma linguagem própria — uma linguagem hierática, se quiser — formal, estilizada, admiravelmente adaptada a definições legais e teológicas. Infortunadamente, também temos uma retórica própria que, como retórica do político, diz muito e comunica pouco. Mas não somos políticos.

Somos professores — professores de uma verdade que afirmamos ser essencial para a salvação do homem. Contudo, como é que a pregamos? Falamos incessantemente de fé e esperança, como se estivéssemos empregando uma forma cabalística de encantamento. Que é a fé? Um salto no escuro para as mãos de Deus. Um ato inspirado de vontade que constitui a nossa única resposta ao terrível mistério de se saber de onde viemos e para onde vamos.

— Que é a esperança? A confiança de uma criança na mão que a afastará dos terrores que avançam no escuro. Pregamos o amor e a fidelidade, como se se tratasse de assunto de mesa de chá... E não de corpos a contorcer-se numa cama e de palavras ardentes em lugares escuros, e de almas atormentadas pela solidão e levadas à comunhão momentânea de um beijo. Pregamos a caridade e a compaixão, mas raramente dizemos o que significam:

mãos que lidam em meio da sujeira de quartos de doentes, que limpam o pus de feridas sifilíticas. Falamos ao povo todos os domingos, mas nossas palavras não chegam até aos que nos ouvem, pois que esquecemos a nossa língua materna..." E, para que não se pense que minha objeção é extremamente pessoal e muito subjetiva a minha atitude, permita-me lembrar a tradicional declaração de inteiro desígnio da lei canônica: *In ecclesia suprema lex salus animarum*, "na comunidade de fiéis, a suprema lei é o bem-estar das almas".

Temos de indagar, e temos o direito e o dever de indagar, até que ponto, na Igreja da atualidade, essa suprema lei tem sido violada pela política de expedientes ou pelo exagerado uso da autoridade. Não podemos, jamais, esquecer o codicilo não escrito à presunção de poder papal: que nenhum pontífice, por mais reformista que ele possa vir a ser, nunca irá, diretamente, revogar ou contraditar preceitos de seus antecessores. Não haverá reabilitação, até mesmo, de idéias admissíveis pelo sucessor ao atual pontífice, seja ele quem possa ser.

A mudança será levada em consideração, se acontecer.

Não se a imporá para que aconteça. O temor de prejudicar a autoridade magisterial e governante prevalecerá sobre qualquer coisa.

Isso me leva, em um movimento circular, à primeira questão. O que vejo em relação ao futuro da Igreja Católica?

Em curto prazo, sob o presente pontificado, creio que se prosseguirá na mesma tendência. O cisma da indiferença irá se espalhar. O número de candidatos para os serviços religiosos e a vida sacerdotal continuará a declinar. Demonstrações de desacordo e discórdia dentro do corpo de fiéis terão seguimento. Haverá intensos protestos femininos e um contínuo afastamento das mulheres em relação à oligarquia celibatária através da qual a Igreja é dirigida. Veremos, cada vez mais, exemplos de divergências surpreendentes dentro da Igreja. O primeiro, a emergência acentuada de grupos rigoristas, mais ruidosos e mais enfáticos em suas declarações de submissão aos antigos costumes da Igreja, o que parece significar que muitos somente reconhecem o que aconteceu após o concílio de

Trento.

Veremos outros grupos carismáticos, manifestando entusiasmo por épocas ainda mais remotas, em irmandades e fraternidades, no interior da congregação.

No entanto, o dano mais profundo e a divisão no seio da Igreja ainda residirá na geração pós-Vaticano II, que verá o desvanecimento das esperanças que depositaram na atualização e renovação da Igreja. Ela prosseguirá com o cultivo da terra, não importa em que vinhedo trabalhem, porém parte de seus corações teria se perdido, e ela se mostrará na Igreja, não com a alegria de filhos de Deus, mas como se vestisse o cilício penitencial. Enquanto isso, pelo simples fato da redução de vocações, os fiéis se distanciarão ainda mais do clero, da palavra e do sacramento.

Como, então, virá a renovação, pois que ela precisa vir? Até mesmo papas e cardeais curiais são mortais. Há desacordos e desavenças em cada um dos corredores do poder, não importa o quanto tenham sido veladas ou de que modo difusamente brando tenham sido expressas.

Assim, volto a perguntar: como virá a renovação? Devo repetir o que disse no início: creio no poder do Espírito.

Não sei, não posso predizer como o Espírito poderá expressar-se para renovar a existência de fé e esperança e, mais importante de tudo, de caridade dentro da comunidade.

Acredito, embora não possa prová-lo, que haverá uma onda de força vinda das mulheres no interior da Igreja, cada vez mais dos que são pedagogos, filósofos e teólogos altamente treinados, cada vez mais daqueles que desafiarão as rígidas mentes patriarcais — conforme santa Catarina de Siena, uma jovem com vinte e poucos anos, que certa vez desafiou e lançou uma carga de exprobração moral sobre o papado delinquente em Avignon. Havia vigor marcial no que ela exigia do papa Gregório XI:

" Siatemi uomo virile e non timoroso." "Seja, para mim, um homem viril e não um covarde." Não estarei aqui para ver a renovação, embora anseie por ela e reze para isso e dê meu testemunho sobre sua gritante necessidade.

Não é desejo meu que o testemunho possa incitar dissensão

mas, principalmente, que possa conduzir à comunhão curativa entre os que estão acima e abaixo na Igreja, que são todos, por fim, irmãos e irmãs.

Se cada um de nós fosse trancado em um quarto silencioso, desprovido de toda referência sensorial, dentro de pouquíssimo tempo ficaríamos desorientados e, por fim, insanos. A pessoa que provavelmente poderia resistir mais tempo seria a que tivesse praticado o recolhimento, a meditação e cuja vida tivesse tido uma relação externa com Deus. O fato é, como se vê, que somente vivemos em comunhão — não apenas com nosso presente mas, igualmente, com o passado e o futuro.

Vivemos perseguidos por toda uma poética do viver, por cantigas precariamente lembradas e o som de apitos de trens à noite e a fragrância da lavanda em um jardim estival. Somos, também, acossados pela mágoa, pelo medo e imagens de terror infantil e as macabras desagregações da idade. Mas estou certo — e este é o ponto essencial do meu depoimento — de que é neste domínio, o mais íntimo de nossas vidas cotidianas, que o Espírito Santo estabelece sua comunhão conosco. E assim que acontece a dádiva, aquilo a que chamamos graça: a repentina iluminação, o cruciante remorso que leva à penitência ou ao perdão, a abertura do coração aos riscos do amor. Neste ponto a autoridade é irrelevante.

Autoridade é o caolho em um reino de cegos. Ela pode exigir-nos tudo, exceto amor e compreensão... Portanto, o que estarei tentando dizer? Pedro está morto e Paulo está morto e Tiago, o irmão do Senhor. Suas cinzas foram espalhadas pelos ventos dos séculos. Eram eles homens grandes, homens pequenos, morenos ou louros? Quem sabe? Quem se importa? O testemunho do Espírito, transmitido através deles, ainda resiste: "Se falo com as línguas dos homens e dos anjos e não sou misericordioso, torno-me ornamento ressonante ou um címbalo a tinir."

Díptico: Memorial de Dois Papas

O primeiro destes memoriais, o obituário do papa João XXIII, foi escrito em junho de 1963. O segundo, intitulado "Reflexões ocasionadas pelo papa", foi redigido trinta e dois anos mais tarde, a fim de assinalar a visita do papa João Paulo II à Austrália para a beatificação da madre Mary MacKillop, fundadora das Irmãs josefenses.

Eu os apresento aqui, juntos, devido às extraordinárias diferenças em minhas circunstâncias pessoais em cada caso e a diferença em minha atitude pessoal.

Em 1963, eu ainda estava sob censura por causa de meu segundo casamento fora da Igreja. No entanto, assistia à missa com a minha família corroborando um protesto público contra a decisão de uma corte matrimonial eclesiástica. Acontece que não recebia os sacramentos, nem mesmo quando minha filhinha fez a primeira comunhão. Sentia-me, não obstante, dominado com o que relembro ter sido uma extraordinária alegria e uma profunda paz durante o pontificado do bom papa João. Ele havia escancarado as janelas da Igreja ao pensamento arejado, a revigorantes tentativas de caridade e compaixão à nossa multiforme e perturbada família humana. Eu estava esperando por justiça. Sentia-me, agora, preparado para esperar com esperança.

O segundo texto foi escrito em meu septuagésimo nono aniversário, quando não mais vivia sob censura.

Meu casamento fora validado pela Igreja, e eu estava, novamente, compartilhando de sua vida sacramental. Eu também era um homem idoso. Tinha consciência de que, quaisquer que fossem as críticas que eu tivesse feito, teria de prestar contas no próprio dia de meu juízo final.

Se tivesse desvirtuado a verdade, a deturpação iria me perseguir ao longo de todo o tempo que ainda me restasse de vida. Havia, conforme o leitor perceberá, pouca alegria em meu segundo memorial. Havia paz, sim, conseguida com dificuldade, mas sólida como uma rocha.

Também havia preocupação — profunda preocupação — com o que havíamos perdido da comunidade de fiéis e o que ainda iríamos perder.

Creio que posso afirmar, com convicção, que permaneci em comunhão com a Igreja mesmo quando a Igreja excluiu-me e ainda nela permaneço principalmente devido à presença de João XXIII, o Bom Pastor, a quem jamais encontrei, embora tenha conhecido seu antecessor e seu sucessor. A bondade deste homem me tocou. Eu o admiti antes. E volto a fazê-lo agora.

Leia os dois memoriais e faça seu próprio julgamento. Ambos foram redigidos de todo coração.

CONSTRUTOR DE PONTES PARA NÓS, POBRES-DIABOS: PAPA JOÃO XXIII Estou à beira das lágrimas ao começar a escrever estas palavras. O que posso dizer de um homem tão manifestamente bom, tão manifestamente a vítima — ou o vitorioso — em um drama de divina ironia, cuja pungente prece, enquanto ele jaz estendido, não é pela salvação de sua própria alma, mas pela salvação de uma obra iniciada em nome de Deus?

Não tenho nenhuma dignidade na Igreja. Não possuo nenhum mérito pessoal que me recomende para a tarefa de escritura deste panegírico, exceto, talvez, isto — eu sou, em espírito, o filho infirme de Angelo Giuse!

Roncalli. E, na qualidade de filho, quero dizer o que a sua vida e a contemplação de sua morte significaram para mim e para outras almas ainda errantes neste planeta intrigante.

Vivo a trinta mil quilômetros de Roma. Encontro-me, com centenas de milhões de outros crentes, no nível mais baixo da complexa escala hierárquica da Igreja; entretanto, viajo muito e estou preocupado com o espetáculo de miséria e pobreza, injustiça e opressão e pelos milhares de rostos em desespero. Luto diariamente com o mistério de como tudo isto pode ter resultado, conforme a fé cristã afirma, de um só ato criativo de uma divindade todo bondade e onisciente.

Para mim, Angelo Roncalli surgia sempre como um homem que carregava o fardo do mesmo mistério, que partilhava a agonia que ele impõe ao espírito humano, que conhecia o solitário e

arriscado salto exigido pelo ato de fé e que conhecia, também, de que maneira, para muitos milhões, a graça de alcançá-la lhes fora negada.

Desde o dia de sua eleição, os fabricantes de lendas ocuparam-se dele. Até mesmo eles não poderiam obscurecer a verdadeira natureza deste homem — perspicaz, pragmático, bondoso, simples demais para ser seduzido pela eminência, gregário demais para ser feliz no enclave barroco da cidade do Vaticano, um homem cujo sentimento de fraternidade e o dom da compaixão nem mesmo as formalidades da comunicação vaticana conseguiram distorcer.

Os romanos o chamavam de un Papa simpático. E toda gente desejava que ele fosse mais jovem, pois assim a marca de sua personalidade poderia aprofundar-se na vida corporativa da Igreja e na vida cotidiana do mundo.

Havíamos tido um excesso de príncipes e políticos e teólogos — até mesmo de santos convencionais.

Precisávamos de um homem que falasse a linguagem do coração, que compreendesse que o diálogo de Deus com o homem se processa em termos muito diferentes da semântica dos filósofos profissionais. Nós o tivemos pouquíssimo conosco.

Muitos da minha geração sentíamos que o tradicional relacionamento entre o clero e o povo tornara-se imperfeito. Reconhecíamos, sem reservas, a dignidade do gabinete clerical, sua função divina na renovação do ato sacrificial e na concessão da graça sacramental.

Respeitávamos a abnegação e a dedicação imposta pela condição celibatária. Apoiávamos nossos pastores de acordo com suas necessidades e nossas capacidades.

Construímos escolas, mosteiros e hospitais. Financiamos missões e obras de caridade. Suportamos duplas e triplas cargas para educar nossas crianças na fé.

Entretanto, muitos de nós sentíamos, e não sem razão, que havia excessiva ênfase no magisterium da hierarquia — a sua autoridade como árbitros morais, intérpretes do dogma e administradores da estrutura temporal da Igreja. Sentíamos que não

havia suficiente compreensão de seu ministerium o serviço do Criador, através e de serviços espirituais e temporais prestados ao povo.

Em metade do espaço de uma geração a paisagem do universo explodiu em dimensões galácticas. O espírito humano estava sendo submetido a tensões monstruosas — morais, políticas, econômicas. E, enquanto nos agarrávamos desesperadamente à segurança da fé, ambicionávamos a renovação da vida pastoral e intelectual da Igreja, a fim de que pudéssemos viver — pela fé — esperançosa e ativamente no mundo no qual nascemos.

Não éramos cenobitas. Éramos homens do século XX e não optáramos por não fazer parte dele. Éramos não só membros de uma igreja, mas membros da diversificada família humana, e também não optáramos por não fazer parte dela. Foi como o irromper de um novo dia quando ouvimos a convocação de João XXIII para um aggiornamento — para uma atualização da Igreja, seus hábitos, seus costumes e sua interpretação de guardião da fé para a linguagem deste século milenário.

Quando João XXIII foi eleito pontífice não ab-rogou coisa nenhuma da sua dignidade de primaz. No entanto, um de seus primeiros atos foi o de torná-lo mais facilmente ao alcance dos bispos seus irmãos. Mais tarde, ele interveio nos debates do concílio ecumênico e nos grupos que procuravam influenciar no sentido de afirmar que a cúria romana não era o papa e que o papa era irmão de cada bispo da cristandade e servidor de cada uma das almas no mundo.

De todos os papas recentes, parece-me que João XXIII foi o que menos temeu o cisma, a heresia, a militância das religiões não-cristãs. Homem de pura fé, ele acreditava no Espírito Santo ínsito e na promessa de perpetuidade feita por Cristo à Igreja. Ele não acumulou interdições ou excomunhões porque era, também, um homem de natureza caridosa que compreendia que, embora os seres humanos estejam limitados pelas promessas de Deus, Deus em Si mesmo não é limitado.

Ele sabia que todos os homens precisam viver com os encargos e as confusões de sua própria história, e que a salvação ou

a danação pendem de um último recurso, a partir do julgamento de Deus quanto ao rumo final dos sentimentos de um homem — se em Sua direção ou afastando-se Dele. Ele exigia, sem restrições, seus direitos como supremo pastor para exortar a verdade e refutar o erro, mas deu a impressão de um homem pronto, sempre, a interromper o julgamento a respeito da confusão e da delinqüência humanas. Todos os demais pontífices sabiam dessas coisas — e também as exortavam. O que tornou João XXIII tão diferente foi o vívido e profundo sentimento de sua aplicação às relações pessoais com a vida, imortalmente refletida em *Pacem in Terris*, a sua encíclica sobre a paz.

Sou cauteloso quanto a milagres, mas creio que deve ter havido algum tipo de milagre na maneira pela qual o papa João conseguiu transmitir sua tolerância e indulgência à Igreja e ao mundo. Muitas pessoas devem tê-lo visto somente em fotografias. Até mesmo sua voz não era ouvida com freqüência. Suas palavras eram, principalmente, intermediadas, até os fiéis, através de matérias jornalísticas e pelas variegadas vozes dos pregadores, bons e maus. Mas, de alguma forma, todos sentíamos algo nele, sentíamos que Deus estava com ele.

Em suas mãos a croça de bispo representava o que lhe cabia representar — o bastão episcopal do bondoso Pastor para quem os estafados e os desgarrados significam mais do que aqueles abrigados, em segurança, nos cercados do aprisco.

Quando ele foi eleito papa, tornou-se herdeiro de uma longa lista de títulos: Bispo de Roma, Vigário de Jesus Cristo, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Supremo Pontífice da Igreja Universal, Patriarca do Ocidente, Primaz da Itália, Arcebispo e Metropolitano da Província Romana, Soberano da Cidade-Estado do Vaticano. Entretanto, o título que parecia melhor e mais confortavelmente lhe assentar é o de Pontífice: o construtor de pontes. Ele se foi muito cedo e deixou seu trabalho por concluir, mas as pontes que planejou já estão construídas — pontes de entendimento e tolerância entre as famílias separadas da cristandade e as nações do Oriente e do Ocidente.

A fórmula em que está baseada toda a sua arquitetura é

muito simples: "Tentei conservar a minha calma e o meu equilíbrio enquanto analisava e avaliava coisas e pessoas ao meu redor, sempre mais preocupado com o que une do que com o que divide..." Ele jamais foi um homem polêmico. Desagradava-lhe a contenda e preferia confiar no debate e na sugestão persuasiva do que na invocação da autoridade de seu ofício de papa. Até mesmo ordenou que as censuras e repreensões do Santo Ofício fossem expressas em linguagem moderada, a fim de que os homens de boa vontade tivessem espaço para se locomover em meio às mais arriscadas especulações até o mais completo entendimento da verdade. Jamais foi político. Era suficientemente diplomata para saber que as ações políticas criam mais problemas do que os resolvem.

Havia uma grande ousadia em seu planejamento, uma devastadora objetividade. Ele encorajava as mais audaciosas especulações da teologia moderna e emprestava o peso de sua influência àqueles diálogos ecumênicos que objetivavam derrubar as barreiras semânticas e históricas entre os teólogos católicos e não-católicos.

Existem alguns, na Igreja, que ficaram desapontados porque ele não adotou uma linha mais militante contra o comunismo russo; há alguns que ficaram chocados porque ele aceitou os cumprimentos pelo seu aniversário do premier da Rússia e, a seguir, recebeu seu genro em uma audiência particular. Este incidente, no entanto, iluminou toda a sua atitude em relação às diferenças das almas humanas. Ele sabia que cada sociedade e cada sistema sobrevive em decorrência do que de bom neles existe, assim como os seres humanos são protegidos da ultimação louca que é a falta de esperança pelo que, em sua natureza, é bom e conforme ao exemplo divino.

João XXIII nos deixou: um grande homem e um grande papa. Por estas simples razões sobreveio uma rara tragédia em seu passamento. A tragédia é que, tendo iniciado tanta coisa, não lhe foi permitido ver os frutos de seu trabalho; ele viu, apenas, os primeiros e frágeis botões. Entretanto, nisto, assim como em tudo o mais, sua vida foi pautada pela do Cristo, de quem era o vigário. Ele viveu por todos em um espaço de tempo muito curto, semeando os germes da

verdade e da caridade em terreno bom e em solo empedrado, e suportou a dolorosa crucificação da doença e da frustração. Agora, no fim, ele precisou abandonar-se e toda a sua obra inacabada nas mãos de Deus.

Como é que ele se sentiu durante estes últimos meses, posto em solitária eminência com o mundo estendido mais abaixo, tal como um mapa de campanha e, acima, o extremo mistério de Deus? Deve ter havido momentos em que seus idosos ombros curvaram-se sob tal peso e até mesmo seu robusto coração de camponês cedeu ao peso das coisas por fazer. Até mesmo a misericórdia da morte foi protelada para ele — assim como para seu Mestre.

A história lhe seria respeitosa, creio, porque ele foi um homem bondoso que sentia compaixão pelas multidões, "vendo-as aflitas e miseráveis assim como ovelhas que não têm pastor". Príncipes e sacerdotes são pranteados tão raramente quanto o são agradáveis, porém muitos chorarão por este, pois que ele foi, na verdade, aquilo para o qual fora designado para ser: um servo dos servos de Deus.

Será ele canonizado e dele farão, oficialmente, um santo no calendário? De certa forma, espero que não. Da minha parte, não quero vê-lo idealizado por um pintor do Vaticano, iluminado por um milhar de círios na catedral de São Pedro, reproduzido em gesso e douradura e vendido a piedosos peregrinos. Quero lembrá-lo pelo que ele foi — um homem amável, um padre sem artifícios, um bom pastor e um construtor de pontes pelas quais nós, pobres-diabos, podemos ter a esperança, um dia, de ascender à salvação.

REFLEXÕES OCASIONADAS PELO PAPA JOÃO PAULO II

A visita à Austrália por parte do papa João Paulo II foi marcada por um aparato triunfante, apropriado a um grande evento nacional. Sua Santidade incluiu no calendário dos bem-aventurados uma combativa dama local, madre Mary MacKillop. A confirmação oficial, por intermédio do papa, de suas heróicas virtudes, inflou nosso orgulho nacional. Isso ratificava — pelo menos para os fiéis — que podíamos nos distinguir nos esportes, nas ciências e nas artes, mas também nas disciplinas mais exigentes da vida espiritual. A beatificação provocou bem-vinda suspensão temporária dos lamentáveis escândalos que corrompiam a comunidade católica

romana neste país e em outros lugares.

O tema da mensagem papal era previsível: "Mantenham elevados os seus corações! Deus e os poderes celestes, Pai, Filho e Espírito Santo. Os santificados por Deus ainda caminham pela terra. Veja! Eis aqui um deles, que recebeu o nome da mãe de Cristo e, em sua peregrinação para servir, glorificou Deus em sua condição de mulher!" Mensagem entregue, Sua Santidade retornou ao Vaticano: seu próprio Getsêmane, o jardim de sua secreta agonia onde o panorama estende-se por uma Igreja convulsa e dividida, um mundo ameaçador cheio de violência, com a colina da crucificação assomando, soturna, tendo ao fundo o céu rubro, sanguíneo.

Como todos nós, a morte do papa está nas mãos de Deus. Ele dá a impressão de estar trabalhando com compulsiva celeridade para implantar seu estilo de governo, a fim de que possa estar preparado para esta exigência final, Ele se aproxima do término de seus dias.

Tem setenta e quatro anos de idade. Dirige há dezesseis anos o mais complexo e o menos recompensador cargo público do mundo. À época de sua eleição ele era um homem vigoroso, atlético. Ele escolheu para si mesmo o papel de pastor viajante dando a volta ao mundo para divulgar a Boa Nova, pessoalmente, às igrejas dispersas.

Foi lesionado pelas balas de um assassino. Agora ele se encontra obviamente doente — em más condições, poder-se-ia pensar, para outro extenuante vôo de longa distância, outra rodada de cerimoniais e discursos.

Passou-se muito tempo desde que Leão X, o papa Mediei, foi capaz de anunciar aos seus amigos íntimos:

"Uma vez que Deus nos concedeu o papado, vamos aproveitar." Nesta época, nestes dias o encargo de pontífice impõe intenso trabalho, a solidão da autoridade absoluta e a impossibilidade prática de revogar qualquer erro. O legendário sigilo do Vaticano fornece pouca proteção relativamente aos refletores da inquisitiva mídia diária. É, na melhor das hipóteses, uma tênue cobertura que revela mais do que esconde.

Assim sendo, a tradicional comédia romana ainda está sendo encenada com cuidadoso gerenciamento de palco. O cenário é

grandioso, e o título, um pouco obsoleto, é: A manipulação dos príncipes. O tema é muito simples: como eleger um homem com poderes absolutos e, depois, limitar-lhes o uso. Até mesmo um homem vigoroso e obstinado como João Paulo II não resistiu às infundáveis exigências do desempenho. Acima de tudo, existem apenas vinte e quatro horas em seu dia. Ele tem apenas, se tanto, sua estrutura humana para exaurir.

Não é de admirar, portanto, que ele tenha a aparência de um velho guerreiro, preparando-se para mais uma batalha, que ele sabe que deve travar, mas que não pode vencer.

Ele jamais foi um inocente em matéria de estratégias de poder, político ou religioso. E como poderia sê-lo? Em sua juventude, como estudante, foi treinado nas indispensáveis conspirações da sobrevivência, primeiro sob a ocupação germânica, depois sob os russos e, mais tarde, sob o governo marxista. Ele aprendeu cedo que, para manter unido um movimento de resistência, alguém precisa exercer a autoridade — a fim de confrontar o poder ostensivo com oculta força. O resultado final foi uma vitória espetacular, o começo do fim da hegemonia russa e marxista na Europa. Foi há apenas cinco anos que a Polônia realizou suas primeiras eleições livres em meio século.

Para muitos, parece que uma Polônia ressurgente, como povo e como fé, possa constituir o paradigma, no século XX, da cidade de Deus de santo Agostinho, onde a Igreja e o Estado lavram as leiras paralelas da religião e da política em prol do aperfeiçoamento do povo de Deus.

Aqueles que perfilham esta visão atribuem ao papa João Paulo II o papel de "inatacável autoridade moral, o maior polonês de todos os tempos".

Outros vêem a coisa de maneira diferente.

Preocupam-se com a provável concordata entre o Vaticano e o governo polonês. Eles a divisam como um passo em direção a um novo Estado quase-religioso em que o clero se verá confirmado, mais uma vez, como uma casta privilegiada. Conforme um comentarista destacou recentemente:

Agora o perigo é (...) a presunção de que a escolha é,

realmente, a maior fonte de miséria humana. A inefável massa humana não está preparada para isto. Conseqüentemente, é obrigação dos Bons e Poderosos afastar as opções e as gentes livres das infelizes obrigações de efetivar a escolha.

Estes pontos de vista são poloneses, porém peculiares ao papa João Paulo II. Era inevitável que, dado o sucesso de suas táticas em sua terra natal, ele tentasse aplicá-las à Igreja universal. Era também inevitável que, no mundo amplo, imenso e pluralista, elas iriam falhar.

O fato desagradável é que, com os assessores curiais e os porta-vozes que escolheu, o pontífice, ele mesmo, se pôs em um beco sem saída.

Ele não cederá os princípios fundamentais de poder que já recuperou: a liberdade de ação que ele subtraiu aos seus irmãos, os bispos, para nela investir-se e nos dicasteries, as estruturas administrativas centrais, em Roma. Para ele, os órgãos colegiados sempre representaram um enorme risco — ou seria, indagaria alguém, maliciosamente —, uma transição súbita demais de fé no trabalho de irradiação do Espírito no povo de Deus?

Seu problema, no entanto, projeta-se muito além da delegação de responsabilidades ao clero. Em matéria de doutrina — que são as sínteses credais da revelação em progresso dos mistérios eternos — ele se colocou em uma posição em que não pode mais publicamente apoiar dúvidas razoáveis ou encorajar opiniões legitimamente alternativas.

Em um grande número de assuntos doutrinários e legais, a certeza absoluta tem sido preceituada pela autoridade magisterial: um exercício perigoso e alienante para homens e mulheres de boa vontade que ainda permanecem, sujos e ensanguentados, na arena.

Quaisquer que sejam suas deficiências, eles ainda professam sua fé. Agarram-se à esperança de salvação.

Clamam pela dispensação de um ato de caridade curativo. Eles têm o direito de exigir de todos os seus pastores uma prestação de contas e uma explicação das obediências e interpretações que lhes são impostas.

Indagam por que ninguém os ouve, por que ninguém debate

com eles, assim como o nosso Senhor debatia com os discípulos suas perplexidades quanto aos seus ensinamentos.

Eles imaginam, por vezes, o que teria acontecido ao mais antigo e mais honroso de todos os títulos pastorais Servo dos Servos de Deus. Uma coisa eles entendem perfeitamente: que eles são a Igreja, o peregrino povo de Deus. Sem eles, as palavras de vida perder-se-iam no vazio.

Eles estão dolorosamente conscientes de que, sob este pontificado, os dissertâneos foram silenciados e o debate aberto a respeito dos tópicos controvertidos, porém vitais, foram suspensos. Eles sabem que os conselheiros mais próximos do pontífice e seus porta-vozes em Roma constituem uma casta rigorista. Sabem que ele escolheu parcial e cuidadosamente a maioria da hierarquia superior e a maior parte de seu próprio gabinete, o colégio de cardeais, que irá eleger seu sucessor.

Em tudo isto, o pontífice demonstrou ser o mais pragmático dos líderes — se não, certamente, o mais sensível à condição humana. Entretanto, gostando dele ou não, louvando-o ou desaprovando-o, ele sempre se manteve na linha de corte que traçou para desflorestar.

O fiel, peculiarmente discreto em sua prática coletiva, tenta deixar pendente uma opinião definitiva. Alguns deles citam, esperançosos: "Existe uma divindade que modela nossos objetivos, desbastando-os conforme os queremos..." Permita que eu introduza um comentário pessoal.

Sinto uma ternura muito especial pelo pontífice. Tenho consideração pela carga que ele suporta. Posso elementar compreensão dos dilemas próprios à sua posição.

Fui credenciado, no Vaticano, pela primeira vez, em 1958, especialmente contratado pelo Daily Mail de Londres. Vivi durante sete anos em Roma, em contato regular com todos os níveis e camadas da prelazia. As experiências desses anos foram registradas em três romances e dois filmes rodados no Vaticano e em seus arredores. Tenho, portanto, algum conhecimento de como a cidade trabalha e funciona em relação ao homem que usa o anel do pescador. As palavras que escrevi há trinta e dois anos ainda me

parecem adequadas:

O papado é o mais paradoxal encargo do mundo, o mais absoluto e, todavia, o mais limitado. (...) O homem que o detém assevera possuir divina proteção contra o erro, entretanto é o que tem menos assegurada a salvação mesmo face ao mais inferior de seus súditos. As chaves do reino balançam em seu cinto, embora ele possa ver-se impedido, para sempre, de desfrutar a Paz dos Eleitos e a Comunhão dos Santos. (...) Se ele, por vezes, não deambula em meio ao terror e reza entre as trevas, então ele é um tolo.

À medida que relembro estas linhas, percebo-me reincidindo na velha mania dos romancistas de procurar analogias entre si mesmo e seu tema: similaridades verificáveis que podem, enfim, dar vida e autenticidade ao retrato ficcional. Mas, aqui, não estamos nos referindo à ficção. Estamos nos reportando a fatos.

Existe um relacionamento claramente definido entre Morris West, da cidade de Sydney, e Sua Santidade o papa João Paulo II, vigário de Cristo, sucessor do príncipe dos apóstolos. Tornamo-nos irmãos pelo mesmo batismo. Ele foi eleito para ser meu pai espiritual em Cristo. Isso lhe concede autoridade sobre mim e, a mim, grandes direitos sobre ele. Ele decreta e administra leis, algumas boas, outras altamente imperfeitas, que afetam a mim, a meus filhos e aos seus filhos.

Além destes específicos relacionamentos, também há similaridades. Somos contemporâneos. Na verdade, sou quatro anos mais velho do que ele. Ambos fomos educados no mesmo estrito clima religioso — no mesmo tempestuoso crepúsculo de Pio X e seus anátemas contra o modernismo. Fui educado como professor nas escolas cristãs; ele foi educado para ser padre, no entanto o clima de nossos primeiros anos escolares era quase idêntico. A única diferença foi que cresci entre irlandeses que, em matéria de religião e política, eram tão teimosos quanto intolerantes, assim como os dissidentes, o que faz lembrar que são tão peremptórios em seus julgamentos quanto os poloneses.

Sobrevivemos à mesma guerra, ele na Polônia ocupada; eu, no sul do Pacífico. Ambos, quero crer, experimentamos as mesmas frustrações diante da redução de nossa força devido à idade e às

enfermidades. Ambos somos homens impacientes que não suportam, com satisfação, tolices; ainda assim, creio que foi mais fácil para mim do que para ele atingir a tolerância e a compreensão. Envelhecerei ao lado de meus netos, enquanto ele permanecerá encerrado até que morra em meio à soturna solidão do poder, tornando-se mais e mais dependente a cada dia de seus conselheiros, bons ou maus, dentre aqueles que elevou à corte pontifícia.

Entretanto, unimo-nos em mais do que isso. Quinze anos antes do ocorrido, escrevi um romance que demonstrou ser, pelo menos em parte, uma profecia. Foi intitulado *As sandálias do pescador* e tratava da eleição de um papa eslavo, Kiril. Até mesmo hoje, não consigo entender, com exatidão, algumas misteriosas premonições associadas ao livro que ainda continua à venda em todo o mundo. O que posso afirmar é que a obra foi inspirada pelas palavras de João XXIII:

"Procuremos o que nos une e não o que nos divide." Eu estava influenciado por estas palavras quando coloquei na boca de meu Kiril ficcional a seguinte fala:

A narrativa mais estranha do Velho Testamento é a história de Jacó, que lutou com o anjo e venceu-o e obrigou-o a lhe revelar o seu nome, entretanto Jacó saiu do combate manquejando.

Eu sou, também, um espírito a claudicar. Senti as motivações e fundamentos de minha fé fraquejarem no bunker às escuras e sob as luzes e a incansável inquisição...

Ainda creio.

Estou comprometido, mais integralmente do que nunca, como guardião da fé, porém não me sinto preparado para dizer "Deus é assim, o homem é assim" e, em seguida, dar um fim a tudo isso. Para onde quer que eu me volte, neste sublime apogeu, defronto-me com o mistério. Creio na harmonia devota a qual é resultante do eterno ato criador, porém nem sempre escuto a harmonia.

Preciso lutar com a cacofonia e a aparente desarmonia da partitura, sabendo que não chegarei a ouvir o grande final resolutivo até o dia em que morra e, confiantemente, estarei unido a Deus...

É precisamente quanto a este sentimento de mistério

partilhado que muitos, na Igreja, se sentem alienados, atualmente, do e pelo homem, que é seu supremo pastor.

Sua forma de se expressar — e a dos membros da cúria que falam em seu nome — parece ser, habitualmente, excessivamente peremptória, muito desapaixonada de racionalidade, muito pobre em compaixão, de maneira a que possa trazer conforto ou iluminação ao peregrino na estrada sombria. Conforme uma famosa educadora — freira há longo tempo — declarou-me recentemente: "Eles falam para nós e a nosso respeito, porém não nos escutam. E quem, em uma estrutura patriarcal, compreende, de alguma forma, as mulheres? Eles nos deixam muito sozinhas." O sentimento de exclusão da troca de idéias, de sermos objetos e dependentes da direção pastoral, em lugar de partilhar o amor familiar, contaminou a todos nós. A distância entre os pastores e o povo ampliou-se consideravelmente desde o concílio Vaticano II.

Restrições em toda e qualquer oportunidade às discussões abertas distendem-se ainda mais. Estamos a grande distância do primitivo convite de Jesus: "Venham para mim, todos vocês que estão cansados de carregar o peso de seu fardo, e eu lhes darei descanso. (...) Porque a minha carga é suave e o meu fardo é leve." Esta alienação é, também, parte do fardo do pontífice. O idioma de seu estilo de governo dá uma falsa idéia de sua própria compaixão. Observei-o através de uma câmera de cinema, em primeiro plano, durante as cerimônias da Semana Santa em Roma: a lavagem dos pés na Quinta-Feira Santa, as estações da cruz no Coliseu na Sexta-Feira da Paixão. Todas são mais do que cerimônias, todas são representações de Cristo nos últimos dias de sua vida. O rosto registrado em nosso filme era o de um homem que sofria, cheio de contida angústia. Naqueles momentos, o vigário de Cristo parecia assumir a própria face de Cristo, o "homem das dores familiarizado com a enfermidade".

Na verdade, ele tem muitas razões para estar aflito.

Seu mundo, que é o nosso, parece estar fugindo ao controle. Os sinais dos tempos podem ser lidos conforme a advertência apocalíptica: "guerras e rumores de guerras, fome e terremotos em diversos lugares". Sua Igreja está angustiada, desencorajada e

profundamente envergonhada de seus próprios e evidentes erros públicos.

Por outro lado, está repleta de repressões, repreensões e admoestações. Ela aguarda, assim como os homens e mulheres de Israel, expostos ao sol do deserto, pelo Homem e seus seguidores que venham a golpear o rochedo e liberar as vivificantes águas da caridade, da compaixão e da reconciliação.

Dizem que um segundo milagre será necessário para levar madre Mary MacKillop à condição efetiva de santa.

Talvez seja este o milagre pelo qual todos rezamos.

A Síndrome de Lázaro

Sempre especulei sobre Lázaro.

Ele atravessara os portões da morte. Vira o que havia no outro lado. Queria voltar à vida?...Agradeceu a Jesus por trazê-lo de volta?...Que espécie de homem ele foi depois? Como o mundo o considerava? Como ele via o mundo?"

O Milagre de Lázaro

Morris West

Publicado no Brasil pela Editora Record (N. do E.)

O calendário me informa que estou com setenta e dois anos, portanto sei que estou ficando velho. Tomei isso por verdade, pois as escadas tornaram-se mais íngremes, as colinas mais elevadas, passei a redobrar os esforços para sair de uma cadeira, caminhar até minha caixa postal, escrever um parágrafo em prosa.

Eu sempre prometia a mim mesmo que tentaria envelhecer com dignidade. Assim, não dei muita atenção às ocasionais dores no peito, à crescente dificuldade para respirar e aos longos cochilos à mesa de trabalho.

Contudo, resolvi — com uma certa pressão por parte de minha mulher — que, tão logo concluísse meu livro, iria submeter-me ao meu checkup anual, fazer mais exercícios, perder algum peso. E assim por diante.

Cumpri a promessa. Meu clínico geral submeteu-me a um eletrocardiograma, fez os testes habituais, admitiu que eu não estava em boas condições, mas me assegurou que, "para um homem da minha idade", eu não estava realmente em má forma. No entanto, apenas como precaução, ele recomendou-me um cardiologista para testes adicionais. Isso não me preocupou muito. O especialista era vizinho e amigo. Já o havia visitado antes. E ele sempre me garantia: os testes de esforço não eram ruins para um homem da minha idade"; se eu perdesse algum peso e fizesse exercícios leves, eu provavelmente poderia fazer parte da equipe

geriátrica à olimpíada!

Esta visita não constituiu exceção. "Para um homem da minha idade", com ocupação sedentária, eu não estava em má forma. Entretanto — e isso foi quase em tom de explicação —, apenas como precaução adicional, ele me internaria no hospital para um angiograma. Era um procedimento simples. Eu entraria às nove e sairia às cinco.

O angiograma é uma técnica segundo a qual um cateter é introduzido no sistema arterial, o que permite que o percurso por ele feito seja representado graficamente e fotografado. Ele se processa enquanto se está suavemente sedado e, se alguém é grande apreciador de filmes domésticos, pode acompanhar tudo o que acontece pela tela do monitor. Existem, entretanto, esportes mais interessantes para ser vistos. Para mim o mais interessante, porém, foi a promessa taxativa do meu amigo: "Aposto vinte por um que acharemos tudo desobstruído. Virei vê-lo às quatro da tarde com todos os resultados. Depois disso, você poderá ir para casa." Pontualmente, às quatro, lá estava ele, debruçado ao pé da minha cama, fazendo-me perguntas engraçadas:

— O que quer primeiro, as boas ou as más notícias?

Respondi que preferia ter a má notícia fora do caminho, a fim de que pudesse desfrutar a boa. Ele me passou uma sensação desagradável.

— O lado esquerdo do seu coração funciona com menos de cinco por cento. Você é candidato a um ataque cardíaco que, muito provavelmente, o matará. Isso pode acontecer a qualquer momento — explicou.

Ele pegou o receituário e desenhou um esboço, mostrando o que poderia acontecer quando um pequeno coágulo sangüíneo obstruísse as artérias estreitadas. A seguir, ele me deu as boas notícias.

— Você é uma bomba-relógio ambulante, porém poderemos desarmá-la. Faremos um desvio, substituindo as artérias prejudicadas por uma veia retirada de sua perna. É como se fosse o serviço de um encanador. O percentual de sucesso é superior a noventa por cento.

E assim era: posto a um só tempo em meio a apostas de vida ou morte, com o amável agenciador de jogos da vizinhança aceitando palpites! Eu havia chegado a um acordo com o envelhecimento, mas isso era completamente diferente — um encontro cara a cara para um diálogo muito particular entre mim e o Irmão Morte. Eu já o encontrara duas vezes, antes, a primeira em Los Angeles, no início dos anos 60, e, a segunda, na Flórida, em 1980. Assim, ele não parecia, de forma alguma, um estranho e, curiosamente, nem assustador como se possa imaginar. Ele, com toda certeza, não era bem-vindo, mas, por outro lado, não era um inimigo. O pior que poderia dizer a seu respeito era que se tratava de um visitante extremamente intempestivo.

Nessas circunstâncias, minha esposa e minha família precisavam ser informadas. Eu tinha assuntos a acertar e pouco tempo para isso. Eu era um homem correndo riscos e o máximo que o médico me concedeu foram três dias em casa, "fazendo as coisas muito calmamente" — seja lá o que isso queira dizer. Obviamente, eu não pretendia ir a lugar nenhum e, além disso, tinha trabalho a fazer — um divertido livrinho com ilustrações humorísticas, realizado no estilo de Walt Disney, mostrando o que aconteceria a mim por ocasião da cirurgia. Uma animadora leitura para a hora de dormir!

Minha esposa e minha família foram maravilhosas: amorosas e confortadoras, superando todos os seus medos, a fim de não aumentar os meus. O melhor de tudo: compreenderam o que se tornara para mim unia imposição nova e bastante estranha. Havia medo, é claro.

Havia humilhação, pois o corpo se recusava às suas funções normais. Havia culpa em relação aos negócios inconclusos, às contas não acertadas. Havia preocupação quanto à família e aos que amávamos. Havia a necessidade de comunicar tudo isso — e, demasiadas vezes, nenhum vocabulário ou experiência com o qual pudesse fazê-lo. O velho refrão latino ilustra isso perfeitamente: *Timor mortis conturbat me*, "O medo à morte me perturba muitíssimo".

Em determinado momento senti profunda necessidade de saber que tinha liquidado todos os meus débitos, até mesmo em

relação aos que me eram mais queridos e mais próximos, pois assim eu poderia defrontar-me com o Irmão Morte, em particular e sabendo pôr-me à vontade em sua presença.

Precisávamos falar, conhecer-nos reciprocamente — pois existiam os invariáveis dez por cento de chance de que a nossa jornada juntos pudesse ser aquela de cuja fronteira nenhum viajante regressa!

Chegou o dia em que fui admitido no Hospital Adventista do Sétimo Dia, na região oeste de Sydney. Era uma esplêndida clínica cardíaca, uma equipe de enfermagem bem treinada e um maravilhoso aparato de apoio pós-operatório. Eles me instalaram tão logo cheguei. Minha mulher e meus filhos foram entregues aos cuidados de um orientador. Eles foram instruídos a respeito do que poderiam esperar após a operação.

Foram, até mesmo, levados à unidade de terapia intensiva, a fim de ser preparados para a visão que teriam de mim, conectado a tubos e fios, literal e figurativamente gélido. Tive minha própria conselheira, que me estimulou a fazer perguntas. Ela concordou, sem hesitar, com a minha condição formal de que, se eu caísse em colapso ou sofresse danos cerebrais, os cirurgiões terminariam a operação e me deixariam morrer. Nem eles nem eu sentíamos-nos obrigados a uma indesejada vida vegetal.

A seguir, cuidadosa e pacientemente, ela começou a explicar as rotinas da operação, a longa e misericordiosa anestesia, o período de cuidados intensivos, as estranhas experiências emocionais que se sucederiam. Ela me explicou que, após o tratamento intensivo, eu seria colocado em um quarto com dois leitos, junto com um paciente poucos dias adiantado em relação a mim. Era o sistema de companheirismo, o mais forte orientando e apoiando o mais fraco. No momento devido, esperava-se que eu assumisse o papel de apoiador do mais fraco. Por fim, a orientadora e eu fizemos uma revisão do que fora dito. Ela se retirou. Vieram as enfermeiras, que me prepararam e me pré-medicaram para a cirurgia na manhã seguinte.

O último visitante do dia foi o capelão católico que fora chamado pela minha esposa para me ministrar os últimos ritos que a

Igreja aplica àqueles em perigo de morte. Depois que ele se foi, tive uma estranhíssima sensação. O ato fora piedoso — bom e adequado. Se eu morresse, estaria na casa na qual nasci. Todavia, algo do ato pareceu-me redundante. O símbolo tornara-se realidade. O relacionamento entre mim e o Criador já estava solidificado. Minhas imperfeições pessoais nada tinham a ver com o assunto. Vivo ou morto, eu jazia nas mãos do Onipotente. Sabia, com absoluta certeza, que não poderia fugir delas.

Eu não conseguia rezar. Conseguia, apenas, contemplar. O término dessa meditação, contemplação ou jornada mental, dê-lhe o nome que desejar, deu-se às primeiras horas da manhã. Ela tomou, aproximadamente, esta forma:

Você me deu a vida. Eu não a pedi. Entretanto, tal como ela é, você me deu. A dádiva parece algo desalinhada e desfigurada, neste momento. Mas, enquanto a tive, amei-a. Desde que você a queira, eu a cedo, com a minha gratidão — e com amor ao desconhecido dador. Se, por fim, você me considera imerecido, neste caso eu também concordo. Eu não poderia proceder de outra maneira.

Depois disso, de alguma estranha maneira, o sacramento completou-se. O último ato chegara ao fim.

Jamais senti necessidade de revisá-lo ou de me retratar.

Dessa forma, surpreendentemente até para mim mesmo, logrei perfeito entendimento com a morte. Havia juntado as minhas às mãos do Irmão Morte, concordando em caminhar para onde ele quisesse levar-me. Meu consentimento era um ato de gratidão por tudo o que me fora concedido ao longo de minha vida. Se, agora, eu era convocado a renunciar a ela — Amém, que assim seja; obrigado pela dádiva!

Da operação em si, pouco sei. Fiquei anestesiado durante a maior parte das quarenta e oito horas que se seguiram. Vagueei de volta à consciência aos poucos, em meio a breves intervalos de dor, desconforto e confusão, além de vagas recordações de movimentos e vozes.

Despertei para deparar com minha esposa e meus filhos sorrindo para mim.

A maravilha desse momento desperto jamais me abandonou.

A morte abriu a mão. Eu estava de volta, cercado pelos que amava e que me amavam. Era como Lázaro a caminhar para fora do túmulo, piscando os olhos, inseguro face à luz do sol.

O impacto da emoção fora excessivo para suportá-lo.

Ri e chorei ao mesmo tempo, sofrendo incrivelmente, pois meu esterno fora serrado, dividido em duas partes e, com grampos, mantido aberto para que os cirurgiões fizessem o trabalho e, a seguir, costurado com fios de aço. Essa foi a segunda, e extraordinária, sensação invasão, violação total e absoluta da fonte de minha vida.

Meu amigo e colega, Jon Cleary, que já havia se submetido a cirurgia similar, a definia como "o corpo a chorar pelo que lhe haviam feito". Ao que, visto que também era comediante, acrescentara pungente e maliciosa reflexão: "Fique atento às velhotas na rua, Morris! A visão delas não é boa. São capazes de colidir com você!" Esta sensação de fragilidade física e psíquica durou longo tempo. Fiquei sujeito a lúgubres e súbitos períodos de depressão e a momentos de exaltação. Em um momento, sentia-me dependente como uma criança, à procura de segurança após um pesadelo; logo depois, ficava irado e frustrado pela minha impotência. Minha memória, para eventos de curto prazo, tornou-se falha; minha tolerância ao estresse emocional ficou bastante reduzida. Os controles foram sendo restaurados bem devagar, mas minha família e eu aprendemos a ser cuidadosos e gentis reciprocamente. A solução que logrei encontrar foi a de simplesmente avisar: "Desculpem, mas hoje meu dia não está nada bom", e, a seguir, retirava-me para ler, descansar ou ouvir música, até que a obscura cerração se dissolvesse.

Esse foi o lado desagradável da experiência. O lado suave e iluminado foi a sensação diária de novidade, de preciosidade. Pergunte a qualquer um que tenha sobrevivido a uma cirurgia cardíaca e receberá a mesma resposta. Cada hora, cada dia, é um prêmio. Você aprecia as pessoas. Você compreende como elas são, ou podem vir a ser, tão frágeis e temerosas quanto você tem sido — e, uma vez que saiam para a longa caminhada com o Irmão Morte, elas, em relação a você, estarão perdidas para sempre. Você não

mais estimula a discórdia. Você debate. Você não se apega às coisas porque, afinal, o Criador não fechou a mão sobre você, mas o deixou quietamente sentado, tal como uma borboleta, em Sua palma.

Na medida em que você se torna mais forte, percebe que, embora não tenha parado de envelhecer, pelo menos se torna mais velho melhor e mais vagarosamente do que antes. Escadas e colinas tornam-se mais fáceis de escalar.

Você se torna mais atento às discussões. Escuta com maior percepção. E, desta vez, não está brincando. Você é Lazarus redivivus, Lázaro ressuscitado.

Existe outra coisa mais que você aprendeu — algo um pouco difícil de ser compartilhado. A experiência como Lázaro é, com efeito, um duplo reencontro. Você não sabe onde nem quando, mas tem a certeza de que terá outro encontro com o Irmão Morte e que tornará, nesse momento, direção oposta. O fato estranho, peculiar, é que você não mais se sentirá atemorizado. O rosto do lúgubre irmão é mais familiar e mais amigável.

Esta é a essência do que tentei expressar no romance O milagre de Lázaro, no qual me permiti dizer coisas que jamais teria exposto em uma narrativa pessoal. Eis, a seguir, as palavras que coloquei na boca do papa:

...chega um momento em que se fica consciente de que se está prestes a sair da luz para as trevas, passar do conhecido para o desconhecido, sem garantia de retorno. É um momento de lucidez e serenidade, em que se sabe, com uma estranha certeza, que tudo o que espera para recebê-lo é bom, benéfico, afetuoso. Está-se consciente do preparativo para esse momento, não por qualquer ação pessoal, mas pela própria dádiva da vida, pela natureza da vida...

E quando, como Lázaro, fui chamado da escuridão, quando me descobri ofuscado pela luz de um novo dia, compreendi que minha vida nunca mais poderia ser a mesma.

Quero que compreendam, meus caros irmãos, que não falo de milagres, revelações particulares ou experiências místicas. Falo de metanóia, aquela mudança no eu que ocorre justamente por causa de sua impressão genética, não em contradição, a Marca de Deus.

Nascemos para morrer; portanto, de alguma forma misteriosa, estamos sendo preparados para morrer. Da mesma forma, crescemos para uma adaptação aos maiores mistérios de nossa existência.

O que quer que eu seja, sei que não sou um invólucro de carne com uma alma por dentro. Não sou um junco de pensamento de Pascal com um vento fantasma a assoviar através de mim.

"Depois da mudança que descrevi, ainda era eu mesmo, pleno e inteiro, mas com um eu renovado e mudado, assim como o deserto é alterado pela irrigação, como a semente é transformada numa planta verde na terra escura..." O tempo não é mais um inimigo. Cada instante é uma dádiva sem preço.

Um dos mais ternos momentos de minha vida ocorreu há poucos meses. Eu estava proferindo uma conferência para uma turma de estudantes universitários. Quando a reunião chegou ao fim, uma jovem, no começo de seus vinte anos, aproximou-se e disse-me, com toda simplicidade: "Gostei muito da conferência, porém o que mais apreciei foi que conheci um homem realmente feliz." Eu não havia, antes, pensado dessa maneira, mas, sim, é verdade. Sou um homem feliz. A minha vida é rica em amor e ainda tenho tempo para consumi-lo. Quanto tempo, só Deus sabe, e não estou pressionando-o para que me diga. Sou um feliz esbanjador dos dias dourados que me foram concedidos.

Isso não significa que inexistem sombras em minha vida, nenhum vestígio de cólera, nenhuma memória a Lázaro de meus melancólicos dias de jovem enclausurado antes que a pedra fosse afastada da entrada da tumba, e eu, imóvel, temeroso, ficasse piscando à nua luz de um novo mundo. Essa sensação de estranhamento e isolamento jamais se afastou completamente de mim.

Confesso que, por vezes, me sinto como um daqueles primevos viajantes que se dirigiam, quem sabe, de Éfeso a Corinto e estabeleceram contato com a comunidade de crentes cristãos naquela cidade. Era uma cidade bastante diferente daquela que ele deixara.

Hábitos e costumes eram diferentes. A comunidade local de

crentes não estava, necessariamente, bem disposta em relação aos costumes estrangeiros. Talvez ela o encarasse como um exótico escandaloso. Escândalo no templo não é novidade. Jesus Cristo era uma semente de escândalo. Ele harmonizou-se com os coletores de impostos e com as mulheres públicas. A Igreja, em Jerusalém, por pouco não estava dividida devido à insistência na circuncisão e no corte kosher da carne. O testemunho de Paulo, em relação a Pedro, é: "Eu o enfrentei em público." Após a destruição de Jerusalém pelos romanos, os gentios e as comunidades judeu-cristãs no exterior mostraram-se muito cautelosas para que não se identificassem com os grupos judeus e, devido a isso, as primeiras comunidades judeu-cristãs ficaram debilitadas.

Apesar de todas essas divisões e diferenças, existia entre os crentes um fundamental sentimento de unidade.

Todos eram recipientes da boa nova. Todos haviam aceito Jesus Cristo como o único Senhor, o Salvador.

Todos compreendiam o que Paulo queria dizer quando afirmou: "E ninguém poderá dizer: 'Jesus é o Senhor!', a não ser sob a ação do Espírito Santo." Esta recepção do Espírito, este reconhecimento do Espírito, era o único fator de unificação em meio à diversidade de povos, de idiomas, de costumes e de decência social.

Portanto, conforme os antigos costumes preceituavam, ofereço, neste ponto, meu testemunho pessoal. Onde me situo? Sou um crente. Nasci e fui batizado na comunidade da Igreja Católica Romana. Toda a minha educação condicionou-me a acreditar nas doutrinas da Igreja — e em muitas outras coisas que não constituem parte essencial da doutrina.

Minha experiência adulta forçou-me a questionar tudo o que eu havia aprendido. Sou, ainda, um questionador, pois encaro a vida cristã como uma procura, não uma chegada. Não rejeitei nada que seja essencial à minha profissão de fé. Permaneço, assim, cristão e membro desse corpo visível de cristãos que é a Igreja Católica Romana.

Não é difícil para mim acreditar na existência de Deus. Para mim, a palavra Deus são quatro letras, no alfabeto romano, que

significam o Desconhecido e o Incognoscível que é a origem ativa do universo. Não vejo, sinto ou escuto este Desconhecido em quem, não obstante, tenho consciência de que amo, atuo e tenho meu ser. Meu ato de fé é um salto diário através de um arco de papel. Acredito que o salto é não menos razoável — e, para mim, é mais razoável — do que o procedimento dos que permanecem parados e não pulam. Eu não os censuro, porém. Houve uma época em que afirmar que o homem poderia voar até a lua era um risco que poderia levar à fogueira como feiticeiro. Algum tipo de dádiva — no vocabulário cristão dá-se o nome de graça — é sempre necessário para provocar uma projeção do conhecido ao desconhecido.

Creio na unicidade de Deus, pois, apesar da diferença e da contradição, estou cômico de uma unidade no universo visível. Um padrão é visível — um padrão evolutivo de crescimento e desenvolvimento na ordem física e na ordem da percepção. Neste padrão, a expressão "paternidade de Deus" expressa unidade em nossa origem, unidade em nossa mútua existência e uma tendência, pelo menos, rumo a um fim unificado. Não discuto com aquelas mulheres que exigem demonstrações da divindade que abranjam seus egos fêmeos. Tenho consciência das deficiências em todas as línguas — e o peso e poder da imagística patriarcal.

Qualquer coisa que se incline a confirmar nosso sentimento de unidade e de harmonia vejo-a como algo bom; qualquer coisa que se incline a destruí-lo, eu encaro como maligna.

Experiencio o gênero humano como uma família, em que pesem as suas desuniões homicidas. Sem amor o animal humano torna-se subumano. Há uma marca de amor sobre todo o universo, embora a maior parte dela seja desfigurada pelo ódio e pela violência. Há uma marca de ordem sobre todo o universo. Existe um pulsar de energia eterna. Existe a marca do Criador. Como a criação foi feita, não sei. Entretanto, as palavras de Teilhard de Chardin fazem profundo sentido para mim:

"Deus faz com que as coisas se façam por si mesmas." Declamo o tradicional credo niceno. Não posso, no entanto, explicar a encarnação, morte e ressurreição de Cristo, ou o significado do Pentecostes, quando a, primeira comunidade foi iluminada com o

Espírito. E difícil para o indivíduo contemporâneo ingressar, até mesmo, no contexto físico da época em que o Cristo viveu e em que suas pregações foram realizadas. Não sei o que aconteceu no primeiro dia pascal. Aceito a ressurreição com fé através dos testemunhos verbais dos apóstolos.

Por mais estranho que pareça, sinto-me mais capaz de aceitar estas coisas no contexto de um mistério ainda maior: o mistério do ato criativo primordial, o como e o porquê dele... Se a divindade investiu-se ela mesma com sua criação, o mistério da encarnação parece constituir parte natural do mistério primordial. É somente quando tentamos pô-lo à parte, com a nossa razão limitada e a nossa limitada lógica que nos vemos em apuros. Em assuntos de fé, em assuntos de destino humano, fico contente com uma afirmação abrangente: ninguém escapa das mãos do Deus vivo.

"A Igreja", em linguagem comum, significa a família visível dos que crêem. De um ponto de vista amplo, ela representa a extensa família do gênero humano abrigada na matéria na qual Deus não desprezou em abrigar-se ele mesmo. E sou parte dessa extensa família.

Em uma família, hierarquia e autoridade são naturais e necessárias. Aceito o princípio da autoridade. Insisto, também, no meu direito natural de desafiar a pessoa que a exerce se eu acredito que ele, ou ela, a está usando de forma errada. Na família, o respeito mútuo, amor e apoio são primordialmente essenciais. Todos somos criaturas dependentes que sequer conseguimos sair de forma decente da vida sem o auxílio de nossos semelhantes.

"Todos somos membros, recíprocos." Muitas, se não todas, dificuldades do século XX derivam do fato de que a nossa Igreja desenvolveu-se, historicamente, para algo mais e para algo menos do que uma família. Ela se tornou uma organização, uma instituição, um sistema altamente centralizado. Nisso seu lado humano é extremamente imperfeito. Suas imperfeições recaem, pesadamente, sobre os ombros dos fiéis e desencorajam muitas pessoas de boa vontade em entrar em comunicação com ela — uma comunicação que, para alguns, possa se ampliar até a total comunhão.

O segundo Concílio Ecumênico do Vaticano pôs em movimento

mundial uma mobilização pela reforma e renovação interna da Igreja, porém persiste a convicção, entre muitos católicos, de que o trabalho de renovação está se desenvolvendo muito vagarosamente e que está sendo inibido por homens investidos de autoridade que são impassíveis perante a história e têm pouco interesse para se pôr a serviço das almas individuais — o que, acima de tudo, é a missão precípua da Igreja. Eles planejam para o amanhã. Temos de alcançar nossa salvação agora. Precisamos do ministério sagrado agora.

Amanhã poderemos não estar aqui.

O homem moderno desconfia da autoridade porque tem sido ignominiosamente maltratado pelos Estados totalitários. Os católicos modernos têm desenvolvido uma correlata desconfiança acerca das usanças do poder no interior da hierarquia. Eles não são rebeldes; são, porém, suspeitosos. E, mesmo quando se expressam de maneiras diferentes, instintivamente compreendem a máxima de são Bernardo de Clairvaux: *Fides suadenda, non imponenda*, "A fé deve ser persuasiva e não impositiva".

Permitam-me partilhar uma recordação de algo ocorrido há cerca de trinta anos, ainda vívida para mim.

O ano de 1967 foi uma época negra para todos nós.

Os chineses haviam explodido sua bomba de hidrogênio.

A América estava comprometida em sua desesperançada guerra no Vietnã. Os coronéis haviam tomado o poder na Grécia. As sombras do cogumelo atômico pareciam tornar-se mais negras a cada dia. As esperanças de reunião, reconciliação e agiornamento da assembléia cristã estavam se desvanecendo em um crepúsculo de compromissos com o passado assumidos por um papa devoto que não conseguia organizar sua mente.

Vivíamos, à época, bem longe de nossa terra natal, em uma villa além dos muros de Roma, no que era chamada de zona arqueológica. Os campos estavam repletos de ruínas da antiguidade e os pastores das montanhas dos Abruzzi a elas acorriam a fim de apascentar seus rebanhos sob o rigor do frio invernal.

Era, à primeira vista, um lugar pacífico, porém numinoso devido a velhas e sangrentas histórias. Os ciprestes cresciam nos túmulos de homens e mulheres há muito falecidos. As cinzas de

amantes esquecidos, pilhadas de monumentos funerários existentes ao longo da via Antiga, nutriam os campos relvados onde os romanos de hoje vinham fazer amor na suave obscuridade.

No jardim murado de nossa villa eu podia ouvir o rouxinol que jamais vi. Eu rezava a prece de boa-noite com nossas crianças: "Pai-Nosso, que estais no céu..." E, mesmo quando a dizia, eu me interrogava: "Você acredita no que diz? Quanto você acredita e por quê? Em que termos você aceita a duvidosa dádiva da vida e a sentença de morte que a acompanha?" Nesse quase desespero ensombrado tentei obrigá-me a recordar tudo o que me fora ensinado quando criança e como adulto, proporcionado por uma família religiosa com os dons da crença, da esperança e do amor.

No mesmo momento surpreendi-me a me perguntar se os dons não eram uma ilusão: frutos do mar Morto que se transformavam em pó e cinzas na boca.

"Existe um Deus", diziam-me meus preceptores "e a lei de Deus é aplicável à menor partícula de preceito moral e ritual. Existem as mãos e a Igreja e as Escrituras para lhe mostrar como você pode se conduzir legitimamente entre elas." Mas se, no momento em que você mais precisa Dele, quando as bombas começam a cair e os fornos da morte começam a expelir fumaça novamente e os servidores de Deus usam linguagem ambígua e Deus não é encontrado em parte alguma, o que acontecerá, então, aos profetas com suas promessas vazias e à lei tão repentinamente ab-rogada e à justiça tão facilmente transformada em simulacro?

Súbito, senti-me completamente dominado por violenta manifestação de raiva, de terror, de negro desespero face à repetitiva futilidade do esforço humano. Era uma época obscura e perigosa mas, com ela, veio a minha primeira compreensão do paradoxo perene.

Homens predestinados ainda lutam para preservar a ilusão da imortalidade, tratando-a com carinho, assim como Israel, certa vez, acarinhou a Arca da Aliança. O homem, caluniado pela miséria abjeta, deformado por monstruoso sofrimento, ainda tenta manter a dignidade tal como um templo violado em um vasto e estéril deserto. O homem, degradado pela tirania, ainda sonha com a

justiça — distribuindo-a de maneira incerta e irresoluta. O homem, sentenciado à morte, ainda planta macieiras cujos frutos ele jamais comerá, ergue gigantescas cidades para que nelas outros homens vivam, ascende a grandes distâncias rumo à gélida lua e a planetas secretos em um espaço hostil. Até mesmo o hedonista lança seu próprio desafio ao miserável comércio da vida — vinho doce servido aos deuses ausentes, delicados beijos desperdiçados em jovens felizes antes que definham e se tornem mulheres encarquilhadas e desdentadas. O estoicismo é outro tipo de desafio; mas, em certo sentido, este é o mais obscuro de todos os gestos.

Os crentes são felizes. Eles fazem pouco da sentença de morte, assim como os domadores de touros na antiga Creta, convencidos de que um dia uma última cambalhota irá projetá-los do envoltório de carne para a pacífica eternidade da união com o Uno que está oculto sob a máscara do Múltiplo...

A fim de sobreviver face à ameaça de loucura em um mundo louco, resistir ao impulso à fuga psicótica de situações muito complexas de serem enfrentadas, é preciso encontrar um ponto de vista do qual não se possa retroceder, do qual se possa confiar em progredir rumo a um entendimento mais profundo e a uma aceitação mais satisfatória da existência de cada um e do universo que todos nós tão rapidamente ocupamos.

Poderá ser o ponto de vista do existencialista que diz: "Isto é o que sou. Isto é tudo o que sei. Eu preciso, portanto, chegar a um entendimento com a existência para o melhor e para o pior." Poderá ser a posição do crente que diz: "Eu acredito deste modo, e acreditar me proporciona todas as respostas de que necessito para sobreviver." Poderá ser a do agnóstico que diz: "Eu não sei. Eu assumo a responsabilidade por não saber." Chegar a um ponto de vista envolve um ato de aceitação, um ato de fé ou de não-fé, não importa. Sem este ato é impossível a sanidade. Existirá, apenas, a uivante confusão de uma terra árida.

Conheço essa terra árida. Escutei os ameaçadores ventos que por ela gemem. Vi seus penhascos soturnos e estéreis refletidos nos olhos de homens e mulheres e crianças feridas. Aprendi a jamais julgar um deles, nunca fechar meu coração a eles ou recusar a mão

amiga.

Aprendi a ser grato ao pequeno círio que ilumina os meus titubeantes passos e a esperar que, quando ele se consumir, eu possa caminhar até a iluminação final.

Pois estou certo de que nem a morte, nem a vida, Nem os anjos, nem os principados, nem os poderes, Nem as coisas presentes, nem as coisas que virão, Nem a força, nem a altitude, nem a profundidade, Nem qualquer outra criatura, Serão capazes de nos separar do amor de Deus Que existe em Jesus Cristo nosso Senhor.

FIM

Agradecimentos

O autor deseja agradecer a Time Inc. pela autorização para reproduzir integralmente o obituário de Sua Santidade o papa João XXIII, que a revista Life encomendou e publicou. Seus agradecimentos são extensivos, também, à Compañía Perlina S.A. e à Melaleuka East Investments Pty Ltd., as quais controlam e administram todos os seus direitos e que permitiram o uso de algumas transcrições de discursos e escritos aqui incorporados.

Este livro foi composto na tipologia Venetian em corpo 14/15 em impresso em papel Offset 75g/m² no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

Se estiver interessado em receber sem compromisso, grátis e pelo correio, notícias sobre os novos lançamentos da Record e ofertas especiais dos nossos livros, escreva para RP Record Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ — CEP 20922-970, dando seu nome e endereço completos, para efetuarmos sua inclusão imediata no cadastro de Leitores Preferenciais. Seja bem-vindo.

Válido somente no Brasil.